

**CARLOS GONÇALVES TERRA**  
**OS JARDINS NO BRASIL DO SÉCULO XIX :**  
**GLAZIOU REVISITADO**

**Dissertação de Mestrado em História da Arte**



**Universidade Federal do Rio de Janeiro**  
**Centro de Letras e Artes**  
**Escola de Belas Artes**  
**Rio de Janeiro**  
**1993**

CARLOS GONÇALVES TERRA

**OS JARDINS NO BRASIL DO SÉCULO XIX : GLAZIOU REVISITADO**

Dissertação de Mestrado em História da Arte

Orientador: Guilherme Sias Barbosa

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes  
Escola de Belas Artes

Rio de Janeiro, 1993

TERRA, Carlos Gonçalves

Os Jardins no Brasil do Século XIX : Glaziou Revisitado. Rio de Janeiro, UFRJ, EBA, 1993.

xi, 272f.

Dissertação : Mestre em História da Arte (História e Crítica da Arte)

1. Jardins Século XIX no Brasil 2. Auguste François Marie Glaziou 3. Evolução dos Jardins 4. Paisagismo

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro

II. Título

CARLOS GONÇALVES TERRA

OS JARDINS NO BRASIL DO SÉCULO XIX : GLAZIOU REVISITADO

Dissertação submetida ao Corpo Docente da Escola de Belas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.




---

Guilherme Sias Barbosa  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



---

Sonia Gomes Pereira  
UNI-Rio



---

Miriam Terezinha de Carvalho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
dezembro de 1993

## O JARDIM

O jardim é verde, encarnado e amarelo.  
Nas alamedas de cimento,  
movem-se os arabescos do sol  
que a folhagem recorta  
e o vento abana.

A luz revela orvalhos no fundo das flores,  
nas asas tênues das borboletas.  
-- e ensina a cintilar a mais ignorada areia,  
perdida nas sombras,  
submersa nos limos.

Ensina a cintilar também  
os insetos mínimos,  
-- alada areia dos ares, que se eleva  
até a ponta dos ciprestes vagarosos.

Pássaros que jorram das altas árvores  
caem na relva como pedras frouxas.  
As borboletas douradas e as brancas  
palpitam com asas de pétala,  
entre água e flores.  
E as cigarras agarradas aos troncos  
ensaíam na sombra suas resinas sonoras.

Essa é a glória do jardim,  
com roxos queixumes de rolas,  
pios súbitos, gorjeios melancólicos,  
vãos de silêncio,  
música de chuva e de vento,  
débil queda de folhas secas  
murmúrio de gota de água  
na umidade verde dos tanques.

Quando um vulto humano se arrisca,  
fogem pássaros e borboletas;  
e a flor que se abre, e a folha morta,  
esperam, igualmente transidas,  
que nas areias do caminho  
se perca o vestígio de sua passagem.

Cecília Meireles  
(Obra Poética, Volume Único, p. 292)

A

**ALMIR PAREDES CUNHA**

que através de sua erudição, amizade e incentivo, fez com que eu optasse pelo mundo mágico da arte, e, com seu apoio ultrapassasse mais este obstáculo.

## AGRADECIMENTOS

Ao professor *Guilherme Sias Barbosa*, que com suas novas idéias, sempre me incentivou a buscar novas informações.

A todos os professores que ministraram disciplinas no decorrer do Curso, a quem devo a maioria dos conhecimentos adquiridos.

À professora *Maria Luiza Falabella Fabrício*, que prontamente sempre cedeu informações e colaborou na revisão desta dissertação.

Às professoras *Sonia Gomes Pereira*, *Angela Ancora da Luz*, *Maria Luisa Luz Távora*, *Cybele Vidal Fernandes Neto* e *Clara Lisboa* que sempre me incentivaram na carreira do magistério e continuam me apoiando na batalha diária da História dos Jardins.

Ao professor *Marcos Pires de Campos*, pelas valiosas "dicas" e pelo empréstimo de livros, contribuindo para a ilustração deste trabalho.

Ao professor *Agenor Rodrigues Valle*, que sempre buscou informações que poderiam contribuir para o desenvolvimento da dissertação.

À professora *Maritza Malta* pela colaboração na busca de textos e poemas sobre flores.

À museóloga *Vera de Figueiredo Barbosa*, da Biblioteca do Horto - Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, pela coleta de dados relacionados a Glaziou.

A *Sérgio Ballousier Ancora da Luz*, por ter aberto seu arquivo iconográfico sobre a cidade do Rio de Janeiro.

A *Jurema Seckler*, da Fundação Casa de Rui Barbosa, pelo fornecimento do material sobre jardins históricos.

Ao *Arquivo Nacional*, que permitiu a microfilmagem dos documentos referentes ao Campo de Santana.

Ao *Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, seção de iconografia, que generosamente permitiu a reprodução das plantas de Glaziou.

Ao Parque e Jardins através do órgão *Monumentos e Chafarizes*, que colocou a disposição o acervo para a realização da pesquisa.

Ao *Arquivo do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural (IBPC)*, por fornecer material iconográfico e textos para consulta.

A *Biblioteca e o Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa*, pela colaboração durante a pesquisa.

A *José Luiz Faria*, da seção cartográfica, do Arquivo Nacional, pela gentileza na ajuda da seleção de plantas e mapas.

À *Marise Malta*, minha grande amiga, que nas horas difíceis, foi o meu muro das lamentações.

À secretária *Suely de Lima Teixeira* que com sua calma e paciência, suportou os momentos de aflição, característico de um mestrando.

Aos *jardineiros* que ainda mantém preservados nossos jardins, pois foi devido a eles que boa parte deste trabalho pôde ser desenvolvido.



## RESUMO

### OS JARDINS NO BRASIL DO SÉCULO XIX : GLAZIOU REVISITADO

Nos séculos em que se desenvolve a história humana, os jardins tiveram suas interpretações características ligadas ao pensamento estético do período, principalmente no que tange ao seu planejamento. No Brasil não havia uma tradição de se construir grandes jardins e é a partir do século XIX que a preocupação em valorizar a natureza leva a sua elaboração, adaptada ao nosso modo de vida. A chegada da Família Real implanta hábitos nos moldes das cortes européias, cujas transformações atingem, não só as artes plásticas, como a concepção e execução dos jardins. A chegada dos primeiros "botânicos" europeus e, paralelamente, a elaboração crescente de um discurso higienista, nascente, concorre para a integração dos elementos da flora local ao próprio traçado da cidade como reação e simultânea solução ao problema do adensamento urbano. Os aspectos dos nossos jardins no século XIX restringe-se às soluções européias, principalmente às inglesas, pois estas serviram de modelo aos jardins franceses, herdados pelos nossos artistas. Auguste François Marie Glaziou, botânico-paisagista, chega ao Brasil em 1858, à convite de D. Pedro II, para ocupar o lugar de Diretor Geral de Matas e Jardins. Através de seus trabalhos, ele faz a adequação da flora autóctone aos elementos europeus. Suas principais obras, realizadas no Rio de Janeiro, e que ainda mantêm a maioria das características - reforma do Passeio Público, Quinta da Boa Vista e Campo de Santana - são analisados, bem como, a ligação direta existente entre um botânico-paisagista francês e o ambiente brasileiro do século XIX.

## ABSTRACT

### THE NINETEENTH CENTURY BRAZILIAN GARDENS : GLAZIOU REVISITED

Along the History of mankind gardens have had their characteristic interpretations linked to the aesthetic thinking of each period, especially those regarding their planning. Brazil had no tradition concerning large gardens and it is only after the nineteenth century that the rising love of Nature leads to the development of this art among us. The forthcoming of the Royal Family raises here similar habits to those cultivated in European courts, including the care for Art in general and for the art of gardenning in particular, adapted to the Brazilian way of life. The first European "botanists" arrive and "sanitarist discourses" are born and have grown since then, leading to the integration of the local flora to the outline of the city. This also means a reaction and, at the same time, a solution to urban concentration. Brazilian nineteenth century landscape planning took after European ones, especially English, since they are the models for the French gardens, inherited by our artists. Auguste François Marie Glaziou, a French botanic landscaper, arrives in Brazil in 1858, invited by D. Pedro II to become "Diretor Geral das Matas e Jardins". It is through his works and studies that European elements are fit to our flora. Glaziou's outstanding productions created in Rio de Janeiro, especially those which keep their original features (Passeio Público adaptation, Quinta da Boa Vista and Campo de Santana) are analized in this dissertation. The links between the French landscape architecture and the Brazilian environment in the last century are also focused in the present work.

## SUMÁRIO

1. <u>INTRODUÇÃO</u> .....	1
2. <u>A SENSIBILIDADE NA ELABORAÇÃO DA ARTE DOS JARDINS</u> .....	8
3. <u>A EVOLUÇÃO DO PAISAGISMO NO BRASIL</u> .....	43
4. <u>AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU : UM BOTÂNICO-PAISAGISTA</u> <u>NO BRASIL</u> .....	75
4.1 A VIDA DE GLAZIOU .....	75
4.1.1 <u>Da Bretanha a Paris</u> .....	75
4.1.2 <u>A Vinda para o Brasil</u> .....	77
4.1.3 <u>Atuação no Brasil</u> .....	79
4.2 A OBRA DE GLAZIOU .....	89
4.2.1 <u>Os Exemplos</u> .....	91
4.2.1.1 Paque do Museu Mariano Procópio .....	91
4.2.1.2 Jardins do Palácio Imperial de Petrópolis .....	93
4.2.1.3 Parque São Clemente .....	94
4.2.2 <u>Obras Mais Significativas</u> .....	95
4.2.2.1 Passeio Público .....	95
4.2.2.2 Quinta da Boa Vista .....	99
4.2.2.3 Campo de Santana .....	104
5. <u>CONCLUSÃO</u> .....	120
6. <u>REFERÊNCIAS</u> .....	125

7. <u>ANEXOS</u> .....	138
ANEXO 1 .....	139
ANEXO 2 .....	148
ANEXO 3 .....	151
ANEXO 4 .....	155
ANEXO 5 .....	196
ANEXO 6 .....	198
ANEXO 7 .....	201
ANEXO 8 .....	272

## 1. INTRODUÇÃO

"Deus todo poderoso primeiro plantou um jardim, e de fato ele é o mais puro dos prazeres humanos. Ele é o maior consolo para o espírito do homem".

Francis Bacon

O homem modifica, altera, destrói e cria sobre a epiderme da terra, algumas vezes com graça, sensibilidade e arte. O jardim como representação ordenada do mundo natural, segundo imagem do mundo real e com origens em arquétipos mitológico-religiosos, tem suas bases na idéia do Paraíso ou Éden, presente em todas as culturas e religiões.

No Brasil, não há uma longa tradição na elaboração de grandes jardins, pois é só a partir do final do século XVIII que nasce a preocupação em criá-los. Adaptados ao modo de vida local, vêm estimular a sensibilidade para a fruição da natureza.

Essa prática se tornará mais freqüente no século XIX, período em que se procederá à transformação da paisagem natural, baseada nas soluções características dos países que têm uma herança significativa na arte dos jardins. É também no oitocentos que os botânicos/paisagistas vão ser constantemente solicitados a auxiliar o aprimoramento dessa arte.

Dentre os inúmeros nomes que se apresentam no panorama do paisagismo internacional, a escolha de Glaziou como tema da presente dissertação foi motivada por ser ele o profissional mais citado na historiografia sobre o assunto e, sobretudo, por ter ele interferido de maneira direta em vários jardins brasileiros. Chegou ao Brasil no século passado a convite de D. Pedro II para ocupar inicialmente

o cargo de Diretor Geral de Matas e Jardins e aqui permaneceu por 39 anos, deixando marcas profundas no paisagismo brasileiro nascente.

A natureza brasileira sempre foi motivo de admiração por parte de todos os viajantes que aqui vinham por lazer e curiosidade ou na busca de novas espécies da nossa flora. Entre tantos deles, que nos deixaram suas impressões, Herman Burmeister foi um dos mais enfáticos ao expressar o sentimento que a natureza carioca tinha lhe proporcionado, tendo ficando gravadas em seu íntimo as emoções do primeiro contato. Burmeister registrou em seu diário:

Esse cenário natural levou-me à tentação de fixar em meu caderno a grandiosa impressão que me causava a vista do Novo Mundo. Sentei-me de pronto numa mesa e esbocei, em cores naturais, aquela paisagem, que ainda hoje guardo na memória com a máxima nitidez. Mais tarde, porém, quando pude contemplar bem de perto aquela natureza cuja vista me deixara extasiado, tudo me pareceu muito mais belo do que se aparentara à distância. ... uma paisagem virgem iluminada por um céu tropical"<sup>1</sup>.

A opção pelo século XIX - que completa a primeira, isto é, a obra de Glaziou - foi ditada pela constatação de que é necessário iniciar-se um trabalho metódico de pesquisa sobre o assunto, pois existe apenas um escasso número de publicações relacionadas a uma época, tão importante para a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, ao se estudar a criação e a execução de alguns jardins no Brasil, desse período, poder-se-á entender o pensamento daquele momento, no tocante ao paisagismo no nosso País. Esse entendimento virá, possivelmente, como explicação para a internacionalidade do Brasil no paisagismo moderno.

Por se tratar de assunto muito amplo, pois o profissional escolhido muito produziu, aqui e no exterior, a dissertação limita-se, quase exclusivamente, ao

---

<sup>1</sup> BURMEISTER, Hermann. Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais : visitando especialmente a história natural dos distritos auri-diamantíferos. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980 , p. 48.

período em que Glaziou permaneceu no Brasil, 1858 a 1897, sem deixar de abordar, de maneira sucinta, os antecedentes de sua formação e atuação na França, e de fazer uma abordagem geral do desenvolvimento da história dos jardins no ocidente.

Embora centrando-se no Rio de Janeiro, algumas incursões serão feitas em outras regiões, através de exemplos situados em outras cidades, para servir de referência ao estudo ou, ainda, possibilitar o enriquecimento das informações relacionadas ao tema abordado.

Assim, fica patente que não é objeto desta dissertação o estudo global da obra realizada pelo paisagista no Brasil. A intenção é aprofundar a análise dos exemplos mais significativos da cidade do Rio de Janeiro, sem deixar de mencionar, entretanto, jardins de residências particulares e logradouros dessa cidade. Além das anteriores, focalizar-se-á alguns em outras regiões do País.

O objetivo principal do trabalho é mostrar a ligação direta existente, entre o pensamento de um botânico/paisagista europeu e o contexto brasileiro do século XIX, através da adaptação de seus conhecimentos na execução de jardins.

Como metodologia de trabalho, estabeleceu-se que a primeira etapa a ser percorrida, seria o levantamento de todo o material relacionado ao paisagismo no Brasil do século XIX, de maneira geral, e daquele referente a Auguste François Marie Glaziou, em particular. A literatura específica existente, além de rara, encontra-se de tal modo dispersa que é dificilmente localizada nas principais fontes de referência e bancos de dados existentes ou acessíveis a partir do Brasil.

Através do levantamento feito em arquivos, museus, bibliotecas, associações, instituições, fundações e coleções particulares, coletou-se o material iconográfico disponível, que possibilitasse a compreensão do período em questão.

A revisão da literatura encontrada proporcionou a criação de um texto que juntou, de forma original, documentos pouco conhecidos, acrescentando-se

também, sempre que necessário, mapas, plantas e fotos de jardins para o melhor entendimento dos fatos mencionados.

Optou-se por dividir o trabalho em três capítulos, que buscarão, num encadeamento de pensamentos, preencher determinadas lacunas existentes em relação ao desenvolvimento do paisagismo brasileiro no século passado.

No primeiro capítulo - **A Sensibilidade na Elaboração da Arte dos Jardins** -, é traçado um perfil histórico que parte da estrutura mais simples da "paisagem" elaborada pelo homem, até àquelas de elaboração mais complexas, representadas pelas soluções italianas, francesas e inglesas, dos séculos XVI ao XIX. Também é estabelecida a diferença entre o pensamento matemático-espacial do arquiteto, que culmina com um jardim racional, e aquele relacionado ao pintor, cuja solução por planos bidimensionais está ligada às teorias pictóricas. Os exemplos dos jardins que mostram claramente essas diferenças são, dentro do possível, referidos e analisados, com especial atenção para seus aspectos mais relevantes. É abordada, ainda, a radical mudança sofrida pelos jardins do século XVIII na Inglaterra e que chega à França no XIX, por serem aqueles a base de estudo para os nossos jardins. Alguns elementos que compõem os jardins ou os que contribuem para a sua manutenção, e que estão presentes nas análises são explicados através de um glossário básico incluído no final desta Introdução. Uma especial atenção é dada à flor, pois ela faz a sua entrada efetiva e triunfal no jardim do século XIX, principalmente a rosa, por ser ela a predileta do período.

No segundo capítulo - **A Evolução do Paisagismo no Brasil** -, é feita uma tentativa de mostrar o desenvolvimento da "paisagem brasileira", indo, dos aspectos relacionados a uma paisagem natural, sem interferências do homem, até o momento em que um novo pensamento começa a alterar esse *status quo*. Com Maurício de Nassau, estará presente a primeira tentativa de criação de um verdadeiro jardim no Brasil. Mas é somente no século XVIII que ela se efetivará - inicialmente



com alguns jardins botânicos isolados - culminando, no final do século, com o surgimento do Passeio Público no Rio de Janeiro. Também é mencionado o uso de jardins nos diversos bairros do Rio de Janeiro, bem como, a tipologia por eles assumida, mostrando-se, sempre que possível, a ligação existente entre as soluções brasileiras e as francesas.

No terceiro e último capítulo - **Auguste François Marie Glaziou : um botânico-paisagista no Brasil** -, é traçada uma biografia resumida com fatos da sua vida na França, a vinda para o Brasil e a sua atuação profissional nas diversas regiões brasileiras. Será feita uma análise de suas obras, principalmente aquelas situadas no Rio de Janeiro e que ainda mantém a maioria de seus elementos originais.

Para uma melhor compreensão dos termos do vocabulário usado com mais freqüência nas descrições dos exemplos mencionados neste trabalho, e que, em muitos casos, não têm equivalente na língua portuguesa, no que se aplica ao estudo dos jardins, e mais especificamente a esta dissertação, assim são entendidas:

**Caixa Ward** - pequena estufa, geralmente portátil, constituída de uma caixa de placas de vidro, unidas por outro material, cuja forma segue, aproximadamente, o seu modelo arquitetônico, inclusive quanto às características estilísticas.

**Corbeille** - palavra francesa que é utilizada para designar um canteiro exclusivamente de flores e, geralmente, contornado por elementos decorativos - grades de ferro ou madeira, p.ex. - que lhe conferem o aspecto de uma cesta de flores. O significado geral da palavra é cesta.

**Folie** - palavra francesa que denomina o monumento arquitetônico situado em um jardim e caracterizado por um certo grau de excentricidade ou inutilidade

manifesta. A palavra correspondente em inglês é *folly* e tem o significado de loucura em ambas as línguas.

*Ha-ha* - palavra inglesa para designar um fosso, seco ou com água, usado para isolar o jardim da continuação do terreno. Ao contrário das cercas e muros, ele não aparece marcando as fronteiras entre a propriedade e a paisagem e possibilita a integração visual de ambas. Seu correspondente em francês é *saut de loup*.

*Parterres de broderie* - expressão francesa que significa canteiros com espécies vegetais de pequena altura, reproduzindo motivos que lembram um bordado. Os desenhos criados para execução de bordados foram, muitas vezes, utilizados na decoração dos jardins.

*Parterres d'eau* - expressão francesa que significa, literalmente, canteiro de água. No entanto, no vocabulário paisagístico, significa espelho d'água.

*Pelouse* - palavra francesa, utilizada para designar um grande gramado.

*Tapis vert* - expressão francesa, utilizada para também designar um grande gramado.

Acrescentar-se-á, ainda, as definições que se seguem, já devidamente traduzidas:

Jardim - trecho da natureza onde houve a interferência humana mais ou menos profunda. Associa elementos naturais - vegetais, pedras, água e animais -, com os artificiais - arquitetura, mobiliário, escultura, pintura. Divide-se em: jardim público e privado, em relação a sua propriedade coletiva ou particular. Quanto a sua função

classifica-se em: jardim de prazer - o decorativo representando, na maioria das vezes, o *status* social do proprietário; jardim científico - o ligado ao estudo das plantas: jardim botânico; jardim utilitário - o que tem uma utilidade prática: hortas, pomares e/ou de plantas medicinais.

Jardim de Inverno - espaço interior cuja ventilação e cuja iluminação são possibilitadas por grandes janelas de vidro. Difundiu-se no século XIX.

Jardinagem - arte que tem como objetivo a construção e o cultivo dos jardins.

Paisagem - Complexo de interrelações derivados da interação de rochas, água, ar, plantas e animais<sup>2</sup>. No século XVIII, "paisagem" (natureza), confunde-se com a pintura de paisagem, que agora também passa a ter sua autonomia.

Paisagismo - Estudo do aspecto formal, botânico e estético da composição da paisagem.

Paisagista - Pessoa que planeja e compõe paisagens decorativas de jardins e/ou parques<sup>3</sup>. Designação utilizada, também, para significar pintor de paisagens.

Topiária - arte de dar formas diversas - sólidos geométricos, animais etc. - a árvores e arbustos, podando-as ou subordinando o seu desenvolvimento a uma estrutura rígida de maneira que ao crescer adquira a forma desejada definida por essa estrutura.

---

<sup>2</sup> ESCRIBANO, Maria del Milagro et al. El paisaje. Madrid : MOPT, 1991, p. 7.

<sup>3</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1993.

## 2. A SENSIBILIDADE NA ELABORAÇÃO DA ARTE DOS JARDINS

Mutilados jardins e primaveras abolidas  
abriram seus miraculosos ramos  
no cristal em que pousa a minha mão.  
(Prodigioso perfume!)  
Recompuseram-se tempos, formas, cores,  
vidas...  
Ah! mundo vegetal, nós, humanos,  
choramos  
só da incerteza da ressurreição.  
- Epigrama nº 3 - Cecília Meireles

Desde os períodos mais remotos, o ciclo de nascimento das plantas - seu crescimento, a floração e a frutificação - acompanhado pela morte e novamente o renascimento, era atribuído à vontade da divindade. Aliado a esse pensamento, julgava-se que o solo também teria sua parcela de contribuição, pois a ele estaria ligada toda a força e a simbologia relacionada à natureza. No decorrer dos anos, observando os aspectos naturais, o homem percebeu a diferença das diversas épocas, atribuindo, então, símbolos a cada estação.

No entanto, os deuses começaram a fazer parte dessa estrutura, permanecendo assim, civilização após civilização. Dentre a infinidade de deuses que aparecem, inicialmente, ligados aos elementos da natureza e depois à preservação dos jardins encontram-se, particularmente ligados a essa arte, Flora, a deusa da horticultura; Pomona, a deusa dos pomares; e Ceres, a deusa da agricultura.

A natureza era admirada pelo homem - no seu estado primitivo de coletor de frutas raízes e sementes - principalmente pela sua capacidade de proporcionar seu sustento. Quando esse mesmo homem se torna sedentário é chegado o momento de manifestarem-se os primeiros traços de uma vida agrícola, modificando e organizando a natureza virgem. É dessa maneira que surgem os

primeiros jardins, sendo muitos deles dedicados a personalidades ou a divindades protetoras de frutas e flores.

Na elaboração da arte dos jardins, diversos elementos, além dos naturais, estão presentes. Através da evolução desses elementos é que se poderá penetrar no seu mundo mágico, observando-se a transformação da natureza desde a estrutura mais rudimentar até a mais sofisticada. No início, a transformação é ainda simplesmente representada pela abertura de clareiras para o preparo do solo, utilizando, também, esses mesmos espaços com uma proposta estética em sua organização, pois na colocação dos vegetais está presente o pensamento racional.

Pouco a pouco, a transformação vai se acentuando e chega-se à elaboração do projeto de um espaço específico para o jardim.

Quando se fala em jardim, o primeiro pensamento que se apresenta é o da flor. Nem sempre foi assim. Em seu percurso histórico, observa-se que, dependendo de sua ligação a fatores regionais ou a estruturas sociais, culturais e religiosas, ele apresentará outros elementos que levarão o espectador a colocar todos os seus sentidos em alerta. Na maioria das vezes, o jardim foi um espaço organizado pelo homem para que o elemento verde e o ser vivo, existissem em convivência amigável, lado a lado. Em determinados jardins, a atenção é despertada pelo barulho da água, o canto dos pássaros, o barulho das folhas, que colocam a audição de sobreaviso. A ela virão juntar-se a visão, o tato, o olfato e o paladar, que completarão a magia existente naquele espaço pensado e realizado pela mão de um homem, e que se perpetuará também pela de um outro homem - o jardineiro.

Partindo-se do Jardim do Éden<sup>4</sup>, espaço criado para o homem e no qual Deus conferiu a Adão o domínio sobre todas as coisas vivas (*Gênesis*, I, 28), é

---

<sup>4</sup> Éden em sumério significa "planície fértil". A ressonância do termo com a palavra hebraica que significa "delícia", entende-se, também, o jardim do Éden como "jardim de delícias" ou "paraíso".

possível observar-se a presença de um conjunto de crenças e mitos sobre o Paraíso Terrestre. A partir do momento em que a natureza é moldada, trabalhada e até mesmo racionalizada pelo ser humano - arquiteto, jardineiro ou paisagista - ela se emancipa, deixando de pertencer ao mundo natural para fazer parte do mundo elaborado pelo homem, seguindo, dessa maneira, seu próprio curso no decorrer das sucessivas civilizações.

O jardim é a natureza organizada, aparecendo de forma rudimentar desde o início da história humana, quando o homem se preocupou em ligar a natureza a sua residência. Com a evolução das estruturas sociais e culturais surgiram variados tipos de jardins para satisfazer às diversas necessidades do ser humano, da sobrevivência ao lazer. Os primeiros, denominados *utilitários*, para suprir as exigências materiais - plantas comestíveis ou medicinais -, e outros para atender as necessidades espirituais ou a vaidade humana - mostrar o *status* social de seu proprietário - o *jardim de prazer*. Ambos têm características próprias que alteram suas formas, de acordo com os estilos de cada período. As interpretações estilísticas estão ligadas ao pensamento estético-paisagístico da época em que o jardim é elaborado, principalmente no que tange ao seu planejamento formal, influenciado pelo amor a natureza. Não só os paisagistas, mas os próprios poetas ressaltaram a importância dos jardins, como demonstra a obra de escritores que dignificaram suas formas em seus trabalhos. Uma comprovação disso é oferecida pelas palavras de Julia Lopes de Almeida quando lembra que, ao longo dos séculos, a natureza foi glorificada por figuras significativas da história humana:

"Anacreonte cantou as rosas; Homero divinizou os jardins de Corfú, de heras verdes e fontes cristalinas; os vergeis floridos de Siracusa inspiraram ao poeta Theócrito os seus Idílios bucólicos; Virgílio, mestre do divino Dante, amava a sombra das árvores e o aroma das flores pequeninas; Plínio deixou maravilhosas descrições dos jardins romanos de Crasso, Lúculo e Pompeu (...) Horácio cantou o luxo dos jardins de Adriano - Paraíso dos vivos - e fama igual tiveram os jardins de Epicuro em Atenas, onde o filósofo falava aos seus discípulos e os

de Laís em Corinto, tão belos e admirados que ela os deixou em testamento à sua cidade natal. Semíramis, a formosa entre as formosas, rainha da Assíria e fundadora da Babilônia, fez dos seus jardins suspensos a sua maior glória (...) Bacon, o grande escritor inglês, disse nas suas considerações sobre jardins, que, de todas as doçuras da vida humana, as mais puras são as sugeridas por ele (...) Foi devida aos chineses, que tiveram sempre o sentimento do pitoresco e da cor, a criação dos jardins apaisados, cuja imitação pela Inglaterra criou o estilo tão conhecido do jardim-inglês (...) Na Índia colorista e na Persia, davam aos jardins o nome de - Paraisos - e esses, como os do Egito eram todos feitos em taboleiros de forma retangular e avenidas em linha reta (...) Em França, Jean Jacques Rousseau foi um grande defensor dos jardins agrestes. Sob o pretexto de copiar a natureza, chegava-se entretanto muitas vezes a resultados mais ridículos do que formosos (...)<sup>5</sup>.

Desde o seu aparecimento, o jardim esteve ligado a dois aspectos básicos: a imagem tridimensional ou espacial, e a bidimensional ou plana. A primeira está intimamente ligada à visão arquitetônica da paisagem e por isso podemos chamá-lo o jardim do arquiteto e a segunda sugere a solução de paisagem pictórica e, portanto, o jardim do pintor. Por isso Kruff diz que a teoria da jardinagem se move num âmbito intermediário entre a agricultura, a teoria da arquitetura e a teoria da pintura<sup>6</sup>.

Podemos dizer que, de uma maneira geral, o Ocidente é dirigido para a solução espacial - imagem tridimensional - ou arquitetônica, enquanto o Oriente volta-se para o aspecto plano ou pictórico - imagem representada pela sucessão de planos bidimensionais. Assim, em períodos de influência oriental o jardim ocidental voltou-se para a solução pictórica, como podemos constatar nas soluções hispano-árabes da Idade Média e no jardim inglês do século XVIII.

A imagem espacial do jardim está presente no Ocidente desde a Antiguidade como solução dos espaços interiores e exteriores organizados pelo

<sup>5</sup> ALMEIDA, Julia Lopes de. Jardim florido : jardinagem. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1922. p. 9- 11.

<sup>6</sup> KRUFF, Hanno-Walter. Historia de la teoria de la arquitetura. Madrid : Alianza, 1990. p. 347.

homem para seu prazer ou como símbolos de seu *status* no contexto social e político. O jardim romano e, conseqüentemente, todos aqueles que representam o pensamento racional por ele influenciados - o jardim italiano dos séculos XV e XVI e o jardim francês do século XVII - estiveram ligados ao espaço arquitetônico que vem do jardim do peristilo da casa romana e reaparece nas soluções exteriores das casas ou castelos no campo.

A imagem tridimensional associa-se de maneira íntima ao pensamento racional, representado pela geometria, quer nos seus elementos constituintes como na própria organização composicional. Assim os canteiros, os lagos e até as plantas são tratados como figuras geométricas, sendo a arte topiária uma afirmação desta tendência matemática. A arte de podar certos arbustos com a forma de sólidos geométricos vem desde Roma, passa pelo Renascimento e chega ao jardim do século XVII, na França. A conjugação dos canteiros, dos lagos, dos canais e da arte topiária traz ao observador o aspecto extremamente rigoroso do jardim que está associado a sua visão tridimensional. Ainda em 1638 Jacques de la Barauderie Boyceau em seu *Traité du jardinage selon les raisons de la nature et de l'art* possibilita reconhecer que o jardim é uma continuação do espaço interior da moradia, pois em suas descrições fala de salas, corredores, janelas, portas, cúpulas etc., como elementos da estruturação dos jardins<sup>7</sup>.

Um outro elemento que acentua a visão espacial é a perspectiva concentrada em um único ponto de vista que estrutura toda a composição e é colocado no centro da fachada posterior do monumento arquitetônico. É o ponto ideal para observação do jardim, e de onde ele pode ser apreciado em toda a sua plenitude e magnificência.

É esta a solução dos jardins italianos, cujos exemplos mais significativos são os jardins da Vila d'Este, em Tivoli; e os das Vilas Gamberaia, em Settignano e

---

<sup>7</sup> KRUF. Op. cit. p. 347.



Lante, em Bagnaia. É, também, a dos jardins franceses do século XVII, representados, de maneira magistral, pelos jardins dos Castelos de Vaux-le-Vicomte e de Versailles.

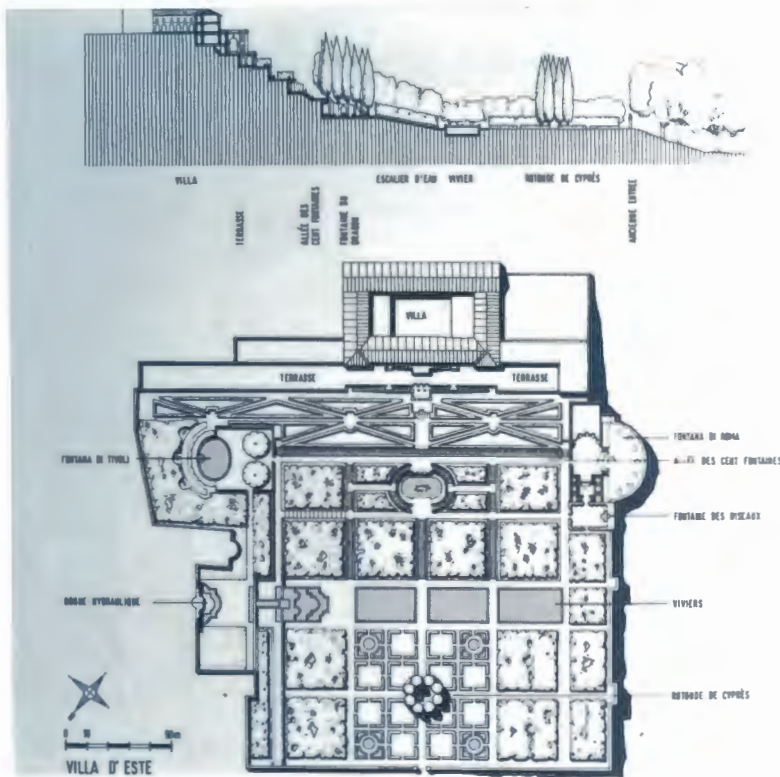
Na Vila d'Este (Il. 1) o observador colocado no centro da fachada posterior da residência vê descortinar-se todo o jardim segundo um eixo longitudinal que abarca não só o jardim propriamente dito, mas toda a paisagem em torno segundo um ponto de vista único. Os elementos componentes em formas geométricas situam-se de um lado e outro do eixo de simetria longitudinal. Infelizmente para a visão de conjunto, o acréscimo de partes complementares nos séculos seguintes diminuiu a rigidez do traçado original.

A Vila Gamberaia (Il. 2), além da composição simétrica, acentua sua imagem geométrica pela inclusão dos elementos da arte topiária, que inclui a presença de um labirinto. Aliás, o labirinto é a materialização do pensamento racional por sua forma matemática elaborada. Ao contrário dos labirintos utilizados no Maneirismo - que são de grande altura, materializando a idéia de confusão e desnorteamento - os renascentistas são baixos destacando, desta maneira, o seu caráter de ser apenas uma figura geométrica.

A Vila Lante (Il. 3) não teve construído o prédio principal propriamente dito, mas apenas os dois pavilhões que se situam nos dois lados do eixo de simetria. No entanto, a composição é nitidamente espacial pela organização de seus elementos desde o ponto de partida da água, uma nascente, que se situa no início do eixo longitudinal, até o lago situado na extremidade inferior do jardim.

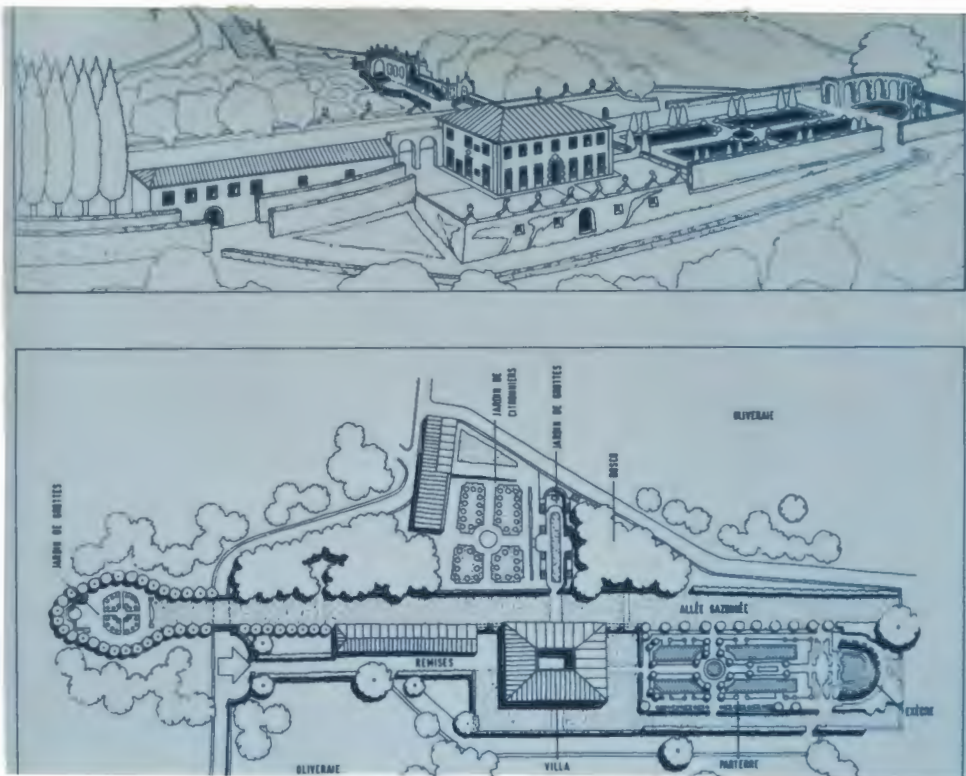
O século XVII, com o desenvolvimento do pensamento científico, acentua os aspectos espaciais do jardim, representado principalmente, pelo jardim francês. As obras de Le Nôtre são o ponto culminante de suas características.

Vaux-le-Vicomte (Il. 4) é o marco significativo e o modelo do qual partem todas as soluções posteriores, inclusive, a mais conhecida - Versailles. Neste jardim, o ponto principal da perspectiva situa-se no centro da fachada posterior do palácio, de onde parte o eixo longitudinal ladeado por canteiros - as *parterres de broderie* -, os espelhos d'água - as *parterres d'eau* - e os elementos da arte topiária representados por arbustos podados em forma de sólidos geométricos.



Il. 1. Vila d'Este, Tivoli, Itália. Corte e planta.

FONTE: MADER, Günter, MADER, Leila Neubert. Jardins italiens. Paris : Office du Livre, 1987. p. 140.



II. 2. Vila Gamberaia, Settignano, Itália. Perspectiva e planta.  
 FONTE: MADER, Günter, MADER, Leila Neubert. Jardins italiens.  
 Paris : Office du Livre, 1987. p. 107.



II. 3. Vila Lante, Bagnaia, Itália. Vista aérea.  
 FONTE: MADER, Günter, MADER, Leila Neubert. Jardins italiens.  
 Paris : Office du Livre, 1987.p. 140



Il. 4. Vaux-le-Vicomte, Melun, França. Vista aérea do castelo e jardins.  
FONTE: BAZIN, Germain. Paradeisos: the art of garden.  
Londres : Cassell, 1991. p. 127.

Em Versailles (Il. 5), a idéia de perspectiva infinita se materializa de maneira plena, acentuada pela sucessão de componentes ao longo do eixo longitudinal de simetria - as *parterres de broderies*, as *parterres d'eau*, a fonte de Latona, o gramado - *tapis vert* -, a fonte de Apolo e o grande canal. É a imagem espacial por excelência!



Il. 5. Versailles, França. O palácio e os jardins em 1668, pintura de Pierre Patel.  
 FONTE: VERSAILLES : LE CHATEAU, LES JARDINS E TRIANON.  
 Paris : Bussière, 1983. p. 17.

Enquanto a fama e a influência de Versailles e seus jardins estavam ainda no auge, uma reação à visualidade das formas de jardinagem neles empregadas estava se desenvolvendo.

Esse movimento começou na Inglaterra nos últimos anos do século XVII e nos primeiros do século XVIII. Não se pode atribuir sua origem a um único fato, mas a diversas causas políticas, questões culturais e sociais. Os conflitos armados e os ressentimentos com a supremacia francesa foram algumas das razões que motivaram os ingleses a não aceitar a superioridade da França em nenhuma forma

do olhar antes imposta. Para os ingleses, Luis XIV era considerado um tirano, enquanto eles tinham maior liberdade nas questões militares e políticas e uma legitimidade no que se relacionava com a estrutura cultural. Por volta de 1710, numa tentativa de emancipar-se do jugo francês, abandonam-se as avenidas retilíneas que representavam uma realidade não natural. Para ser considerado verdadeiro e inglês, o jardim deveria estar ligado a uma certa liberdade de composição e ao aspecto natural. É somente então que se estabelece de maneira mais intensa a teoria dos jardins, com sentido de autonomia.

Um outro tratado, do início do século XVIII, vai influenciar a arte de executar belos jardins. É o de Antoine Joseph Dezailier D'Argenville, com suas diversas reedições e traduções de sua *Théorie et la pratique du jardinage*. Nele encontram-se alguns pontos que serviram como base na estruturação dos novos espaços. Ele postulava que:

"Se podem identificar quatro máximas fundamentais para estruturar bem um jardim: a primeira, submeter a arte à natureza; a segunda, não sobrecarregar o jardim, a terceira, não descobri-lo em excesso, e a quarta, fazê-lo sempre parecer maior do que realmente é..."<sup>8</sup>.

Seu tratado mostra os riscos que a arquitetura em excesso pode provocar. Ele contém, ainda, uma grande quantidade de informações técnicas.

As influências do Extremo Oriente vão contribuir para o nascimento de um novo tipo de jardim, o jardim paisagístico, na Europa. O jardim paisagístico, ou pictórico, representa a visão do pintor que resolve sua imagem por uma sucessão de planos, como já foi dito anteriormente. Na China os jardins são irregulares e naturalistas. A influência do pintor é o elemento primordial nessa solução - o criador do jardim, o calígrafo e o pintor são a mesma pessoa.

---

<sup>8</sup> KRUF. Op. cit. p. 348.

Quando as primeiras descrições dos jardins chineses chegaram a Europa, no século XVIII, começou uma revolução na implantação de novos projetos. A primeira descrição de um jardim chinês foi publicado, em Paris, em 1749, numa carta de Pèke Attiret, um dos muitos jesuítas que o Imperador Ch'ien-Pung empregou como pintor em sua corte em Pequim.

Quem, na verdade, escreveu sobre as belezas da China foi William Chambers quando retornou a Inglaterra em 1755. Publicou *Designs of Chinese Buildings* livro que causou grande sensação. Projetou vários edifícios no estilo chinês, destacando-se, entre eles, a torre em forma de pagode com 10 níveis, nos jardins de Kew, nas proximidades de Londres.

Somente o final do século XVIII é que vai ser marcado pelo aparecimento na França de um grande número de livros na arte dos jardins chineses, alguns deles chamavam à atenção para a nova moda que exigia o uso de edifícios chineses, como em *Jardins anglo-chinois à la mode*, publicado com o patrocínio do engenheiro geográfico Le Rouge, entre 1776 e 1789, fazendo, assim, que um grande número de edificações chinesas se espalhassem pelos jardins e que adotassem a linha sinuosa em seu traçado.

Quando em 1771 Horace Walpole sugeriu ser esta a razão para o uso do termo - jardim anglo-chinês -, provavelmente estivesse fundamentando-se no pensamento de Latapie, quando afirmava que:

"o francês adotou nos últimos anos nosso estilo nos jardins, mas optou ser fundamentalmente agradecido aos seus remotos rivais, nos negando metade do mérito ou um pouco da originalidade da invenção, atribuindo a descoberta aos chineses, e chamando nosso gosto pela jardinagem *le goût anglo-chinois*"<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> THE OXFORD COMPANION TO GARDENS. Nova York : Oxford University Press, 1991. p. 298.

Paralelamente, o desenvolvimento da paisagem como tema autônomo, na pintura, tem um destaque extraordinário no século XVIII, no Ocidente, e a denominação paisagista é comum, tanto ao pintor de paisagem, como ao idealizador dos jardins.

O pintor francês Claude Lorrain radicado em terras italianas, contribuiu quase diretamente para a transformação dos jardins da Inglaterra. Através de Claude, a emergência de um passado clássico pelo contato com as ruínas, descobertas pela arqueologia, naquelas terras, fez com que a Inglaterra sofresse as influências diretas da Itália.

As obras de Claude Lorrain (Il. 6) estavam impregnadas de sonhos, produtos de sua imaginação, elementos para uma natureza ideal - ruínas, castelos visionários, templos antigos, navios partindo. Claude foi um dos primeiros grandes pintores de paisagens, nas quais as cenas italianas, tanto antigas como rurais, estão imbuídas de paz, com deuses e homens vivendo lado a lado. Joseph Turner, referindo-se a ele e a sua obra, ponderou:

"Puro como o ar italiano, calmo, bonito e sereno, brotam arrojados os trabalhos e com eles o nome de Claude Lorrain. O oriente dourado ou o éter de colorido âmbar, a abóbada rarefeita do meio-dia e céus fugidios, vales resplandescentes, ricas campanhas com todos os alegres rubores da fertilização, árvores possuindo todas matizes e tons do evidente calor do verão..."<sup>10</sup>.

Essas visões do Paraíso, foram levadas para a Inglaterra em originais copiados por outros artistas e também reproduzidos em gravuras, podendo, assim, ter influenciado a disseminação de uma nova visualidade do jardim.

---

<sup>10</sup> "Pure as Italian air, calm, beautiful and serene, springs forward the works and with them the name of Claude Lorrain. The golden orient or the amber-coloured ether, the midday ethereal vault and fleecy skies, resplendent valleys, campagnas rich with all the cheerful blush of fertilization, trees possessing every hue and tone of summer's evident heat...". LANGDON, Helen. Claude Lorrain. Oxford : Phaidon, 1989. p. 9.





Il. 6. Pintura de Claude Lorrain.

FONTE: LANGDON, Helen. Claude Lorrain. Londres : Phaidon, 1989. p.147.

Nos jardins paisagistas do século XVIII, as características variavam tanto nas esculturas, como nos templos, nas torres e nas grutas, tornando-se cada vez mais extravagantes. Desprovidas de qualquer objetivo prático, eram chamadas de *folies* - loucuras -, construídas por aqueles que possuíam mais dinheiro do que senso. Essas *folies* freqüentemente desapareciam logo após sua construção devido a fragilidade do material usado. Um número razoável delas chegou até nossos dias pela qualidade melhor da mão-de-obra e do material empregado. Edifícios orientais foram construídos nos estilos chinês, indiano e mourisco. Uma nova sensibilidade na arte dos jardins estava se formando. Um novo olhar modificava a rigidez das paisagens até então estruturadas.

A imagem do jardim perde o seu aspecto tridimensional, um espaço unitário - e passa a ser representada pela sucessão de planos que se superpõem como quadros.

Não é por mera coincidência que Humphry Repton recomendava aos paisagistas que estudassem pintura e que a solução ideal do jardim se estabelecesse através do jogo de luz e sombra - o claro-escuro dos pintores. As massas da composição do jardim passam a ser organizadas de maneira semelhante ao do quadro de cavalete.

A pintura de paisagem representada pelos grandes pintores de cenas pictóricas vai influenciar a solução do jardim.

Desta forma, desaparece o ponto de vista único e ideal, e o jardim passa a ser observado de vários pontos de vista, cada um satisfazendo a um plano diferente, que corresponde a cada quadro. Desaparece, ainda, o eixo longitudinal de simetria, e a perspectiva fica decomposta nos seus diversos planos, o que leva a sua substituição por caminhos sinuosos que apresentam um novo ponto de visão a cada curva do caminho.

Substitui-se a leitura total do jardim por uma leitura gradual, conseguida pela sucessão de planos. A criação de recantos pitorescos - pintorescos - que se constituem em quadros isolados e que podem ser apreciados isoladamente, fará parte da nova composição.

O caráter geométrico dos canteiros, lagos e vegetação - arte topiária - desaparece dando lugar a uma organização mais "natural" do conjunto.

Os jardins ingleses são o exemplo mais significativo dessa solução, representados, principalmente pela obra de Lancelot Brown - o célebre Capability Brown - que corresponde ao que foi Le Nôtre para o jardim francês do século XVII. Outros paisagistas que também merecem destaque nesse século XVIII são Charles Bridgeman, que desenhou os jardins assimetricamente, circundando-os com o "ha-

ha" (Il. 7) - um fosso que eliminava a necessidade de uma parede ou cerca de proteção -, podendo-se, dessa maneira, apreciar a paisagem dos campos ao redor; William Kent, artista e arquiteto, aprimorou sua arte de pintor na Itália, foi conhecido como um grande projetista de jardins num estilo mais livre mais natural do que o de Bridgeman. Atenuou as linhas rígidas dos esquemas formais elaborados por aquele e o já citado Humphry Repton, cuja carreira de paisagista começa aos 36 anos, depois de cinco anos da morte de Brown. Repton era desenhista e aquarelista. Apresentava a seus clientes pinturas de suas propostas de alterações, os conhecidos "Livros Vermelhos"<sup>11</sup> (Il. 8). Seus projetos evoluem e na elaboração de seus jardins posteriores, aparece a preocupação em voltar a padrões de elementos mais formais, próximos à casa, introduzindo um átrio ou um terraço com uma balaustrada e canteiro de flores. Passou a cercar os jardins para preservar a intimidade e proteger as flores. Repton plantou passeios com arbustos e deixou algumas zonas livres onde se pudesse colecionar árvores raras.

Ao contrário do jardim espacial italiano ou francês em que o aspecto perspectivo está colocado dentro da área do próprio jardim, na solução inglesa, a integração em relação à paisagem natural se faz pela ausência de limites definidos entre o jardim e a natureza em torno, pois os limites do jardim - eles existem - são determinados não por muros, grades ou outro elemento visíveis mas por fossos - os "ha-ha" - que isolam naturalmente a área do jardim sem separá-la visualmente do entorno.

---

<sup>11</sup> Seu método ainda não tinha sido usado antes. Repton preparava esquemas de um tipo composto, mostrando primeiro a cena como era e então pelo levantamento de folhas, apareciam as propostas de como ficaria a paisagem se executada por ele. Essa apresentação era freqüentemente acompanhada por notas explicando os objetivos. O conjunto de todo o material usado era guardado em capas de couro vermelho e apresentados como um livro do cliente. Hoje alguns desses exemplares existentes são considerados obras de arte chamadas de os "Livros Vermelhos" de Repton.



II. 7. Castelo de Kedleston, Derbyshire, Inglaterra. Vista geral do jardim com o *Ha-ha*.

FONTE: House & Garden, nov., 1986, p. 245



II. 8. Folhas que mostram os dois aspectos de um jardim segundo os Livros Vermelhos de Repton.

FONTE: BROWN, Jane. The art and architecture of English garden.

Nova

York : Rizzolli, 1989. p. 66.



Os projetos dos jardins do século XVIII estão associados a idéia da natureza livre, cursos d'água represados para transformá-los em lagos, caminhos sinuosos, árvores organizadas em bosque, árvores mortas, além de elementos arquitetônicos (pavilhões e pontes de formas variadas, inclusive com características orientais, ruínas etc.). Toda fantasia é liberada em projetos que mostram o ideal romântico da época.

Os exemplos mais significativos são os de Rousham Park, Stowe, Bleenheim, Chiswick, Stourhead, localizados na Inglaterra.

O jardim da Rousham House, no Oxfordshire, foi um dos primeiros e talvez o mais admirado dos jardins paisagísticos do século XVIII, materializando as idéias poéticas e filosóficas de sua época. Foi elaborado por William Kent e mantém ainda hoje suas características iniciais. Kent usou edifícios clássicos, além do gótico, de maneira pitoresca, para os edifícios afastados. Mesmo antes da interferência de Kent, Pope havia comentado que Rousham era o lugar mais agradável para a introdução de cascatas, jatos e pequenos lagos, formando um bonito cenário junto das áreas verdes. Em sua obra, Pope abordará elementos ligados ao campo, principalmente mostrando sua estrutura primitiva, suas florestas, sua terra, que depois de arada será ornada. Na sua *Epistle to Burlington* o mesmo tratamento é dado à construção da casa e ao seu entorno. Está evidente a vontade de mostrar a importância que o tratamento paisagístico oferece ao futuro morador. Talvez seja um alerta sobre como construir bem uma casa, além de executar um jardim ou parque. A sua preocupação é sempre de melhorar a natureza. Ele nos alertou:

Que nunca seja esquecida a Natureza:  
Qual fosse a Deusa donzela linda e sadia.  
Nem toda nua, nem ornada em demasia.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Epistle to Burlington. In: WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade, p. 87. [In all, let Nature never be forgot./But treat the Goddess like a modest fair,/Nor over-dress, nor leave her wholly bare;/Let not each beauty ev'ry where be spy'd,/Where half the skill is decently to hide. - POPE, Alexander. Poetical works. Londres : Oxford University Press, 1974. o. 316].

Stowe, no Buckinghamshire (Il. 9), desde a sua aquisição no século XVI, sofreu inúmeras transformações no decorrer dos séculos seguintes, transformando-se em um dos exemplos mais completos da arte dos jardins do século XVIII. Influenciou diretamente o projeto de novos jardins, principalmente após a realização das experiências "naturais" do ano de 1730, sendo, por esse motivo, considerado um modelo importante para a história do paisagismo. Nas diversas fases das suas modificações vários componentes foram se somando. Inicialmente, Bridgeman explorou o local de maneira a poder adaptar diversas interferências à topografia do terreno, circundado por um "ha-ha" que possibilita uma integração mais direta do jardim com a paisagem. Na decoração houve a colaboração de Sir John Vanbrugh, arquiteto inglês, que projetou os templos e outros elementos arquitetônicos. No período de 1727 a 1732, o jardim sofreu novas reformas dobrando então seu tamanho. Bridgeman introduz características seminaturais, dentro de um desenho geométrico, construindo o lago com lados retos, mas sem uma forma rígida.

Nos anos seguintes uma série de novas reformas foram feitas, algumas seguindo o modismo ou até mesmo o pensamento de paisagistas que ainda mantinham o espírito do jardim natural. As avenidas estreitas e os templos miniaturas foram substituídos por largas avenidas, novos edifícios construídos ou reconstruídos nessa época, harmonizando-se com a totalidade do conjunto.

O jardim de Blenheim, no Oxfordshire (Il. 10), tem seu projeto, datado de 1709, também assinado por Bridgeman e executado por Henry Wise. No decorrer dos séculos ele sofreu muitas alterações e acréscimos, como ocorreu em 1764, em que Lancelot Brown criou um grande lago que absorveu uma ponte executada por Vanbrugh e até então sem uma função lógica. Apesar da destruição de alguns elementos, outros foram acrescentados, como a grande cascata, também criada por Brown. O jardim ainda sofreu muitas modificações que incluíram novos componentes, até as primeiras décadas do século XX.



II. 9. Stowe, Buckinghamshire, Inglaterra. A ponte paladiana e a ruína gótica ao fundo.  
 FONTE: DE FOLIE EN FOLIES : LA DÉCOUVERTE DU MONDE DES  
 JARDINS. Paris : La Bibliothèque des Arts, 1987. p. 173.



II. 10. Blenheim, Oxfordshire, Inglaterra. Vista geral dos jardins.  
 FONTE: WENGEL, Tassilo. L'art des jardins au fil des âges. Paris : Leipzig,  
 1987, p. 245.

O jardim de Chiswick House, em Londres, foi desenhado por William Kent e Charles Bridgeman, contendo impregnações das paisagens de Claude Lorrain. Sua composição é assimétrica, contendo templos, colunas e casas rústicas. Sobre um rio com uma cascata, uma ponte rústica completa o cenário que lembra as pinturas de paisagens que inspiram esse jardim. Em 1753 a propriedade passa a ser dos Duques de Devonshire e que acrescentam a esse espaço uma ponte executada por James Wyatt e uma estufa estruturada por Paxton. Hoje, é um parque público com suas esfinges, obeliscos, colunas, fazendo com que se possa penetrar num espaço mágico de uma época que ficou marcada pela arte dos jardins.

O jardim de Stourhead, no Wiltshire (Il. 11), inclui uma série de lagos e diversos caminhos com grutas e templos. O desenvolvimento desse jardim levou aproximadamente 30 anos para sua estruturação. O Rio Stour possibilitou a formação de reservatórios que combinados formam um grande lago. Há uma infinidade de elementos que se completam espalhados pelo jardim - ponte, igreja - contribuindo para a formação da paisagem característica do século XVIII.

Mesmo na França, a solução paisagística, de características inglesas, terá uma grande influência na composição de alguns jardins do século XVIII. Como exemplos significativos que preparam o caminho do século XIX francês, podem ser citados Ermenonville e o Desert de Retz, ambos nos arredores de Paris.

Ermenonville (Il. 12) situa-se em uma região de relevo e solo variados e representa, de um certo modo, os ideais de Jean Jacques Rousseau. Em 1766, o Marquês de Girardin, cria um jardim inspirado naqueles que havia apreciado na Inglaterra.

Atribui-se todas as características desse jardim ao próprio Girardin, tendo, talvez, a participação do arquiteto-paisagista Morel, em determinadas áreas. Divide-se em quatro partes: a Fazenda, o Grande Parque, o Pequeno Parque e o Deserto. Sua estrutura se completou no ano de 1779. Um cenário holandês era





II. 11. Jardim de Stourhead, Wiltshire, Inglaterra, inspirado parcialmente nos desenhos de Lorrain.

FONTE: LAROUSSE GARDENING AND GARDENS. Londres: Hamlyn, 1990. p. 30.



II. 12. Ermenonville, Oise, França. Ilha dos Choupos com o túmulo de Rousseau.

FONTE: PARTONS À LA DECOUVERTE DE L'ILE-DE-FRANCE. TOTAL GUIDE. Paris : Hachette, 1974. p. 75.

lembrado no Parque Pequeno, com um canal, um moinho d'água, um moinho de vento, pontes baixas, uma cervejaria e uma torre gótica. Em outro local, uma paisagem composta de choupos, em recordação ao Jardim de Julia, como concebeu Rousseau na Nova Heloísa. Ao sul, lagos pequenos e gramados são completados pelos próprios aldeões que têm acesso livre à área, com o propósito de dar ao lugar um efeito pitoresco. Uma cascata e uma gruta são construídas na represa que contém o lago, cujo elemento culminante é a Ilha dos Choupos, onde, em 4 de julho de 1778, Rousseau foi enterrado, sendo seu túmulo erguido em 1780 na sua forma atual. Essa área evoca cenas italianas, contendo, por exemplo, o Templo da Filosofia, inacabado, porque segundo os autores do mesmo, a filosofia nunca termina.

Preocupado em deixar grandes áreas livres, Girardin plantou faias, carvalhos e choupos para completar determinadas composições. Os proprietários subseqüentes acrescentaram-lhe elementos, que o afastaram do modelo imaginado pelo seu idealizador.

O Desert de Retz (Il. 13) é, talvez, o exemplo mais completo do pensamento romântico, do século XVIII, na França. Foi criado por François Nicolas Henry Racine, Barão de Monvillee, que adquiriu a propriedade em 1774 e a partir desse período até a Revolução, ajudado pelo arquiteto Barbier, despendeu imensa fortuna na estruturação do espaço, refletindo a excêntrica característica de seu proprietário. O Desert de Retz, é sem dúvida, uma das mais estranhas e mais poéticas criações inspiradas no gosto pelo jardim anglo-chinês.

O seu acesso é feito através de uma imensa pilha de pedras formando uma gruta. Após uma "geleira"<sup>13</sup> em forma de pirâmide, depara-se com um estranho edifício sugerindo o fuste de uma grande coluna quebrada, contendo aposentos residenciais, em seus três andares, habilidosamente arrumados e luxuosamente

---

<sup>13</sup> Construção destinada a servir como depósito de gelo recolhido durante o inverno e utilizado no verão.

mobiliados. Para acentuar as características exóticas desse espaço, encontra-se o templo de Pan, a casa chinesa e, também, um teatro aberto. Estufas e *orangeries* chinesas acondicionavam muitas espécies de plantas raras. Uma fazenda-modelo, com uma horta, cujo responsável estava ocupado com experimentos agrícolas, completa este conjunto único. Por muito tempo abandonado, a propriedade é hoje objeto de uma restauração cuidadosa.



Il. 13. Desert de Retz, França. Casa Coluna  
FONTE: THE HISTORY OF GARDEN DESIGN. Londres  
Thames and Hudson, 1990. p. 275

No entanto, é no século XIX que essas grandes transformações vão estar presentes, de maneira mais ampla, nos parques públicos que serão os exemplos mais significativos do período. A principal causa dessas transformações vai ser a Revolução Industrial, na qual a máquina se destaca e entra no sistema produtivo, modificando todo o pensamento social, econômico e cultural da época. O aparecimento de novos materiais e/ou de novas técnicas, como o ferro fundido e o

vidro laminado, os fertilizantes, o cimento do tipo portland<sup>14</sup> e as estruturas metálicas. Esses elementos afetam diretamente os jardins, seja através de estruturas de ferro e vidro, seja pelo uso de jardineiras de cimento, ou por novos equipamentos.

A cidade irá se projetar, principalmente pelo êxodo rural. Também vai ser um fator marcante à ascensão da burguesia como classe dominante e, em contrapartida, o surgimento de uma nova classe social - o operariado. Com a ocorrência da explosão demográfica das cidades em virtude do abandono do campo, que tem a sua oferta de trabalho diminuída, inicia-se um novo pensamento relacionado com as áreas verdes no contexto urbano, que incorporarão uma nova mentalidade no tocante aos jardins.

A arquitetura e o urbanismo, através de um novo planejamento, serão os dois elementos fundamentais, para a utilização do jardim na malha urbana, quer pela abertura de novas avenidas arborizadas ou pela incorporação da vegetação ao monumento arquitetônico das novas cidades.

Os primeiros jardins privados do século XIX, ainda utilizam a estrutura inglesa, e aos poucos incorpora a ela as soluções italianas e francesas, chegando num determinado estágio, ao ecletismo, como se pode observar no Castelo de Linderhof (Il. 14). Em torno dessa construção, os bosques são tratados à maneira paisagística, a cascata em declive, na sua parte posterior, lembra os jardins italianos e os recursos do jardim francês são incluídos pelas *parterres de broderie*, que aparecem na sua parte frontal. Os elementos arquitetônicos também estarão presentes nos jardins ecléticos.

A grande preocupação científica faz com que o conhecimento da flora passe a ser um elemento importante para o homem, incentivando as viagens dos naturalistas pelo mundo, em busca de novas espécies vegetais para o seu estudo.

---

<sup>14</sup> Em 1824, na Inglaterra, Apsdin, fabricante de cal, elevando a grandes temperaturas pedras calcárias verificou que o resultado dessa calcinação era constituído de pedrinhas cinzentas que se pulverizavam, denominando-o "cimento Portland", devido à cor semelhante à terra de Portland.

Além disso, as pessoas que abandonam o campo começam a sentir falta do contato com a natureza e é para suprir essa deficiência que são criados, inclusive, móveis para levá-la para dentro das casas (cachepô, jardineiras etc.). Essa preocupação com as plantas faz com que surjam inúmeros livros sobre jardinagem, aparecendo, inclusive, nesse período, as sociedades hortícolas.

Já no século XVIII um novo indivíduo tinha feito sua aparição - o jardineiro amador - que era mais um idealizador do que um realizador. Agora, no século XIX, não é só a valorização do projeto mas, também, o cuidado direto com os jardins. O jardineiro amador vai estar associado a uma questão de *status*, destacando-se, sobretudo, se o jardim for: o mais bonito, o mais cuidado e se, principalmente, em sua organização incluir plantas incomuns e de difícil obtenção. Dessa maneira, inicia-se o colecionismo de plantas, fundamentalmente de flores raras, que vai gerar, inclusive com a associação da pesquisa botânica, o aparecimento de espécies híbridas, criadas artificialmente. É o século da flor. A rosa é a eleita<sup>15</sup>. Nasce o roseiral (Il. 15) com novas experiências para criação de espécimes variados, que fazem crescer a sua importân-

---

<sup>15</sup> A rosa exerce um papel preponderante entre as plantas ornamentais. O gênero *Rosa*, ao qual pertencem todas as rosas antigas e suas descendentes, tem sua origem na antiga Pérsia há aproximadamente 35 milhões de anos. Daí espalhou-se chegando ao Egito, à Grécia e à Itália. Os romanos foram os primeiros a incentivarem o seu cultivo. Foi muito apreciada e bastante utilizada na fabricação de vinhos, perfumes e até usada em saladas e pudins. Algumas espécies têm valor decorativo graças à beleza de suas folhagens. Já as variedades continuamente criadas pelos trabalhos de hibridação e melhoramento genético são bastante apreciadas pela beleza de suas flores, pela perfeição de suas formas ou pelo seu perfume agradável. A rosa continha também importante significado simbólico. Em imagens cristãs a rosa branca significava pureza - aquela de Cristo e a Virgem Maria - enquanto a rosa vermelha representava o sangue de seu sacrifício e o dos mártires cristãos. Em trabalhos seculares a rosa branca e vermelha significavam inocência e paixão, nessa ordem. Na Idade Média, a rosa também não foi esquecida no longo e complexo poema francês - *Le Roman de la Rose*, começado por Guillaume de Lorris aproximadamente em 1220, e terminado por Jean de Meung. Nesse poema observa-se o questionamento do amor simbólico pela "rosa". Essa busca ocorre dentro de um enorme jardim quadrado. O amante primeiro vê a rosa quando ele olha em um tanque que reflete a imagem; ele se apaixona por ela, o emblema da beleza feminina, e a alcança após 20.000 linhas, no final do poema. A "dama" a quem esta rosa simboliza nunca é descrita. Como a rosa, ela também é um símbolo, um ideal. Até o século XVIII só eram conhecidas 200 espécies de rosas nativas da Ásia. Atualmente existem mais de 2.500 variedades já catalogadas.



II.14. Castelo de Linderhof, Baviera, Alemanha, executado para Ludwig II da Bavaria integrando-se aos jardins.  
FONTE: KING, Ronald. *Great gardens of the world*. Londres: Peerage Books, 1985. p. 214

II.15. Roseiral.

FONTE: *House & Garden*, set., 1985. p. 165



cia. De uma maneira geral todas as flores exóticas estarão presentes, pois além da dificuldade de sua aclimatação, elas darão um sentido de distinção para quem a possuir. Dentre elas destaca-se a orquídea.

O burguês agora pode desenvolver, verdadeiramente, o trabalho de jardineiro amador, em virtude da invenção de vários implementos que virão em seu auxílio, entre eles, o cortador de grama (Il. 16). As revistas especializadas, através de anúncios, mostram as dificuldades de manter um jardim antes e depois desse aparelho. Esse obstáculo estava agora superado, permitindo a conservação dos imensos gramados de maneira fácil e agradável.

A mecanização da lavoura ocasiona o exôdo rural. Há, então, o aparecimento de alguns recursos para a presença da vegetação no interior arquitetônico, o que minimiza ou tenta compensar a ausência ou distância da natureza. O jardim de inverno é um deles e a caixa Ward outro (Il. 17). Criada por Nataniel Ward, comerciante de plantas, é uma espécie de mini-estufa, toda de vidro, fechada hermeticamente, que cria um microclima em um pequeno ecossistema. Ela nasce da necessidade comercial ou científica do transporte de plantas de um lugar para outro, e permite as pessoas, que moram em edifícios, ter em sua residência, um pequeno jardim interior. A caixa Ward adquirirá as mais diversas formas, na maior parte das vezes, seguindo o estilo da arquitetura ou do mobiliário, em voga na ocasião, e integrar-se-á na decoração do ambiente em que está colocada.

Um outro tipo que faz sua aparição no século XIX é o jardim suburbano. Muitos burgueses trabalham na cidade mas moram na periferia da mesma, criando em suas casas jardins que se incorporam à arquitetura. Podemos, de uma maneira ampla, denominá-los de *jardim burguês*. Nesse jardim novos componentes se incorporarão aos tradicionais: o canteiro só de flores - a *corbeille* -, anteriormente apenas um detalhe, torna-se freqüente; reaparece o caramanchão (que tinha



Il.16. O cortador de grama e a jardinagem no século XIX.  
 FONTE: THE GARDEN : A CELEBRATION OF ONE THOUSAND  
 YEARS OF BRITISH GARDENING. Londres : New  
 Publishing, 1979. p. 116



Il.17. Caixa Ward.  
 FONTE: HUXLEY, Anthony. An  
 illustrated history of gardening. New  
 York : Papermac, 1983. p. 136.



praticamente desaparecido no século XVII e XVIII) após a sua freqüência nos jardins franceses do século XVI, criando um lugar de lazer no meio do jardim; a rosa trepadeira surge como uma das flores mais usadas nos caramanchões; o coreto, agora totalmente de ferro, aparece tanto nos jardins particulares como também nos jardins públicos; a arte topiária faz sua volta, uma vez que durante o século anterior, que buscava o aspecto natural tinha sido posta de lado.

O jardim público<sup>16</sup>, que tem alguns exemplos já no século XVIII, se projeta de modo intenso, pois a população urbana necessita de espaços verdes para o lazer, o contato com a natureza, o prazer etc. O afastamento do cidadão - habitante da cidade - das suas origens naturais, do contato com o campo, gera essa intensificação da nostalgia em relação à vegetação. No nosso século XX este fato se materializará de maneira ainda mais sensível.

A arborização das avenidas é, agora, obrigatória pela nova legislação e a colocação de árvores nos lados e/ou no centro das vias públicas dão nascimento aos famosos bulevares parisienses que se constituem num elemento marcante da reforma urbana empreendida por Haussmann.

A estufa será um dos componentes mais importantes, pois possibilita a aclimação de plantas do mundo inteiro, facilitando o seu estudo em instituições científicas afastadas do seu hábitat natural. As suas grandes dimensões, decorrentes do uso de estruturas construídas em ferro e vidro, permitem a presença de árvores de grande porte, no seu interior.

Foi o pioneirismo de Joseph Paxton (1803-1865), que não era arquiteto, nem engenheiro, o causador da vulgarização das estruturas de ferro e vidro que vão alcançar proporções gigantescas. A obra que o tornou famoso foi a construção, em

---

<sup>16</sup> Aquele de propriedade coletiva, ou seja, pertencentes a todos os habitantes da cidade ou aos que residiam em sua periferia. Alguns jardins, nos séculos anteriores foram liberados ao público mas constituíam-se em jardins privados que eram abertos pelos seus proprietários à visitação, em ocasiões específicas.

menos de seis meses, de um dos maiores edifícios do século XIX, usando os novos materiais - o Palácio de Cristal -, para a Exposição Universal de Londres de 1851.

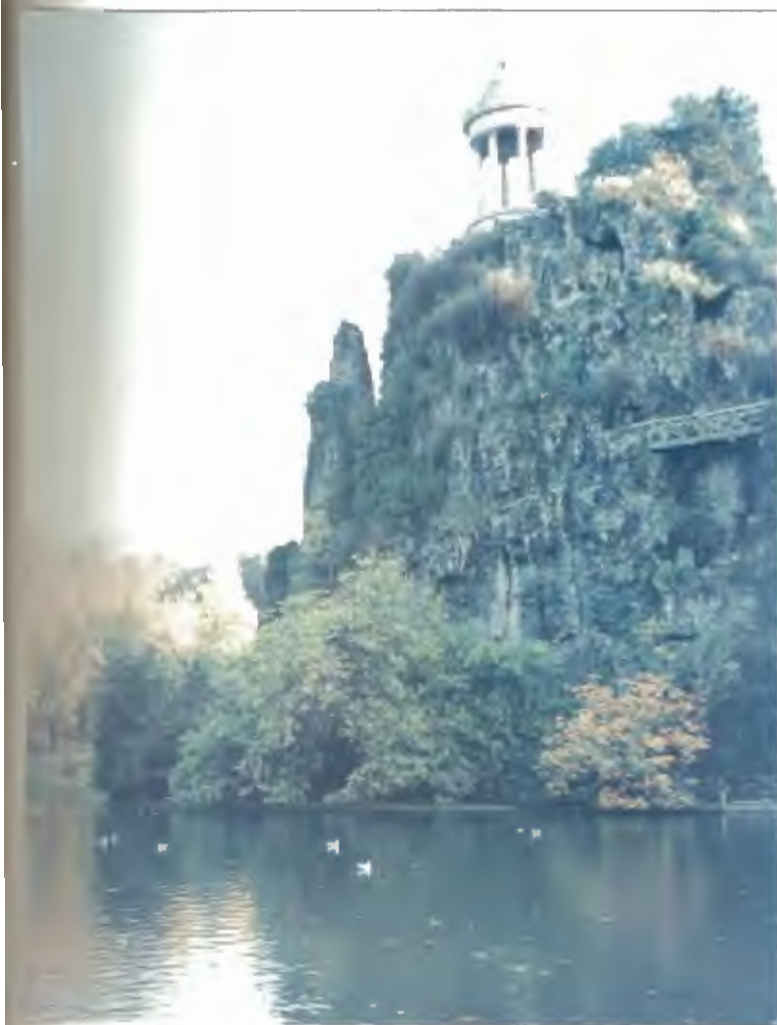
Evidenciando as características anteriormente referidas, alguns jardins públicos importantes demonstram a influência recebida diretamente do jardim inglês e servirão como modelo em sua difusão pelo mundo inteiro. Como representantes da evolução do jardim público no século XIX podemos citar: os parques Monceau, Buttes-Chaumont e o Bois de Boulogne - em Paris; o Hyde Park, o St. James Park, o Regent's Park - em Londres. Nos jardins privados são as soluções do jardim burguês e eclético que predominam.

O Parque Monceau (Il. 18) é um dos primeiros exemplos de jardim irregular, lembrando claramente as características do jardim inglês, que ainda não estava em uso freqüente na França, nesse período. Estruturado em 1773 pelo pintor-escritor Carmontelle para o Duque de Chartres, tornou-se uma terra de sonhos, onde pirâmides, pagodes, templo romano, ruínas feudais, naumaquia e outeiros ligavam uma rede de caminhos que se inclinavam, ascendendo ou descendendo. Em 1861 o engenheiro Alphand, encarregado de remodelar o parque dentro da estrutura inglesa, modificou um pouco o seu aspecto, tanto nos caminhos - embora alguns continuem iguais -, quanto em relação a colocação de outros elementos. Este parque transformou-se em um jardim público a partir da Revolução Francesa e foi muito reduzido em seu tamanho pela especulação imobiliária durante o segundo Império.

O Parque de Buttes-Chaumont (Il. 19) foi construído no período de 1864 a 1867 numa área vazia e sinistra. O Barão Haussmann encarregado de criar um espaço aprazível, tira vantagem dos diferentes níveis, cavando um lago alimentado pelo Canal de St. Martin, no qual incluiu rochas naturais e artificiais. Planejado por Alphand e Barillet-Deschamps, assinala em sua execução a presença de Glaziou como veremos no capítulo a ele destinado. O parque tem duas pontes que fazem a



Il. 18. Parque Monceau, Paris, França, a Naumáquia e o Arco de Triunfo.  
FONTE: Fotografia do autor.



Il. 19. Buttes-Chaumont, Paris, França.  
Vista da ilha com o templo clássico.  
FONTE: THE HISTORY OF GARDEN  
DESIGN. Londres : Thames  
and Hudson, 1991. p. 394.

ligação com uma ilha artificial, de 50 m de altura, coroada com um templo de onde se descortina uma vista panorâmica da cidade. Uma cascata cai de 30 m em uma gruta, complementando o encantamento do lugar. O parque tem uma área de 25 hectares tomando-se um dos mais pitorescos espaços ajardinados em Paris.

O Bois de Boulogne (Il. 20), parque de, aproximadamente, 900 hectares, foi inicialmente uma floresta real. Seu início data do século XVI, sofrendo alterações e abandonos no decorrer dos séculos seguintes. No século XIX, Napoleão III presenteia a cidade com essa área verde para desenvolver ali um espaço de recreação para o público. Novamente é Haussmann, com o auxílio de Alphand e sua equipe, que lhe dará a forma básica que se mantém até hoje. As obras principais terminam em 1852, contando com o acréscimo de vários elementos naturais e artificiais. Em 1854 é aberta a Avenida da Imperatriz com 140 m de largura, tornando-se um agradável espaço para os passeios em carruagem. Diversos componentes foram acrescentados a esse espaço que é considerado o coração verde de Paris, e é um bom exemplo da adaptação francesa de um modelo completamente diferente: o estilo inglês, empregado para criar um parque urbano que possibilitava o lazer e o contato com a natureza, tão necessários ao dia a dia de uma grande cidade.

O Hyde Park, com 154 hectares, é um dos parques reais que foram abertos ao público, já em 1630. Originalmente estruturado para corridas de cavalo, altera sua função no século XVI para um espaço de caça. No século XVII transformou-se em uma praça para inspeção militar e passeios, conforme a moda do período, estendendo-se essa tradição até o século XX.

O St. James Park (Il. 21) foi planejado no século XVII por André Mollet, um paisagista francês, intendente dos jardins reais da França. Este parque foi remodelado no reinado de George IV por John Nash. O canal tornou-se um lago, e sua travessia é possível, devido à colocação de uma ponte suspensa, que mais tarde foi substituída por uma desagradável placa de concreto.



II.20. Bois de Boulogne, Paris, França. O lago com pavilhão oriental.  
FONTE: THE HISTORY OF GARDEN DESIGN. Londres : Thames and Hudson,  
1991. p. 393.



II.21. St. James Park e Green Park, Londres, Inglaterra.  
FONTE: CAMERON, Robert , COOKE, Alistair. Above London. San  
Francisco : Cameron, 1989. p. 91.

O Regent's Park, fazendo parte do conjunto real dedicado a caça, consistia, na sua maior parte, de campos e pastagens, antes de 1811. John Nash projetou um elaborado complexo arquitetônico, abrangendo um parque ligado através da Portland Place e Regente Street, ao St. James Park. Construções em forma de casas de campo faziam parte do cenário, que possuía terraços ao seu redor. Aberto ao público em 1838, o parque apresenta elementos típicos ingleses, tais como: caminhos sinuosos, jardins de flores, lago, áreas de recreação etc.

Os jardins franceses e ingleses, citados anteriormente, seguem as mesmas características. Os franceses são estudados com mais pormenores por serem o modelo direto das soluções utilizadas nos jardins brasileiros, que se apoiam na contribuição de Glaziou e que constituirão a base do presente trabalho.

Os jardins do século XIX, como se pôde observar, seguiram, predominantemente, uma estrutura voltada para o jardim paisagístico, desenvolvendo-se de uma maneira quase uniforme, em todos os países.

No final do século, principalmente com o aparecimento do Ecletismo, observa-se que sua composição começa a se alterar, no sentido de mesclar elementos de um ou outro período, que, no entanto, podem ser distinguidos claramente através dos diversos motivos que caracterizam um ou outro estilo.

No Brasil essas soluções também estarão presentes, como se verá nos exemplos que são a meta deste estudo, como foi mencionado anteriormente.

### 3. A EVOLUÇÃO DO PAISAGISMO NO BRASIL

As rosas amo dos jardins de Adônis  
Essas volucres amo, Lídia, rosas  
Que em o dia em que nascem,  
Em esse dia morrem.  
A luz para elas é eterna, porque  
Nascem nascido já o sol, e acabaram  
Antes que Apolo deixe  
O seu curso visível.  
Assim façamos nossa vida *um dia*,  
Inscientes, Lídia, voluntariamente  
Que há noite antes e após  
O pouco que duramos  
Fernando Pessoa

Nos primeiros séculos após o descobrimento do Brasil, os colonos, envolvidos com questões como sobrevivência, conquista e ataques, não estavam preocupados em se apropriar da paisagem natural para recriar jardins de contemplação e deleite. Afinal, sob muitos aspectos a própria natureza se oferecia como um grande jardim das delícias.

O espaço que circundava o homem era um lugar aprazível, isto é, um jardim com plantas ornamentais e alimentícias, ao mesmo tempo que riachos de água pura corriam através dele. Sob todos aspectos, o homem vivendo nesse ambiente, considerava-se em completo estado de felicidade, a natureza era seu hábitat. Era ali que ele podia também caminhar, às margens das florestas, onde arbustos e trepadeiras cresciam livremente.

Assim, não temos jardim! Seguramente hortas utilitárias, para atender as necessidades da medicina ou da alimentação, mas não o jardim voltado para o sentido da beleza, da satisfação e do prazer.

É durante o período da ocupação holandesa que se tem notícias das primeiras modificações nesse *status quo*. Como se sabe, estabelecendo-se em

Pernambuco, em 1637, Maurício de Nassau, tenta reproduzir no Recife uma cidade semelhante às européias. Até então os nobres que para aqui vinham o faziam em caráter temporário não se ocupando, portanto, com grandes construções. Chegando, possivelmente, com a intenção de criar uma colônia holandesa definitiva ou mesmo com o pensamento de passar de mero administrador a governante, Nassau, teve o cuidado de embelezar a cidade, cuja população aumentava rapidamente. Apesar de não existir documentação que comprove, acredita-se que Pieter Post, arquiteto holandês, tenha sido o encarregado de traçar os planos da nova cidade. Inicialmente, criou-se um bairro na ilha de Antonio Vaz. "Sumptuosa ponte ligava as duas partes da cidade, e ainda outra foi lançada para o continente, onde (Nassau) levantou o seu palácio de verão, o Boa Vista"<sup>17</sup> (Il. 22). Foram plantadas centenas de palmeiras, laranjeiras e granadilhas ao redor do palácio do governador com belos torreões de vigia para o mar. Cercado de botânicos, pintores, escultores, arquitetos, Nassau criou, assim, sua "corte", onde as artes e letras floresceram até ser chamado de volta à Holanda.

De sua permanência, nesse período, destaca-se o Palácio de Friburgo (Il. 22), provido de duas torres, que serviam de farol para orientar os navios que se aproximavam. Por isso é também conhecido como o Palácio das Torres, do qual, infelizmente, nada restou a não ser pequenas referências em textos ou alguns desenhos esquemáticos. Pela alusão feita sabe-se que existia um jardim nesse Palácio mas que nenhum dos artistas e cientistas que o acompanharam - os pintores Albert Eckout, Frans Post, Zacharias Wagener, entre outros e o naturalista Georg Marcgraf - se interessou em registrar de maneira detalhada, embora existam alguns documentos sobre ele. Por algumas descrições sabe-se que laranjeiras, limoeiros,

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, João. História do Brasil. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1935. p. 188.





II.22. Palácio de Friburgo, Recife. Gravura de Frans Post.  
 Palácio da Boa Vista, Recife. Gravura de Frans Post.  
 FONTE: ZANINI, Walter. História Geral da Arte no Brasil. São Paulo:  
 Inst. Walther Moreira Salles, 1983. p. 335 e 333. 1 v.

romãzeiras e figueiras faziam parte do vasto pomar. Deve-se a Frei Manuel do Calado a descrição desse pomar para dos que dele usufruíam:

"No meio daquele areal estéril e infrutuoso plantou um jardim e todas as castas de árvores de fruto que se dão no Brasil e ainda muitas que vinham de diferentes partes. Havia muitos parreirais e tabuleiros de hortaliças e de flores, com algumas casas de jogos e entretenimentos, aonde iam as damas e seus afeiçoados a passar as festas de verão e a ter seus regalos, e fazer suas merendas e beberetes, como se usa em Holanda, com seus acordes instrumentos"<sup>18</sup>.

Parece que o entorno do Palácio de Friburgo era uma área semelhante a um jardim botânico e zoológico, onde eram recolhidos "toda as castas de aves e animais que pôde achar, e como os moradores lhe conheceram a condição e o apetite cada um trazia a sua ave ou animal esquisito que podia achar no sertão; não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse"<sup>19</sup>. Ainda nos jardins deste Palácio foi construído um observatório astronômico, no qual trabalhava Marcgraf.

Não foi somente o prazer que reinou em Friburgo. Nesse jardim botânico-zoológico, trabalhavam os cientistas e artistas que acompanharam Nassau a Pernambuco, dando a base científica à *Historia Naturalis Brasiliae*. Pelos raros documentos da época, já que poucos historiadores se ocuparam de descrever a vida social naquele espaço onde a cultura era um elemento destacado. Um documento holandês<sup>20</sup> relaciona as pessoas e os cargos que ocupavam na corte e nele consta que os jardins eram mantidos por três jardineiros.

Acredita-se que com a partida de Nassau a cidade Maurícia teria sido toda destruída, inclusive o grande jardim. Na descrição de Moureau observa-se que

---

<sup>18</sup> HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo: Abril Cultural, [19—], p. 119.

<sup>19</sup> Idem p. 119

<sup>20</sup> Ludwig Driessen : *Leben des Furten Johann Moritz v. Nassau-Siegen*. Berlim, 1849, p. 138.

essa afirmação é verdadeira e por ela pode-se ter idéia da composição do jardim no período de sua existência:

"...les beaux arbres de brésil, palmiers, d'ebenne de cêdre, bois blanc comme neige, bois de violettes & marbré & autres senteurs qui embellissaient les spacieuses et longues allées à perte de vue qui entouraient la superbe & magnifique maison de plaisance du Conte Jean Maurice. Le large et incomparable verger qu'il avoit fait plâter & peupler de ces arbres... recherchez en sept ou huit cent lieues de pays, fait venir d'Afrique et des Indes d'Orient, fut entièrement ruiné avec les grandes écuries et agréables pavillons construits au milieu et aux extremittez des allées..."<sup>21</sup>.

A ocupação portuguesa ao seu redor, fará com que desapareça esse monumento arquitetônico que era grandioso para a época. O convento franciscano foi se desenvolvendo e aos poucos absorvendo todo o espaço, restando hoje, apenas, a praça que se situa em frente ao atual Palácio do Governo, onde estão situados o Forum e o Teatro Santa Isabel - o chamado Campo das Princesas (Il. 23). Para a posteridade ficou somente a gravura em cobre de uma planta atribuída a Georg Marcgraf, elaborada no período de 1637-44, onde o Palácio de Friburgo e suas dependências, os jardins, os lagos, e outros componentes se fazem presentes (Il. 24). É através dessa gravura que se pode analisar o jardim no seu aspecto formal, observando-se que seu traçado geométrico lembra as soluções renascentistas, pela simetria que o mesmo apresenta. Ao mesmo tempo uma tendência ao jardim francês, como foi tão bem representado por Le Nôtre em Versailles, se manifesta pela perspectiva das alamedas de sua composição.

Somente Nassau poderia equilibrar os elementos componentes adaptando-os ao local. Sem dúvida com a ajuda de sua "corte" intelectual, pois

<sup>21</sup> MOUREAU (Histoire des derniers troubles. Paris, 1651. p. 72) - citado por Leão Filho, J. de Souza. Palácio das Torres. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 10, RJ, 1946. p. 151.



II.23. Campo das Princesas, Recife.

FONTE: FERREZ, Gilberto. A fotografia no Brasil. Rio de Janeiro : Fundação Nacional de Arte, 1985. p. 157.



II.24. Planta do Palácio de Friburgo, Recife. Gravura de Frans Post.

FONTE: ZANINI, Walter. História geral da arte no Brasil. São Paulo:

Inst. Walther Moreira Salles, 1983. p. 332.

"construir, cavar, plantar" são as palavras que começam o dístico que Nassau fez colocar no portão de Cléves, atual Alemanha e que, segundo Gonsalves de Mello<sup>22</sup>, são as que melhor definem sua personalidade, ao invés de "lutar ou guerrear", o que também foi uma constante em sua vida.

Essa tentativa de reaproximar-se do meio ambiente natural, organizando-o a partir de uma "ordem" e de um "princípio" humanos, revela novas formas dos colonizadores se relacionarem com a "realidade" dos trópicos.

Durante o período colonial há referências, também, aos jardins dos diversos mosteiros. Estes, de caráter utilitário são constituídos de horta, pomar ou plantados com ervas medicinais, estando mais próximos das soluções da Europa medieval, porém, ainda muito distantes dos jardins seiscentistas que começavam a encantar a Europa.

Somente no final do século XVIII surgem os primeiros jardins botânicos como os de Belém, PA; de Ouro Preto, MG; de Salvador, BA; de São Paulo, SP, entre outros. Esses jardins são extremamente simplificados e de realização quase sempre "embrionária". Plantas de outros países ainda quase não figuram nesses espaços.

O Jardim Botânico de Belém foi estudado por Arthur Cezar Ferreira Reis, sobre o qual publicou valiosa contribuição, no Boletim do Museu Nacional<sup>23</sup>. O Jardim começa a se estruturar a partir de 1796, tendo como seu diretor o francês Michel Grenouillier, nascido em Caiena, capital da Guiana Francesa. A localização desse Jardim situa-se em um ponto geográfico estratégico para a vinda, inclusive, de plantas exóticas que foram introduzidas no Brasil nesse período e que chegaram via Pará. Na correspondência trocada entre D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho e

---

<sup>22</sup> J. A. GONSALVES DE MELLO NETO. A propósito de Nassau. Boletim da cidade e do Porto do Recife, nos. 9 e 10, 1943.

<sup>23</sup> Boletim do Museu Histórico Nacional (nova série) (7):2-3, 27/set/1946 (citado por Segawa, Barroco 12)

seu irmão, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, ministro do príncipe-regente, em 1798 percebe-se que a estruturação já havia começado, como consta da resposta de D. Rodrigo, onde ele escreve:

"[...] Sua Majestade (...) espera que V.S. faça que esse Jardim sirva de modelo a todos os outros, que se devem estabelecer nas outras Capitanias do Brasil, e que lhe dê uma tão extensão, que do mesmo possam ir para outras Capitanias, as plantas exóticas, e indígenas, que V.S. tem cultivado"<sup>24</sup>.

Sobre o Jardim Botânico de Ouro Preto, as informações são restritas.

As poucas alusões a ele são feitas por José Pedro Xavier da Veiga (*Ephemerides mineiras 1664-1897*)<sup>25</sup>. O autor destaca que, em finais de 1798, foi expedida de Lisboa uma ordem ao governador de Minas Gerais para a criação de um Jardim Botânico, usando o mínimo de recursos, e onde se cultivassem plantas tanto indígenas como exóticas. Ressalta, ainda, o cultivo de árvores de madeiras para construção. O Jardim se concretiza em Ouro Preto conforme o registro em documento datado de 19 de fevereiro de 1800<sup>26</sup> e recorre aos naturalistas que visitaram o Brasil, explorando todos os seus recantos. George Gardner, em sua visita a Ouro Preto, nos anos de 1836 e 1841, descreve a localização do jardim, bem como as plantas que o compõem.

"A uma milha da cidade existe um jardim botânico mantido pelo governo e destinado principalmente a propagação de plantas exóticas úteis, a serem distribuídas grátis a quem as peça. Verifiquei que as plantas aqui principalmente cultivadas são o chá, a canela, a jaca, a árvore do pão, a manga, etc. Muitas áreas são dedicadas à cultura de chá, que se manufatura anualmente em apreciável quantidade e se vende na cidade quase ao mesmo preço do que é importado da China. A avenida

<sup>24</sup> Códice 676, seção de manuscritos da B.A. Paraense. Apud REIS, Arthur Cezar Ferreira. Op. cit. p. 7. - (Citado por Segawa, Barroco 12)

<sup>25</sup> VEIGA, José Pedro Xavier de. *Ephemerides mineiras (1664-1897)*. Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1897. v.4 p. 244. (Ver SEGAWA, Barroco 12).

<sup>26</sup> Arquivo Público Mineiro, Seção Colonial, Códice 220, fls. 191 v. Apud Cabral, Henrique Barbosa da Silva. Ouro Preto, Belo Horizonte, s.e., 1969, p. 140 (Ver SEGAWA, Barroco 12)

que conduz ao jardim, bem como várias outras que o rodeiam, está plantada com o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) que dá grande realce à beleza das terras. Estas árvores eram de cerca de trinta anos de idade e produziam em abundância grandes pinhas anuais"<sup>27</sup>.

Em relação ao Jardim Botânico de Salvador, somente poucos documentos confirmam a sua existência, como a correspondência entre o Governador da Bahia, D. Fernando José de Portugal e o ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Em maio de 1800, um ofício do capitão-general comunicava ao Governador o recebimento de sua carta, onde este lhe ordenava procurar estabelecer naquela Capitania, com a menor despesa possível, um Jardim Botânico semelhante ao do Pará. A correspondência estava acompanhada de um catálogo das plantas desse Jardim. Ainda designava Ignacio Ferreira da Câmara, para ser o diretor da instituição, incumbindo-o de:

"remeter para o Real Jardim Botânico todas as plantas vivas e secas que aqui houver, e de cuidar efetivamente no estabelecimento e direção de um jardim desta natureza não tendo sido possível até agora comprar-se o terreno para ele, por falta de meios em razão das extraordinárias e indispensáveis despesas que tem ocorrido..."<sup>28</sup>.

No entanto, o que se observa, nesse período, é o movimento contrário: são as espécies das regiões tropicais que vão enriquecer os jardins, "exóticos", dos estados europeus e fomentar o interesse "científico". Conforme Fernando de Azevedo:

"para dezenas de academias literarias que se sucederam na Colônia, não se encontra até 1770 uma só academia de

<sup>27</sup>GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil : principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-41. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975. p. 229.

<sup>28</sup>ALMEIDA, Eduardo de Castro. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo da Marinha e Ultramar de Lisboa. Rio de Janeiro : Oficinas Graphicas da Biblioteca Nacional, 1916. 6. v. (Ver SEGAWEA, Barroco 12).

ciências: a primeira desse gênero, a Academia Científica (instituída no Rio, em 1771, pelo vice-rei marquês do Lavradio), teve duração efêmera (1771-1779) e, reduzida a sua atividade à criação de um horto botânico no morro do Castelo, a algumas iniciativas de interesse prático e ao intercâmbio com as academias estrangeiras, não exerceu nenhuma influência na evolução do pensamento nacional"<sup>29</sup>.

Deve-se assinalar que é só com a constituição das Ciências Naturais, como disciplina autônoma, que se inicia o levantamento mais sistemático da flora brasileira, realizado pelos primeiros "botânicos" europeus. Catalogar, cultivar, comparar e difundir não são ainda práticas culturalmente estabelecidas.

Esse movimento, em paralelo ao discurso higienista nascente, levará à integração dos elementos da flora na própria composição da cidade, como reação e, ao mesmo tempo, solução ao problema do adensamento urbano.

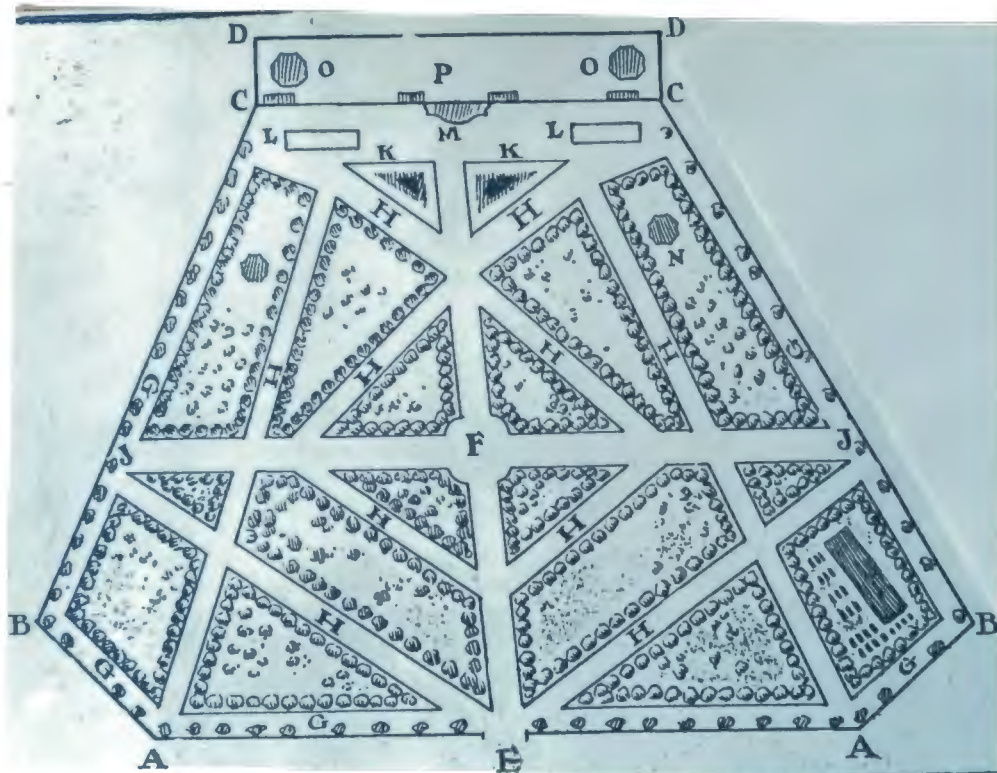
Um dos primeiros jardins públicos construídos no Brasil, já com estas preocupações, foi o Passeio Público, executado justamente em finais do século XVIII, no Rio de Janeiro. Essa obra, iniciada em 1779 foi uma realização de D. Luis de Vasconcelos que incumbiu Valentim da Fonseca e Silva - mais conhecido como o Mestre Valentim -, de projetar um "jardim de prazer", isto é, um jardim público para servir à população da cidade. Esse artista exercia múltiplas atividades, a maioria por intuição, sendo mais famoso como escultor e entalhador, porém, é a ele que se atribuiu esse primeiro projeto de jardim público (Il. 25).

As preocupações de ordem higiênica o levaram a aterrar a lagoa existente (Lagoa Grande ou do Boqueirão da Ajuda) com o desmonte do outeiro das Mangueiras (Il. 26). Embora destinado a um público restrito, pois era circundado por um muro, o Passeio Público seria o primeiro jardim estruturado às proximidades do contexto urbano. Inaugurado em 1783, teria sua própria história ligada ao

---

<sup>29</sup> AZEVEDO, F. A cultura brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1958 apud Menezes, E.D.B. Ciência Hoje, v. 14, no. 83, ago. 1992, p. 41.





II.25. Planta do Passeio Público de Mestre Valentim, Rio de Janeiro.  
 FONTE: Fundação Parques e Chafarizes (Monumento Parques e Chafarizes)



II. 26. Vista da Lagoa do Boqueirão e dos Arcos da Carioca, Rio de Janeiro.  
 Pintura de Leandro Joaquim.  
 FONTE: MACEDO, Joaquim Manoel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. p. 40f.

desenvolvimento do Rio de Janeiro. Pelos registros existentes constata-se que ele foi traçado nos moldes de um jardim francês - a perspectiva infinita proporcionada pelo mar que chegava até sua beirada, as "pelouses" e os caminhos retilíneos estão entre os diversos elementos utilizados. O seu estado atual corresponde à reforma realizada, já no século XIX, pelo botânico Auguste François Marie Glaziou.

Era um jardim fechado em três lados por um muro alto onde existiam aberturas, alternadas com panos de paredes cegas, sendo as aberturas ornamentadas com vasos de cantaria. Embora de pequenas proporções e mal tratado, era, ainda assim, o lugar de divertimento preferido em relação aos outros sítios do Rio de Janeiro. O mar ia até sua beirada (Il. 27), porém em 1817 houve necessidade de obras em sua estrutura, já que o terraço estava a mercê das ondas e tendia a desaparecer. Delso Renault lembra que no ano de 1824 ele se tornou o primeiro lugar de recreio dentro do perímetro urbano. E ainda comenta:

"No terraço, com cerca de cem jardas de comprimento e largura proporcionada, existia um parapeito para o lado do mar, onde a gente se debruçava para gozar as delícias da brisa marinha e apreciar a paisagem que se abria diante dos olhos como um quadro raro"<sup>30</sup>. (Il. 28)

Uma grande avenida, lembrando uma alameda, formava o eixo longitudinal e uma série de caminhos o cortavam. A gruta dos jacarés, era encimada por um coqueiro de ferro, com aproximadamente quatro metros de altura, pintado de verde. Anna Maria M. de Carvalho acrescenta:

"Valentim projetou o Passeio Público na forma de um hexágono irregular, todo cortado por aléias, uma principal reta com vista

<sup>30</sup> RENAULT, Delso. O Rio de Janeiro nos anuncios de jornais. Rio de Janeiro : José Olympio, 1969. p. 60.



II.27. Passeio Público, Rio de Janeiro. Aquarela de Richard Bate.  
 FONTE: MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Garnier, 1991, p. 160a.



II.28. Terraço do Passeio Público, Rio de Janeiro. Litografia de Jacottet de um desenho de Desmons.  
 FONTE: DESMONS : PANORAMA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro : Banco do Estado da Guanabara, 1963, pracha 10.

direta para o fundo e outras secundárias, também retilíneas, num traçado especial de paralelas, perpendiculares e diagonais, perceptível em uma planta de Rivera"<sup>31</sup>.

Possuía diversos elementos ornamentais que estruturavam sua composição; sendo que alguns permanecem até hoje: a fonte dos jacarés, citada anteriormente, o terraço com uma espécie de belvedere à beira-mar - atualmente afastado do mar pelos sucessivos aterros -, lago e fonte do menino com a inscrição - sou útil ainda brincando -, pirâmides de granito com as inscrições "À saudade do Rio" e "Ao amor do público" e grande portão de entrada.

"O olhar do espectador percorria esse eixo central formado pela aléia principal e pelas pirâmides em direção ao primeiro foco de suas atenções: um imponente conjunto escultórico e arquitetônico que compunha, como um altar, a chamada "Fonte dos Amores" (...)"<sup>32</sup>.

No terraço, à beira-mar, existiam dois pavilhões quadrangulares, o da esquerda ornado com uma estátua de Mercúrio e o da direita com uma estátua de Apolo, ambas em mármore. Na ornamentação desses pavilhões trabalharam Francisco Cardoso Caldeira - o Xavier dos Pássaros - e Francisco dos Santos Xavier - o Xavier das Conchas. O primeiro executou obras no pavilhão de Apolo com trabalhos de penas de pássaros, o segundo com escamas de peixes e conchas ornamentou o pavilhão de Mercúrio. Nas paredes desses pavilhões estavam os quadros de Leandro Joaquim, reproduzindo a vida cotidiana da época no Rio de Janeiro. Em 1817 esses pavilhões são retirados devido à reforma ordenada por D. João. Apesar da reforma, a conservação do jardim continuou esquecida. Quando os viajantes T. von Leithold e L.

<sup>31</sup> CARVALHO, Anna Maria Monteiro de. O Passeio Público e o Chafriz das Marrecas de Mestre Valentim. *Gávea*, Rio de Janeiro, nº 7, dez., 1989, p. 89.

<sup>32</sup> CARVALHO, Anna Maria Monteiro de. Op. Cit. p. 93.

von Rango estiveram no Rio em 1819 mostraram certa decepção relacionado a esse lugar:

"O único passeio para os habitantes da cidade é uma praça junto ao mar, cujo tamanho é a metade da nossa Gensd'armes Platz. Pelo traçado dos canteiros, parece mais uma horta comum. É aliás, muito pouco freqüentada"<sup>33</sup>.

Observa-se, por levantamentos efetuados, que ainda em 1836 o Rio de Janeiro não dispunha de locais de diversão, com exceção do Passeio Público, que continuava a ser o lugar de recreio da população. Anúncios nos periódicos mostram as necessidades, sentidas pela população, que exigia do governo a sua melhoria, a fim de tornar o lugar mais agradável. A expressão "único lugar de recreio" se sucederá e ecoará na sociedade, clamando muitas vezes por mais áreas de lazer.

Em 1841, novas obras se iniciam para a reforma do Passeio Público. Nesse período são construídos dois novos pavilhões octogonais (Il. 29) e é recolocado no portão o medalhão de bronze, agora com as armas imperiais brasileiras em vez de portuguesas, que havia sido retirado em 1835. O traçado primitivo é mantido, acrescentando-se, porém, o lago e o canal. As estátuas dos antigos pavilhões são colocadas no jardim.

No ano de 1854, no Rio de Janeiro, a iluminação à gás estava sendo introduzida e o Passeio Público não foi esquecido, como lembra Delso Renault:

"Ilumina-se o Passeio Público, cujas luzes, coando-se entre as árvores copadas e refletindo-se no mar, oferecem espetáculo admirável"<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> O JARDIM DO PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO. PAISAGISMO. Rodriguésia. ano XXXI, no. 51, 1979. p.239.

<sup>34</sup> RENAULT, Delso. Rio de Janeiro : a vida da cidade refletida nos jornais. p. 82.

Em 1858, ele terá como Diretor Luiz Riedel, constando em periódicos da época que existiam trabalhadores para sua manutenção e um cabo e três soldados veteranos para guardas do portão<sup>35</sup>. No ano seguinte a direção caberá ao Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire, sendo seu administrador João Moreira Queiroz Junior, continuando o mesmo número de trabalhadores para a sua manutenção.

Em 1860 e 1861, a direção continua a cargo do Dr. Francisco Gabriel da Rocha Freire, a administração pertence agora a Francisco Rudio e a manutenção é feita por trabalhadores, um guarda de portão e quatro africanos livres da nação<sup>36</sup>.



Il. 29. Passeio Público, Rio de Janeiro. Pavilhões octogonais.  
 FONTE: TABET, Sergio, PUMAR, Sonia. O Rio de Janeiro em antigos cartões postais. Rio de Janeiro : ed. autor, 1985. p. 69.

Em razão da falta de cuidados e da atenção necessária para com ele, o Passeio Público é fechado, só voltando a funcionar em 1864, quando Delso Renault lembra:

<sup>35</sup> Almanak Laemmert, 1858.

<sup>36</sup> Almanak Laemmert, 1860. p. 106; 1861, p. 41 e 97.

"Reabre-se também o Passeio Público, local aprazível nas noites de verão. Nele costuma-se apresentar um programa musical, como fez há pouco a banda dos músicos alemães. Lástima que seu portão se feche as dez horas, com o porteiro a advertir os casais sobre a rigidez do horário. Será por economia? Pena. O jornal roga à autoridade que prorrogue esse horário nas noites de luar: "Nem haverá maior dispendio, porque o luar é mais apreciavel que o gas""<sup>37</sup>.

Mas isso não irá durar muito e no ano seguinte começam as reclamações em relação à iluminação ineficiente para um dos poucos locais de lazer, A população pede providências e denuncia que "Ha muito tempo que se não acende mais do que a metade dos lampeões que ahi ha!"<sup>38</sup>.

O Passeio Público tem uma triste história de sucessivas reformas e abandonos. Delso Renault, seu cronista constante, descreve como esse jardim também servia de palco para festas de caridade com a finalidade de angariar fundos para irmandades que estavam realizando obras em suas igrejas.

"Diante do cotidiano de apreensão e sacrifícios a sociedade se retrai. [...] Aquela via será ainda a passarela da moda e do flerte até o findar do século. O Passeio Público é abandonado e, depois de reformado, é local onde se bebe cerveja e se ouve música. A comissão da Irmandade do S. S. da Freguesia da Glória organiza os festejos, visando dar continuidade às obras da matriz do Largo do Machado, paralisada há muito por falta de recursos. Peças escolhidas serão representadas pelos artistas do *Alcazar* no palco armado no terraço do jardim. Iluminação veneziana do ambiente, com pavilhões e pirâmides. Chuvas de fogo no repuxo da entrada. Dois incêndios artificiais no jardim. (...) <sup>39</sup>.

Todos os viajantes que marcaram sua passagem pelo Rio de Janeiro, deixaram registrado, de uma maneira ou de outra, a impressão que o Passeio Público lhes causava. Os fatos narrados em seus escritos se repetem: a organização formal

<sup>37</sup> Op. cit. p. 239.

<sup>38</sup> Op. cit. p. 252.

<sup>39</sup> Op. cit. p. 268.

do jardim; os clamores da população são os mesmos; os encantos de ver uma cidade rodeada de morros e florestas se manifesta fortemente naqueles que ali iam para admirar a paisagem, estudar as espécies botânicas, ou para o simples lazer. Charles Ribeyrolles deixa claro através de sua impressão alguns desses elementos:

"É um jardim mal cuidado, quase sem arte, sem cultura. Tem realmente árvores soberbas como pinheiros, bombax e algumas palmeira de coifa aberta em leque. Ali há frescura, flores e sombra. E como última aléia, um magnífico terraço de pedra que defronta com a baía. Dois pequenos pavilhões octogonais (...) estão colocados nas extremidades [...]. Quanta vez, debruçado no peitoril de granito, passei as primeiras horas vespertinas, seguindo na vaga os reflexos do céu, as sombras no horizonte, os sonhos e as recordações na fímbria longinqua da baía"<sup>40</sup>.

Quer sujo ou bem cuidado, quer abandonado ou restaurado, ou com a população a procurar lazer na sombra de suas frondosas árvores copadas, esse jardim é um marco do paisagismo organizado, no nosso País. Uma nova estrutura e novos elementos, que a ele se integrarão, virão com a radical reforma empreendida por Glaziou, e serão abordados no capítulo dedicado ao paisagista francês.

A chegada da Família Real ao Brasil estimulou uma nova sensibilidade à natureza e uma nova mentalidade na arte do paisagismo. A necessidade da organização de uma corte nos moldes europeus e a vinda da Missão Artística Francesa não só transformaram a arquitetura, mas a concepção da arte de execução dos jardins. No início, a instalação dos membros da corte nas melhores residências existentes no Rio de Janeiro, desapropriadas sem grandes formalidades, ainda deixava a desejar em relação aos recursos que a arquitetura habitacional da colônia proporcionava aos nobres vindos de uma metrópole européia. Eles aqui chegaram acostumados a habitar em cidades com ruas bem calçadas e com casas possuindo

<sup>40</sup> RIBEYROLLES, Charles. Brasil pitoresco : história, descrição, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980. p. 191-192.



jardim e/ou quintal, e não em uma cidade suja, onde as ruas eram poeirentas e tortas, tudo isso culminando com um insustentável calor dos trópicos. John Luccock que aqui esteve entre 1808 e 1818, relata a sua impressão sobre a cidade do Rio de Janeiro, descrevendo as melhorias ocorridas nesse período. Além de pormenorizar como era a arquitetura, acrescenta que:

"Nos arrabaldes da cidade as ruas são sem calçar, as casas de um só pavimento, baixas, pequenas e sujas [...]"<sup>41</sup>.

E mais adiante informa

"No período que decorreu desde a chegada da Rainha, notaram-se consideráveis progressos para situação mais favorável da capital do Brasil [...] Acrescentaram-se ruas novas à cidade [...] As casas fizeram-se mais generalizada e simetricamente caiadas e pintadas; aboliram-se as feias gelosias, e alguns dos balcões, que ficaram, viam-se ornamentados com plantas e flôres. Inúmeras pequenas vivendas e jardins enfeitavam as cercanias, tratos de terra eram cuidadosamente cultivados com grama, verduras e flores"<sup>42</sup>.

Ainda em 1837, quando Gardner visitou o Rio de Janeiro, parece não ter ainda havido grande modificações:

"Além de estreitas e sujas as ruas são também de mau calçamento e pior pavimentação, embora a cidade seja circundada de perto por montanhas do mais belo granito"<sup>43</sup>.

Dentre as iniciativas do Regente - D. João -, destaca-se a fundação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Inicialmente criado com o nome de Real Horto, em 1819 passou a chamar-se Real Jardim Botânico. Tendo como sua base inicial o

<sup>41</sup> LUCCOCK, JOHN. Notas sobre o Rio de Janeiro. São Paulo : Livraria Martins, 1942. p. 25.

<sup>42</sup> LUCCOCK, John. Op. Cit. p. 162.

<sup>43</sup> GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil, ... 1936-41. p. 21.

cultivo de plantas exóticas e raras, cuidadas e acompanhado o seu desenvolvimento, mais tarde, pelo próprio Imperador, algumas espécies forneceriam a matéria-prima para o uso na fábrica de pólvora instalada em seu interior. D. João VI acrescentou um jardim com árvores de interesse comercial e industrial, podendo garantir, dessa maneira, a produção de materiais exportáveis, produzindo uma renda razoável para Portugal. Providencia-se nesse período a vinda da Caneleira do Ceilão (*Cinnamomum ceylanicum*) do Horto Real do Pará, já mencionado anteriormente; da Canforeira (*Cinnamomum canphora*) oriunda das Ilhas Canárias; o cravo-da-Índia é introduzido por intermédio dos Ingleses, trazido das Ilhas Molucas; o chazeiro chega de Macau, colônia portuguesa na China. Junto com as plantas de chá, chega um grupo de chineses que o sabia preparar. Na coleção de mudas das plantas de chá, encontravam-se outras diferentes espécies, algumas com flores aromáticas, que lhe davam um perfume especial durante o seu preparo. Entre essas mudas encontravam-se: Falsa Murta (*Murraya exotica*); Gardenia (*G. jasminoides*); Aglaia (*A. odorata*); Jasmim do Imperador (*Osmanthus fragrans*) e Magnolia Amarela (*Michelia champaca*), algumas ainda hoje encontráveis em jardins e parques públicos. No período de 1829 a 1851, floriu pela primeira vez, a palmeira imperial plantada por D. João VI, conhecida como "Palma Mater". Desta descenderam todas as palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) do Brasil, características de nossas paisagens do Império, que marcaram a aparência das nossas fazendas, com suas alamedas de aspecto majestoso.

É pela visão dos viajantes que exploraram o território brasileiro e deixaram suas impressões registradas, que se observa que o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, na verdade, deixava muito a desejar. Gardner anotou que esse jardim:

"é antes um passeio público que um jardim botânico, porque, com exceção de alguns arbustos e árvores da Índia Oriental e de umas plantas herbáceas da Europa, pouco há ali que lhe

justifique o nome. Do imenso número de plantas indígenas do país, quase nenhuma vi"<sup>44</sup>.

Ribeyrolles, no seu *Brasil Pitoresco*, além de elogiar seu criador, que transformou o lugar em um oásis, critica o que nele se encontra:

"[...] É hoje o jardim das plantas, das bananeiras e das essências. (...) Nesse jardim, pobre em espécies, deficiente quanto à ciência, (...). Mas aqui domina o exótico, o que é lamentável dano. A aclimação é dever e necessidade para essa pobre Europa esgotada de germes, que sabe o que possui. Aqui a terra é virgem e quase desconhecida. O primeiro trabalho deve-se ao solo, e anos bastantes se passarão antes que a exploração, hábil e paciente, acabe o seu inventário. O Jardim Botânico do Rio devia ser, antes de tudo, brasileiro"<sup>45</sup>.

Hoje seu acervo é formado por coleções de diversas espécies e decorado com chafarizes, estátuas, pérgulas e lagos, espalhados pelo parque.

Como reflexo do desejo de construções nos moldes palacianos europeus, a Real Quinta da Boa Vista receberá, pouco a pouco, intervenções para adequá-la a sua nova função de Palácio Real (depois Imperial). O tratamento do entorno da edificação e a construção progressiva de jardins não serão esquecidos, como se verá em capítulo posterior.

Com a Independência, cria-se uma nobreza brasileira que vai construir suas residências luxuosas espalhadas pelo País. Os palácios do Itamarati, do Catete e Imperial de Petrópolis são exemplos significativos desse costume, pois os dois primeiros são residências, respectivamente, do Barão de Itamarati e do Barão de Nova Friburgo. Essa nobreza, representada por proprietários rurais, vai incorporar aos seus "palácios" urbanos os jardins. Não é só a arquitetura urbana que se altera, a rural também vai sofrer modificações, sobretudo num momento em que muitas

<sup>44</sup> GARDNER, George. Op. cit., p. 31.

<sup>45</sup> RIBEYROLLES, Charles de. Op. cit., p. 193.

famílias abastadas passam grande parte do ano no campo. A fazenda passa a ser extremamente requintada e elementos da arquitetura urbana são levados para a arquitetura rural - móveis, estuques, lustres etc., além dos jardins de traçado elaborado e com plantas importadas.

É nesse período que se acentua o intercâmbio com a Europa, através das viagens de estudos dos filhos da nobreza e da vinda de viajantes estrangeiros, inclusive botânicos. A sociedade deseja adquirir o aspecto europeu. A moda segue rigorosamente o que é ditado por Paris. Gardner observa que:

"Hoje em dia senhoras e cavalheiros se trajam ao rigor da moda parisiense e todos revelam pendor excessivo para a ostentação de jóias"<sup>46</sup>.

E Delso Renault constata:

"(...) Está encerrada a influência do estilo português. Na Corte e na capital da província subsiste o requinte da forma, copiada do modelo europeu. Às vezes exagerado, esse requinte é notado desde o portão, no jardim e no mármore que o ornamenta. Estão em moda os "azulejos, ladrilhos de Marmore e Ornatos de Louça para jardins, platibandas e portões"<sup>47</sup>.

No tocante ao jardim privado, este vai estar ligado, inicialmente, principalmente pelo requinte exigido, ao palácio e depois, à própria casa do homem comum.

Os membros da corte ao adquirirem terrenos no bairro de São Cristóvão para a construção de seus palacetes, cuidavam para que a futura arquitetura incorporasse um jardim. As chácaras já existentes na área ou até mesmo as fazendas de café nos arredores, mantinham seus jardins, e os proprietários

---

<sup>46</sup> GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil. p. 21.

<sup>47</sup> RENAULT, Delso. Rio de Janeiro : a vida da cidade refletida nos jornais. p. 183.

solicitavam a embaixadores estrangeiros ou a cônsules, sementes e mudas de flores como copos de leite, dalias, dracenas, hibiscos, lírios, roseiras de muitas variedades e diversas outras espécies vegetais.

Nos diferentes pontos do Rio de Janeiro, a preocupação com a organização do exterior se torna evidente na composição do espaço arquitetônico. Nos bairros das Laranjeiras, do Rio Comprido, do Andaraí e no de Santa Tereza, isso se torna claro quando consultamos os autores que mencionaram esses locais em seus livros. Gastão Cruls informa que em Santa Tereza uma dessas velhas casas, contendo vastos salões e pé-direito muito alto, complementava-se com o jardim que se situava a sua frente. Pela sua descrição pode-se também perceber o gosto pela flor na sociedade da época:

"[...] Janelas de sacada à frente dando para um jardim onde não faltavam o repuxo e o caramanchão coberto de jasmims. Onde abundavam as plantas ornamentais: hibiscos sangrando na ponta dos galhos e aqueles crótons de fôlhas verdes riscadas de amarelo, que serviram de distintivo nacional nos dias agitados que precederam a abdicação de D. Pedro I. Onde as flôres eram de todo ano. Manacás cheirosos e espirradeiras vistosas. Muita rosa e muito amor-perfeito. A sala de jantar, [...], abria-se para uma varanda sôbre a baía, ao longe, e, embaixo, sôbre a copa das árvores que disfarçavam a trilha ziguezagueante do pomar"<sup>48</sup>.

As grandes chácaras dos arrabaldes não fugiram às anotações de Gastão Cruls, que descreve, em pormenores, os elementos que junto com a natureza selvagem<sup>49</sup> compunham os jardins. Uma chácara que pertenceu ao Barão do Andaraí e outra de José Antônio de Figueiredo Júnior, pai do Conde de Figueiredo, situadas no bairro do Andaraí Pequeno (hoje no final da rua Conde de Bonfim), localizavam-se na depressão de um vale, e das vertentes situadas próximas desciam riachos criando

---

<sup>48</sup> CRULS, Gastão. Aparência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965. v. 2, p. 503-504.

<sup>49</sup> A expressão "natureza selvagem" refere-se àquela não alterada no seu aspecto original.

sulcos na terra. Cruls acrescenta: "daí a fartura de água, permitindo cascatinhas e piscinas naturais, lagos e tanques, fontes e repuxos"<sup>50</sup>. E, indo mais além, observa:

"Os jardins dessas chácaras, com os canteiros cobertos de flôres, com os muros vestidos de hera e latadas e caramanchéis entretecidos de trepadeiras, não se contentavam com os enfeites que lhes dava a louça vidrada. Usavam-se também muito na sua ornamentação os chamados *embrechados*. Conchas, cacos de louça e pedrinhas roliças embutidas, à moda de mosaico, na argamassa que revestia a bacia dos repuxos, o respaldo e o assento dos bancos, e até certos murozinhos que acompanhavam o contorno dos canteiros.

Além disso, estátuas de mármore, quase sempre representando divindades mitológicas, as quatro estações do ano ou as cinco partes do mundo, surgiam aqui e ali, dentre os tufos de verdura. Ou então eram grandes bolas de vidro brilhante, azul, verde, amarelo ou vermelho que, descansando sobre aramagem de ferro, quando batidas pelo sol, refrangiam coruscações ofuscantes."<sup>51</sup>

O bairro de Botafogo no ano de 1843 já mostrava determinados elementos que fariam dele, alguns anos mais tarde, o bairro requintado por suas belas chácaras e residências. Delso Renault comenta:

"Os proprietários das residências senhoriais de Botafogo, das chácaras e de outros recantos da cidade embelezam seus jardins e, possivelmente, recorrem aos "jardins floristas francezes", que anunciam "plantas exóticas taes como: camellias, azaleias, espirradeiras, peonias, magnolias [...] roseiras de novas especies, arvores fructiferas"". E continua "As plantas "floriferas e fructiferas" vêm "diretamente da França". Muitos jardins floriram na cidade com as sementes que vinham pelo Atlântico. "Sementes de flores mui lindas e legumes de 1ª qualidade" chegam à Côrte nos meados do ano"<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> CRULS, Gastão. Op. cit. p. 506.

<sup>51</sup> CRULS, Gastão. Op. cit. p. 507.

<sup>52</sup> RENAULT, Delso. Op. cit. p. 196.

As plantas das casas urbanas da burguesia passam a ter formas diferentes. Elas abandonam o modelo tradicional, compacto, e sua composição passa a ter diversas soluções: L, U, T etc. Uma nova tipologia se estabelecerá na relação "casa + jardim", pois as residências "soltam-se" dos limites dos lotes, para receberem áreas verdes projetadas como complemento da construção.

Num primeiro momento, parece haver o recuo da fachada em relação aos limites da via pública (Il. 30). Nesse espaço haverá a incorporação de um jardim, muitas vezes simplificado em razão do espaço pequeno a ele destinado. O segundo tipo adotará a colocação do jardim na lateral, possibilitado pela dimensão frontal do lote ser maior (Il. 31). Isso ainda permitia uma melhor aeração e iluminação. Os jardins laterais tornavam-se, um complemento dos prédios, e como aponta Nestor Goulart Filho eram acrescidos de "varandas apoiadas em colunas de ferro, com gradis, às quais se chegava por meio de caprichosas escadas com degraus de mármore"<sup>53</sup>. E, finalmente, a edificação ficará centrada em relação ao terreno, cercada, portanto, por um jardim, lembrando em muitos casos, o aspecto das antigas chácaras que foram importantes e que representavam o *status* social de seu proprietário (Il. 32).

Assim como as flores, os materiais empregados eram importados da Europa: cerâmica do Porto (estátuas, vasos, pinhas), estruturas de ferro, principalmente da França e Bélgica. Além dos jardins privados, dá-se início à ornamentação das praças e jardins públicos que terão grande importância no traçado urbano, como um reflexo do que também ocorria na Europa. Os chafarizes construídos por Mestre Valentim e Montigny são os precursores dos que ornamentarão os jardins públicos. Além dos chafarizes em ferro, constroem-se

---

<sup>53</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo : Perspectiva, 1970. p. 46.



II. 30. Recuo da fachada. Jardim frontal.  
 Casa na Rua Marquês de Olinda,  
 Rio de Janeiro.  
 FONTE: Foto do autor.



II. 31. Jardim lateral.  
 Casa na rua Marechal Deodoro, Pelotas, RS.  
 FONTE: Foto do autor.





II.32. Casa em centro de terreno. Jardim ao redor.

Casa na Av. Paulista, São Paulo, SP

FONTE: TOLEDO, Benedito Lima de. Álbum iconográfico da Avenida Paulista. São Paulo : Ex-Libris, 1987. p. 95.

coretos e estátuas.

Em relação as suas características compositivas, o jardim vai seguir, sobretudo, a solução paisagista. O modelo que chega ao Brasil na metade do século XIX é o jardim inglês, com alamedas, grandes árvores e com um tratamento que lembra a organização "natural". A solução paisagista apresenta, como regra geral, a seguinte estrutura formal: caminhos sinuosos, a utilização de elementos como lagos, pontes, caramanchões, pavilhões, estufas, esculturas e compondo-se de uma vegetação extremamente variada, com algumas plantas importadas, e até plantas tropicais, em alguns exemplos.

Aos botânicos e aos paisagistas somam-se os jardineiros amadores - existentes também na Europa.

Mais uma vez recorreremos a Delso Renault que descreve no ano de 1853 a relação casa e jardim

"Predominam as vivendas confortáveis com belos jardins, para os quais se apura uma arte do adorno: a topiária. Mudas colhidas no Jardim Botânico não são as únicas que vão crescer e florir nos jardins e nas chácaras. A sociedade cultua a flor e, com isso, atrai a horticultura francesa. São constantes os desembarques de coleções de plantas, flores, arbustos de enfeite, agradáveis ao olfato: "camélias do Japão, cravinas da China, magnólias, rhododendron, e rosas dahlías, raízes de flores, como anêmonas, gladiolos, iris, cysanthemas, azelia, macieiras, pereiras, cerejeiras, pecegueiros"<sup>54</sup>.

Infelizmente nem todas as espécies foram adaptáveis ao nosso clima. Algumas morriam e outras, quando utilizadas através de enxertia, evoluíam para uma adaptação climática à região.

É a partir desse momento que as sociedades hortícolas começam a se estruturar e aparecer, inclusive, nos anúncios dos periódicos da época. Entre alguns

<sup>54</sup> RENAULT, Delso. Rio de Janeiro : a vida da cidade refletida nos jornais (1850-1870). Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978. p. 66.

exemplos destacam-se A Casa da China, que se situava na Rua da Candelária nº 18. O anúncio também informava que sua localização era em frente à Igreja e que era fornecedora da Casa Imperial. Em destaque aparece o seguinte texto:

"Agencia para a venda de mudas, enxertos, alporques e plantas indigenas ou exóticas, aclimatadas no paiz, por iguaes preços ao que o proprio cultivador as vender no seu jardim: os conhecimentos e a pratica do agente lhe proporcionarão poder escolher melhor do que nenhum outro a especialidade em que cada um dos ditos cultivadores commerciantes sobresahe"<sup>55</sup>.

Um outro anúncio de "estabelecimentos horticulos" se preocupa, tanto com a elaboração do espaço ao gosto do proprietário, como também descreve as plantas para sua execução.

"G. KRIEGER, discipulo do celebre jardim botanico de Carluhe, horticulo do Sr. Baumann, bem como do afamado estabelecimento de desenho de plantas para jardins e caramanchões pelo gosto inglez ou francez; encarrega-se da execução das mesmas plantas, de medições, nivelamentos, etc. Ao mesmo tempo o annunciante, querendo-se, fornecerá tudo o que for preciso, como sejam: plantas, flôres, arbustos, chapéos de sol, caramanchões, repuxos, cascalho, etc. Para informações, dirijão-se à rua da Quitanda, 77."<sup>56</sup>.

A sociedade exigia o que era moda na Europa, e os anúncios não se descuidavam disso, como se observa na descrição contida na chamada de um outro estabelecimento hortícola:

"Adolpho Lietze, jardineiro. Recados por escripto, r. do Hospício, 63, 3º andar. Encarrega-se de jardins de gramma à moda ingleza"<sup>57</sup>.

<sup>55</sup> Almanak Laemmert, 1958.

<sup>56</sup> Almanak Laemmert, 1861. p. 643.

<sup>57</sup> Almanak Laemmert, 1862. p. 655.

O nome do jardineiro é uma constante nos anúncios.

A implantação do gosto europeu começa a transformar e ampliar, também, as ofertas de "Estabelecimentos Horticolas" e Jardineiros, como se pode verificar no seguinte anúncio:

Frederico Groth, faz jardins de gramma, recados r. do Hospício, 57"<sup>58</sup>.

A grande quantidade de nomes e endereços, significa que havia uma grande procura por esses profissionais e por sua arte de aformosear a paisagem.

O comércio, vendendo todo o tipo de material chegado da Europa, não deixa de chamar a atenção para os elementos ornamentais de pomares e jardins, incluindo plantas e sementes importadas. Instalado nos arredores da cidade do Rio de Janeiro ou em Petrópolis, esse comércio oferece além de: "as dahlias mais lindas, com as côres e nomes da aristocracia brasileira, a 50\$ o cento"; bancos e estatuetas de granito branco, para a colocação nas aléias floridas, onde passearão pavões e aves canoras que ajudarão compor a moldura das chácaras e quintas<sup>59</sup>.

A flor não é apenas cultivada. É cultuada... O proprietário encontrará uma forma de divinizá-la.

Dentre os diversos exemplos importantes de jardins desse período o Parque Lage mantém, ainda hoje as características exigidas pelo gosto daquela época. Segundo reza a tradição, em 1840 teria sido contratado um paisagista inglês chamado John Tyndale para remodelar uma Chácara, situada na Lagoa de Sacopenapan (atual Lagoa Rodrigo de Freitas), projetando os jardins da fazenda produtora de café, cana-de-açúcar e gado. A referida Chácara conhecida hoje como Parque Lage, teve uma sucessão de nomes e entre eles estão: Chácara do Pedreiro,

---

<sup>58</sup> Almanak Laemmert, 1864.

<sup>59</sup> RENAULT, Delso. Rio de Janeiro : a vida da cidade refletida nos jornais, p. 245.

Engenho do Vale da Lagoa, Engenho Nossa Senhora da Cabeça ou Chácara da Cabeça, Engenho da Lagoa, Engenho Nossa Senhora da Conceição, Engenho Real, Engenho Rodrigo de Freitas, Quinta Lage e Chácara do Lage.

O projeto inicial desse jardim incluía uma parte da floresta nativa, com um grande número de árvores importantes, aliado ao esquema tradicional da solução paisagística, ao qual não faltam nem mesmo a aléia de palmeiras imperiais. Os demais elementos também estão presentes, como sejam: caminhos sinuosos, pavilhão, torreão, lago, gruta, entre outros.

Pelo exposto, verificamos que os jardins representaram, de maneira clara, o pensamento das classes dominantes em cada período histórico. Os modelos ideais se repetirão, e se integrarão, cada vez mais, às atividades sociais, pois agora também começam a ser parte integrante da malha urbana.

Modificados ou restaurados por paisagistas consagrados, os jardins brasileiros trarão à luz as teorias em voga nos países europeus, como se pode observar no decorrer dos estudos feitos em relação aos que representam um momento da nossa história.

Atualmente, a preocupação com a conservação e restauração dos jardins começa a ser discutida e a sua execução colocada em prática internacionalmente.

Em 1981, na cidade de Florença, Itália, reuniu-se o Comitê Internacional de Jardins Históricos e ICOMOS/IFLA, e nessa ocasião foram elaboradas as diretrizes (objetivos e normas) para o reconhecimento e proteção dos jardins históricos. O documento oriundo da reunião denominou-se "Carta de Florença" (Anexo 1).

Segundo essa Carta, no seu artigo 1, fica determinado que um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, sob o ponto de vista da História ou da Arte, apresenta um interesse público.

O jardim, paralelamente às outras expressões artísticas, representa um dos fatores culturais da criação humana e, através da sua conservação e da sua manutenção, o historiador poderá analisar e avaliar as estruturas sociais que foram importantes na história humana.

Desses espaços, na maioria das vezes, só nos resta a memória visual, que nem sempre se ajusta aos textos criados pela imaginação dos autores que deles trataram.

Sobra-nos, em alguns casos, os seus projetos para auxiliar na sua compreensão, que associada à capacidade de imaginar, recupera, dessa maneira, o que existiu, re-criando novamente um jardim perfeito, o mais bonito - o Jardim do Paraíso.

#### 4. AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU : UM BOTÂNICO-PAISAGISTA NO BRASIL

Nestes jardins - há vinte anos - andaram os nossos muitos  
[passos  
e aqueles que então éramos se contemplaram nestes  
[lagos  
Se algum de nós avistasse o que seríamos com o tempo,  
todos nós choraríamos, de mútua pena e susto imenso.  
E assim nos separamos, suspirando dias futuros,  
e nenhum se atrevia a desvelar seus próprios mundos.  
E agora que separados vivemos o que foi vivido,  
com doce amor choramos quem fomos nesse tempo antigo.  
O Tempo no Jardim - Cecília Meireles

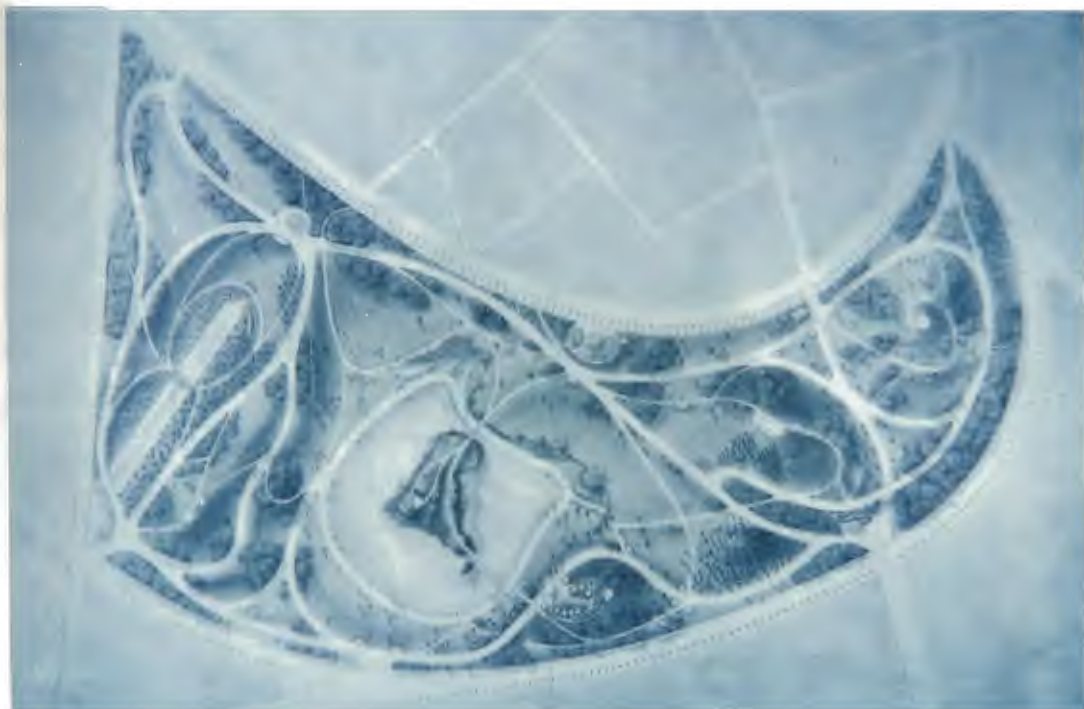
#### 4.1 A VIDA DE GLAZIOU

##### 4.1.1 Da Bretanha a Paris

Auguste François Marie Glaziou nasceu em 30 de agosto de 1833, em Lannion, no Departamento de Côtes-du-Nord, na Bretanha. Após completar seus estudos e obter o título de engenheiro civil, Glaziou fez o curso de botânica com o Professor A. Brongniart no Museu de História Natural de Paris. A agricultura e a horticultura também foram por ele praticadas, percorrendo os arredores de Paris para completar os seus estudos.

Sua educação na capital francesa o tornou familiarizado com o trabalho de Jean-Charles-Adolphe Alphand e com as transformações que sofria a cidade no século passado, sobretudo, as reformas empreendidas pelo Barão Haussmann.

É provável ter Glaziou colaborado com Alphand, nas obras executadas nos diversos jardins parisienses, entre eles o Bois de Boulogne e o Parc de Buttes-Chaumont (II. 33). O contato com o paisagismo desenvolvido na França, nesse



II.33. Planta do Parque Buttes Chaumont, Paris, França.  
FONTE: THE HISTORY OF GARDEN DESIGN. Londres : Thames and Hudson,  
1991. p. 395.



período, fez com que Glaziou incorporasse o vocabulário formal francês ao trabalho que viria a desenvolver no Brasil.

Teria trabalhado, também, em Bordeaux, onde participou da reforma do Jardim Público dessa cidade (Il. 34). Criado em 1746, por uma decisão do Intendente Tourny, esse jardim se inseria dentro da lógica dos novos embelezamentos urbanos característicos do século XVIII. Concebido por A. Gabriel, foi terminado em 1756, abrangendo uma superfície de 12 hectares, e formado por um terraço com pórticos, complementados por *parterres de broderies*. Em 1856 a municipalidade confiou a reconstrução do jardim (Il. 35) ao paisagista-arquiteto L. B. Fisher (em colaboração com o Diretor do Jardim Botânico, Durieu de Maisonneuve e, ainda, com o arquiteto da cidade, Charles Burguet). Fisher realizou um entorno agradável e um instrumento para o estudo das ciências naturais. Glaziou, sob a supervisão de Maisonneuve, dirigiu a transferência do Jardim Botânico, fazendo as escolhas das plantas.

#### 4.1.2 A Vinda para o Brasil

A convite do Imperador D. Pedro II, Glaziou transferiu-se para o Brasil em 1858, para ocupar o lugar de Diretor Geral de Matas e Jardins. Sua participação foi de grande importância para o desenvolvimento do paisagismo no nosso País. Além de cuidar dos jardins imperiais, impõe sua própria marca nos espaços nos quais interfere, de maneira diferente dos padrões aqui usados, até então.

É com ele que o jardim europeu do século XIX, aquele denominado paisagístico, chegará até nós. Suas atividades incluíam os projetos de jardins e, ainda, os herbários que por sua interferência se multiplicaram.

Aliado ao tratamento da natureza como obra de arte, também devemos



Il.34. Jardim Público, Bordeaux, França.  
Planta do século XX, mantendo as  
características originais.  
FONTE: Foto do autor.



Il.35. Jardim Público, Bordeaux, França. Detalhe do Parque.  
FONTE: Foto do autor.

a ele a descoberta de muitas espécies, sobre as quais publicou diversos trabalhos. Introduziu, ainda, plantas brasileiras em praças e ruas, destacando-se o oitizeiro, encontrado até hoje nas ruas do Rio de Janeiro.

É pelo decreto de 26 de janeiro de 1869, que Glaziou foi nomeado Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, sendo, posteriormente, condecorado pelo Imperador, com a Ordem da Rosa pelos relevantes serviços prestados ao paisagismo nacional.

Permaneceu no Brasil até 1897, quando pelo Decreto nº 402, de 07 de maio de 1897, foi aposentado do cargo que ocupava desde 1869. Retirou-se, então, para o seu país, onde morreu em 1906, aos 73 anos de idade, na cidade de Bordeaux.

#### 4.1.3 Atuação no Brasil

Sem dúvida, Glaziou, além das grandes realizações no campo do paisagismo, também nos legou inestimável colaboração em áreas afins. Foi incansável coletor de plantas em nosso território, classificando-as conforme sua espécie. Algumas recebem o seu nome, como aquele dado a um gênero de bignoniáceas, *Glaziovia* e também à maniçoba, *Manihot glaziovii*. Ativo trabalhador, sempre cuidou da coleta de novos exemplares botânicos, e empreendia, quando lhe sobrava tempo, demoradas e proveitosas excursões científicas.

Apesar de apenas entender de botânica e não ser um verdadeiro fitologista, nos legou uma *Notícia sobre botânica aplicada* e o *Resumo numérico das espécies de plantas colhidas na Comissão de exploração do Planalto de Goiás*.

Publicou, ainda, em 1871, *Algas brasileiras dos arredores do Rio de Janeiro*; em 1869-1873, *Criptógamos vasculares do Brasil* e em 1876, *Líquens brasileiros*.

Em relação à análise da implantação da nova capital no Planalto Central, Glaziou transferiu-se para o local, prestando valiosas informações sobre a região. É erigano pensar que ele fazia parte da Comissão Cruls como botânico. Na verdade, ele estava residindo no Planalto e, por carta enviada a Cruls, informa sobre o clima da região, assegurando que o aproveitamento do local, se bem feito, serviria "ao progresso industrial e social do país que tanto estremecemos".

A seguir será transcrita a carta que mostra a preocupação em analisar detalhadamente os aspectos favoráveis do local para a nova capital.

"Planalto Central do Brazil, 16 de Novembro de 1894 - Ilmo. Sr. Dr. Cruls. - É com satisfação que venho responder summariamente ás perguntas que vos dignastes dirigir-me relativamente á minha opinião concernente á natureza e ao clima do - Planalto Central do Brazil, estudo que me proponho submeter-vos, finda a viagem, de um modo escrupulosamente detalhado e mais condigno com tudo quanto tiver observado.

O aspecto das regiões até hoje percorridas é de um paiz ligeiramente ondulado; lembra-me o Anjú, a Normandia e mais ainda a Bretanha, excepto todavia na direcção Oeste onde campêa a Serra dos Pyreneus, tão pittoresca. A léste, estende-se o bello e grandioso valle que vai prolongando-se ate aos pequenos montes do Rio Parnauá, ramificando-se, em outros pontos, em todas as direcções. Esta planicie imensa, de superficie tão suavemente sinuosa, é riquissima de cursos d'água limpida e deliciosa que manam da menor depressão do terreno. Essas fontes, como os grandes rios que regam a região, são protegidas por admiraveis capões aos quaes nunca deveria golpear a machada do homem, senão com a maior circumspecção. São magnificos de verdura os pastos e certamente superiores a todos os que vi no Brazil Central. Todos esses elementos cuja disposição se podia attribuir á inspiração de um artista sublime dão á paisagem o aspecto mais aprazível e de que não ha nada comparavel, a não ser em miniatura os antigos parques inglezes, desenhados por Le Notre ou Paxton. Tão profundamente gravou-se na memoria a belleza do clima que de continuo o tenho na mente.

Em consecuencia da constituição geológica do solo, não é absolutamente fertil a totalidade do território, porém as localidades desprovidas dessa qualidade são cobertas de excellentes especies de gramineas principalmente dos generos Paspalum e Panicum. A essas hervas espontaneas é que a região deve a superioridade do gado vaccum e de seu producto

lactícinio certamente igual aos melhores da Europa. Eis a razão porque a criação do gado, que não acarreta senão desembolços mínimos, será indubitavelmente a industria agricola mais vantajosa do pais. Á margem dos rios, dos bosques assim como das inumeras cabeceiras existem ainda vastos terrenos aptos para o cultivo de muitas especies de arvores fructiferas dos climas temperados taes como as pereiras, as macieiras, as figueiras, etc. e principalmente a vinha cujo fruto é garantido por todas as condições que a sua prosperidade exige. A estação aqui chamada - fria - que corresponde ao tempo secco, dá simultaneamente logar á queda das folhas exactamente como na Europa succede com o inverno obstando o movimento ascendente da seiva, e impõe ao vegetal uma inacção indispensavel á maturidade dos galhos novos para a fructificação vindoura. A ser licita a esperança da prosperidade das arvores fructíferas, não é menos fundada a de todos os legumes indispensaveis ao consumo diario. Além do cultivo em maior e menor escala dos diferentes generos, o das florestas [sic] que, certamente, não será de menor vantagem para a economia geral pela produção das plantas industriaes, é igualmente digna da attenção do agronomo. Com bastante surpresa observei a existencia de numerosas Saponaceas susceptiveis de fornecerem a - Guta-Percha, - substancia mui procurada, hoje rara no estado de pureza. Por toda a parte nas mattas marginaes dos rios encontram-se especies congeneres taes como Lucuma, Chryzophyllum, Bassia, Mimusops, etc., das que produzem as melhores Gutta de Sumatra inconsideradamente quasi destruidas pela cobiça dos indigenas que da exportação auferiram grande lucro. Com essas Sapotaceas associam-se outros muitos vegetais cuja utilidade tão pouco não é para desprezar, como sejam as plantas de gomme, fibrosas, etc., e mais a introdução de especies exoticas que tambem seriam de muita vantagem para o paiz.

Agora que tenho a dita de viver sob o clima ameno do Planalto, cada dia o acho melhor pela temperatura perfeitamente constante, a leveza e pureza do ar: ahi tudo é amavel e calmo, quanto á configuração, os vegetaes não lembram nem os das regiões quentes nem os dos paizes frios; ás vezes verifico a existencia de especies pertencentes á flora alpestre do Itatiaia do cume da Serra dos Orgões ou a regiões distantes do equador, taes como o Chili, a Plata, etc. Muitas d'essas plantas brazileiras provenientes de sementes que remeto para Europa haverá 20 ou 30 annos, acham-se hoje perfeitamente acclimadas em Nice e nos contornos, prova evidente da analogia que existe entre regiões não raro afastadissimas umas das outras. Ora se os vegetaes das regiões altas do Brasil têm vida normal, ao ar livre, no sul da França e da Italia, estou firmemente convencido que o mesmo se ha de dar no Planalto quanto ás essencias mencionadas.

Para se conseguir este fim, convem, evidentemente, renunciar á rotina e recorrer á intelligencia, sobretudo de homens praticos, pelo menos para dar o impulso.

Quanto á minha opinião, formada desde já, é com a mais solida e franca convicção que vos declaro que é perfeita a salubridade desta vasta planicie, que não conheço no Brazil Central logar algum que se lhe possa comparar em bondade. A esta qualidade primordial do Planalto convem acrescentar a abundancia dos mananciaes d'agua pura, dos rios caudalosos cujas aguas podem chegar facilmente ás extensas collinas que nas proximidades, se vão elevando com declives suavissimos (1 a 5%). Nada pois deixa a desejar este elemento indispensável para o consumo de uma grande cidade; ainda quanto ao mais remoto futuro: ahi tambem abundam os materiais de construcção. A topographia do terreno, tão uniforme, permite o emprego dos instrumentos aratorios mais aperfeiçoados; a flora riquissima, com um cunho ou physionomia de todo particular pela uniformidade, caracter geral impresso pela regularidade das condições climatologicas do ambiente que habita. A este respeito, espero poder ministra-vos amplas e interessantes indicações de geographia botanica quando concluidas todas as nossas observações e colheitas de plantas na localidade.

Ao terminar esta resumida apreciação, não posso deixar de extrenar-vos quanto é para desejar a possibilidade de algum estadista vir aqui ajuizar do *visu* do que vemos juntos e das vantagens que ao progresso industrial e social do paiz, que tanto estremecemos, offerece o Planalto Central do Brasil.

Acceite o Illm. Sr. Dr. Cruls a homenagem dos meus respeitosos sentimentos e sincera dedicacão. - A. Glaziou<sup>60</sup>.

Glaziou foi respeitado pelo seu profissionalismo, como se pode notar em documentação no período de 1846 a 1889, pertencente aos volumes de números 41 a 57, relativos à Mordomia da Casa Imperial, atualmente no Museu Imperial de Petrópolis. Nesse Museu, onde está registrada a correspondência oficial ativa, em nome do Imperador, com intelectuais brasileiros e estrangeiros. Essa documentação, compilada pelo Arquivo Nacional, é hoje uma fonte importante para a análise do período. Os documentos que se referem a Glaziou serão transcritos a seguir, e é

<sup>60</sup> CRULS, L. Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. Rio de Janeiro : Cia. Editora Nacional, 1947. Coleção Brasileira, vol. 258.

através deles que se poderá mapear um período de 15 anos de sua vida no Brasil - 1871 a 1876 -, e onde se perceberá as múltiplas atividades por ele exercidas.

#### Ano 1871

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, ao Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, comunicando que S.M. o Imperador aprova a proposta do mesmo sobre a aquisição da coleção de plantas de Mr. Fée, correndo as despesas por conta dos saldo das verbas votadas no orçamento das obras, a cargo do mencionado dr. Glaziou<sup>61</sup>.

#### Ano 1873

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama<sup>62</sup>, Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, ao Secretario Geral da Associação Brasileira de Aclimação, comendador Joaquim Antônio de Azevedo, fazendo-o ciente da disposição de S.M. o Imperador de doar a esta Associação um terreno na Imperial Quinta da Boa Vista, para depósito de animais e viveiros de plantas. S.M., cõscio do proveito que tal iniciativa trará ao país, ordena que o Conselho da aludida Associação poderá dispor da área que julgar necessária, entendendo-se para isso com o Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, dr. Augusto Francisco Maria Glaziou<sup>63</sup>.

<sup>61</sup> DOM PEDRO II E A CULTURA. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1977. p. 50.

<sup>62</sup> Conforme informação do Arquivo Nacional o Mordomo passou a figurar como barão a partir da concessão de seu título em 17/07/1872.

<sup>63</sup> DOM PEDRO II E A CULTURA. Op. cit. p. 67-68.

#### Ano 1876

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao dr. Antônio da Rocha Leão [s.l.] agradecendo, em nome de S.M. o Imperador, a valiosa colaboração prestada ao dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, Diretor dos Parques e Jardins [da Casa Imperial] que fora a serra da Bocaina, em São Paulo, recolher plantas de várias espécies, "para interesse da ciência".

(Outra do mesmo teor é enviada para o comendador F.L. Ferreira Leal)<sup>64</sup>.

#### Ano 1877

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário do Brasil na Alemanha, barão de Jauru [conselheiro César Sauvan Viana de Lima] solicitando que participe ao dr. A. von Hrempolhuber, de Munich, que S.M. o Imperador recebeu e agradece sua carta de 31 de março do ano em curso, acompanhada da dissertação feita pelo mesmo, "relativa à descrição dos lichens", que foram colecionados na Província do Rio de Janeiro, durante os últimos anos, pelo dr. A. Glaziou<sup>65</sup>.

#### Ano 1881

Ofício do Escrivão da Casa Imperial, Luis José Martins Rocha, ao dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, remetendo, por ordem de S.M. o Imperador, os folhetos *Correspondance botanique de 1879* e *L'illustration horticule* <sup>66</sup>.

---

<sup>64</sup> Op. cit. p. 98.

<sup>65</sup> Op. cit. p. 106.

<sup>66</sup> Op. cit. p. 189.



Ofício do Escrivão da Casa Imperial, Luis José Martins Rocha, ao Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, enviando, por ordem de S.M. o Imperador, a carta de Voisens, acompanhada de uma circular da *Sociedade para Vulgarização das Plantas Exóticas*, para o destinatário se pronunciar a respeito<sup>67</sup>.

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, respondendo a seu ofício de 22 do corrente, autoriza-o por ordem de S.M. o Imperador, a solicitar do dr. A.W. Eichler, Diretor do Imperial Jardim Botânico de Berlim, atual editor da *Flora Brasiliense* o seu interesse a fim de ser completada a coleção desta folha existente no Paço Imperial, que se ressentia de alguns exemplares. Sendo deplorável este vazio, mormente pela preciosidade do assunto, acrescenta S.M. que o dr. Glaziou indique a forma pela qual os exemplares em causa deverão ser encaminhados à Casa Imperial<sup>68</sup>.

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, a Manuel Diego Santos [s.l.] comunicando que, em aditamento a seu ofício autorizou o Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, [engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou] a fornecer as plantas necessárias para ornamentação dos pavilhões anexos ao Ministério da Agricultura "e dar assim mais agradável aparência ao edifício da Indústria Nacional"<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> Op. cit. p. 191.

<sup>68</sup> Op. cit. p. 199-200.

<sup>69</sup> Op. cit. p. 201.

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao [Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou], comunicando a ordem de S.M. o Imperador a fim de ser atendido o pedido do Bibliotecário da Biblioteca Nacional, Sr. Ramiz Galvão [Benjamin Franklin] no sentido do Sr. Glaziou colaborar na ornamentação daquele edifício para a inauguração da Exposição de História do Brasil<sup>70</sup>.

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, [ao Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial, Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou], comunicando que, tendo apresentado a S.M. o Imperador sua carta de 14 do corrente, deu S.M. estas ordens: a) que sejam enviadas à Biblioteca Nacional os quadros referidos na relação que acompanhou a citada carta; b) que o dr. Glaziou dê sua colaboração e dos Parques e Jardins da Imperial Quinta da Boa Vista na ornamentação do edifício da Biblioteca Nacional, para a inauguração da Exposição de História do Brasil; c) que o cônsul brasileiro em Copenhagen [Ernesto Antônio de Sousa Leconte] forneça a importância de 600\$ ao tradutor do trabalho do dr. [Troels] Lund, sendo esta quantia empregada à proporção que se forem realizando as traduções<sup>71</sup>.

Ano 1882

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antônio Nogueira Vale da Gama, ao Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial Augusto Glaziou, encaminhando a carta de Pennoch &

---

<sup>70</sup> Op. cit. p. 201.

<sup>71</sup> Op. cit. p. 201.

Sons, para que se pronuncie sobre a utilização da máquina aplicada nos trabalhos dos Parques e Jardins da Quinta da Boa Vista<sup>72</sup>.

Ano 1883

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial, dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, enviando a carta de Gottfried Hottinger, para que, ciente do assunto na mesma tratado, o atenda, caso sejam necessários os seus serviços<sup>73</sup>.

Ano 1886

Ofício do Mordomo efetivo da Casa Imperial, servindo de Mordomo Mor barão de Nogueira da Gama, Nicolau Antonio Nogueira Vale da Gama, ao Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial dr. Augusto Francisco Maria Glaziou, acusando o recebimento dos lignitos e schistos contendo frutos e vegetais fósseis da bacia terciária de Gandarela, Minas Gerais, acompanhados de uma lista, correspondente aos minerais. Expressa os agradecimentos de S.M. o Imperador e estende-os ao Sr. Joaquim da Costa Sena, por sua colaboração na consecução deste trabalho, acrescentando "que S.M. o conhece e aprecia o seu merecimento"<sup>74</sup>.

Quando Luiz e Elizabeth Agassiz estiveram no Brasil, em 1866, deixaram registrado em seu livro de Viagem os agradecimentos a Glaziou, que gentilmente os acompanhou em excursões pelos arredores do Rio de Janeiro. Das citações destaca-se:

---

<sup>72</sup> Op. cit. p. 207.

<sup>73</sup> Op. cit. p. 255.

<sup>74</sup> Op. cit. p. 303.

Hoje, [15/julho/1865], longa excursão à Tijuca, em companhia de Glaziou, diretor do Passeio Público, que muito desejou ser nosso guia. Agassiz [Luiz] teve verdadeira sorte em encontrar, no nosso meio dos lazeres a que a força o adiamento obrigatório de nossa partida, um botânico como Glaziou, que soma a um conhecimento muito grande das plantas tropicais um profundo saber teórico. Ele se empenhou em enriquecer nossa bagagem científica, acrescentando-lhe uma seleção de palmeiras e outras plantas próprias para esclarecer as relações que existem entre a flora tropical dos nossos dias e a vegetação das eras geológicas anteriores. Será uma coleção inestimável para o estudo da paleontologia no Museu de Cambridge"<sup>75</sup>.

Ainda nesse mesmo livro, Glaziou é lembrado, pois no dia 09 de junho de 1866, empreenderam uma excursão a Teresópolis. O que recorda esse evento é o seguinte texto: "Em companhia de Glaziou, diretor do Jardim Público, e de Naegeli, partimos ontem para uma excursão à Serra dos Órgãos. [...]"<sup>76</sup>.

Glaziou prestou sua colaboração ao Tenente-Coronel Gastão d'Escragnolle, administrador da Floresta da Tijuca entre 1874 e 1888. Além de ser o responsável pela construção de pontes, lagos e chafarizes, Glaziou planejou alamedas que fizeram com que esta floresta se tornasse um grande parque próximo ao perímetro urbano. Com a morte de Escragnolle em 1888, esse paisagista assumiu, provisoriamente, a administração da Floresta, permanecendo no cargo até o início de 1889.

Uma outra grande contribuição de Glaziou foi a sua participação no Pavilhão do Brasil na Exposição Universal de Paris de 1889 (II. 36). O nosso País foi representado por flores e plantas ornamentais brasileiras, cuja seleção esteve a cargo do Delegado do Rio de Janeiro, A.F.M. Glaziou, que as escolheu dentre as espécies do Museu de História Natural de Paris e que foram gentilmente emprestadas por M. Cornu, professor e administrador do referido Museu. Na estufa, montada à

<sup>75</sup> AGASSIS, Luiz, AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil : 1865-1866. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975. p. 90

<sup>76</sup> Op. cit. p. 280.

Entrada do Pavilhão, localizado no Campo de Marte, floresciam espécies da selva amazônica despertando grande curiosidade nos visitantes. Além disso, nesse espaço, uma infinidade de plantas ornamentais também se faziam presentes, conforme relação no Anexo 2.



Il. 36. Pavilhão do Brasil na Exposição de 1889, Paris, França.  
FONTE: Catálogo da Exposição

#### 4.2 A OBRA DE GLAZIOU

Uma grande quantidade de obras, de especial significado para o paisagismo brasileiro do século XIX, tem sido atribuída a Glaziou, talvez por ser ele o único nome de paisagista europeu que até o momento foi detectado, de maneira evidente, na literatura que trata do assunto. Possivelmente outros nomes venham a surgir no decorrer de estudos futuros.

É verdade que um outro nome aparece, de maneira vaga, na tradição do século XIX. John Tyndale. Ele teria trabalhado no Parque Lage, na segunda metade do século passado, porém, quase nada pôde ser encontrado de afirmativo, nas pesquisas empreendidas durante a elaboração de um trabalho sobre o referido Parque.

A obra de Glaziou, se incluídos todos os jardins a ele atribuídos, pode ser organizada em três grupos, de acordo com a existência ou não de fontes primárias sobre essa atribuição.

Eles se situam na cidade e no estado do Rio de Janeiro, além de outras regiões do País.

O primeiro grupo tem sua atribuição apoiada apenas na opinião de alguns historiadores ou de artigos na imprensa, que trataram do tema. Fazem parte dele: Praça Tiradentes, Largo de São Francisco, Jardins do Palácio do Catete, Jardim da Casa da Marquesa de Santos, todos na cidade do Rio de Janeiro, RJ; Jardim da Aclimação, em São Paulo, SP; Parque do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, MG. Além de outros que se apoiam apenas na tradição oral.

O segundo grupo é formado por aqueles jardins a ele atribuídos e aos quais se pode, com relativa segurança, considerar como obra sua, no seu traçado original, pois existem projetos por ele assinados ou documentos que mencionam sua autoria. São eles: Palácio Imperial, Petrópolis, RJ; Parque São Clemente, Nova Friburgo, RJ; Praça D. Pedro II (atual Praça XV de Novembro), Rio de Janeiro, RJ.

Os exemplos mais significativos constituem o terceiro e o último grupo. Eles podem, com certeza, ser apontados como obra de Glaziou, pois farta documentação existe de sua intervenção no projeto e na execução dos mesmos. Entre as suas realizações na cidade do Rio de Janeiro, optou-se pelo estudo daquelas que ainda hoje mantêm as características básicas de seu traçado original, embora a maioria dos elementos que compõe sua estrutura tenham sido alterados ou

substituídos no decorrer da evolução urbana da cidade. São eles: Reforma do Passeio Público, onde um novo traçado transformará radicalmente o de Mestre Valentim; Quinta da Boa Vista, em que a natureza a sua volta será modificada, planejada e cultivada; e Campo de Santana, no qual a impregnação de seu tratamento será de acordo com aquele ditado pelo modismo do período - o jardim inglês. O presente trabalho terá este último grupo como ponto central de análise dos elementos formais e estruturais para a compreensão da obra deste destacado paisagista.

Para melhor compreensão da parte central do estudo, serão analisadas a seguir algumas obras do primeiro e segundo grupos.

#### 4.2.1 Os Exemplos

##### 4.2.1.1 Parque do Museu Mariano Procópio

Com relação ao Parque do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, MG, (Il. 37), ele é atribuído à mão de Glaziou conforme alguns artigos de jornais. Talvez estudos futuros comprovem ou não essas afirmações, já que até o presente momento nenhum documento foi encontrado confirmando a autoria do traçado daquele local.

Em 1973, o jornal "O Globo" afirma ser o projeto do edifício do Museu elaborado pelo arquiteto Karl Gomes e que a construção é cercada "por uma chácara que Glaziou (o mesmo arquiteto que delineou a Quinta da Boa Vista) projetou a pedido de Mariano Procópio..."<sup>77</sup>.

---

<sup>77</sup> O Globo, Rio de Janeiro, 10 jan. 1973 - IBPC - Pasta 38-02.

"A Tribuna" refere-se ao local dizendo "Esse parque [...] foi desenhado pelo botânico-paisagista A.F.M. Glaziou, chefe do serviço de parques e jardins de D. Pedro II, e autor do projeto da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro. O Burle Marx da época..."<sup>78</sup>.

A "Folha de Minas" afirma ser a execução do francês Glaziou, e a construção de 1861<sup>79</sup>.

E Geraldo Ferreira Arnoud atesta que "o parque no dizer de Agassis "Paraíso dos Trópicos", bordado de lagos salpicados de ilhotas, foi executado pelo conhecido francês Glaziou, sob a orientação inteligente de seu proprietário"<sup>80</sup>.



Il. 37. Parque Mariano Procópio, Juiz de Fora, MG.

FONTE: CIDADE DE PETRÓPOLIS. Petrópolis : Museu Imperial, 1957.  
p. 84b:

<sup>78</sup> A Tribuna, Santos, SP, 18 jun. 1972 - IBPC - Pasta 38-02.

<sup>79</sup> Folha de Minas, Belo Horizonte, 08 jul. 1952, p. 7 - IBPC - Pasta 41-02.

<sup>80</sup> SELVA, Rio de Janeiro, nº 8, 1948.



#### 4.2.1.2 Jardins do Palácio Imperial de Petrópolis

O entorno do Palácio Imperial de Petrópolis começou a ser estruturado no ano de 1864, com a supervisão do próprio Imperador. Apesar das controvérsias entre os historiadores quanto ao primeiro projeto para esse jardim, acredita-se ser ele obra de Glaziou, em virtude da existência de uma planta aquarelada do parque (Il. 38), provavelmente desse período, porém, sem assinatura ou data. Esta planta pode ser de autoria de Glaziou, pois apresenta muitas características semelhantes, se comparada a outros projetos dele. Um segundo fator que pode confirmar tal certeza é o documento, datado de 9 de maio de 1877, constituído por um ofício do então Mordomo, Barão de Nogueira da Gama, onde é comunicado ao Diretor dos Parques e Jardins da Casa Imperial, Dr. Augusto Glaziou, ter ele ordens para examinar o estado dos jardins do Palácio de Petrópolis<sup>81</sup>. No entanto, o Imperador, optou pelo projeto de Jean Baptiste Binot, botânico que residia em Petrópolis. O contrato com esse horticultor parisiense data de 1854, e nele está expresso o compromisso de executar os jardins situados ao lado e à frente ao Palácio Imperial.

Mantendo a estrutura característica do jardim do século XIX, que Glaziou utilizava, mistura a vegetação exótica - palmeiras da Austrália, bananeiras de Madagáscar, árvores de incenso -, àquelas do nosso País - cedros, magnólias, jaqueiras entre uma infinidade de espécies. Completando o conjunto, as flores estarão presentes, realçando com seu colorido o encantamento do lugar. Seu traçado sinuoso, seus lagos com formas irregulares, suas fontes, seus repuxos, suas esculturas espalhadas pelos caminhos curvos e seus recantos ocultos, fizeram e ainda fazem, com que o complexo paisagístico seja um dos lugares mais fascinantes da cidade de Petrópolis.

---

<sup>81</sup> O MUSEU IMPERIAL. São Paulo : Banco Safra, 1992. p. 16.

A título de ilustração o Anexo 3 apresenta o levantamento no nosso século, da vegetação existente no parque, pelo Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Dr. João Geraldo Kuhlmann.



II.38. Planta elaborada por Glaziou para o jardim do Palácio Imperial, Petrópolis, RJ.

FONTE: O MUSEU IMPERIAL. São Paulo : Banco Safra, 1992. p. 17.

#### 4.2.1.3 Parque São Clemente

O Parque São Clemente localizado em Nova Friburgo, RJ, está afastado um quilômetro do centro da cidade. É o complemento da antiga propriedade dos Barões de Nova Friburgo. Mesmo sofrendo reformas em nosso século, tanto na casa quanto no parque, manteve o projeto original com sua enorme área de jardins e lagos artificiais.

As árvores estão conservadas e entre elas encontram-se vários exemplares de plátanos.

#### 4.2.2 Obras Mais Significativas

##### 4.2.2.1 Passeio Público

Existe desde 1783 e foi planejado pelo Mestre Valentim, que para isso utilizou o aterro executado com o desmonte do Morro das Mangueiras, que se elevava em suas proximidades. Sua construção teve como finalidade oferecer ao público um logradouro pitoresco e higiênico. Por muito tempo o lugar serviu de refúgio para os moradores da cidade, entrando posteriormente em decadência, tendo chegado a um verdadeiro estado de abandono. Várias alterações marcam a vida desse logradouro, como mencionado no Capítulo 2, até a reforma empreendida por Glaziou em 1862.

O Passeio Público era denominado - Jardim Botânico ou Passeio Público da Corte, e recebeu a partir do final de 1861 melhoramentos que como divulga a imprensa "equivalem à sua completa reforma"<sup>82</sup>. Acrescentando ainda: "Com efeito, esse único jardim público da cidade do Rio de Janeiro tinha chegado a um estado vergonhoso!"<sup>83</sup>.

Com as solicitações da imprensa, ecoando os pedidos da população por um lugar adequado de lazer, o Ministério em 10 de agosto solicitou ao Sr. F. J. Fialho o estudo das obras pedidas. A planta, elaborada pelo Sr. Fialho e pelo botânico Glaziou, ficou aprovada, ficando acertado que o último se ocuparia da execução das

---

<sup>82</sup> Almanak Laemmert, 1862, p. 313.

<sup>83</sup> Almanak Laemmeri, 1862, p. 313.

obras e de sua conservação, pelo período de dez anos, conforme contrato de 01 de dezembro de 1860.

A partir desse momento novas reformas são introduzidas no jardim, alterando a sua feição, passando de um jardim à francesa para incorporar os elementos do jardim inglês. Nesse período seu diretor é Francisco José Fialho e o Diretor Botânico A. Glaziou, que reside no chalé do Passeio.

A nova estrutura do jardim é agora elaborada dentro dos moldes adotado naquele momento pelos países europeus. Era necessário tirar proveito de sua pequena área. O antigo jardim apresentava grande quantidade de elementos vegetais, que haviam nascido aleatoriamente, ocultando as formas e comprometendo sua composição original.

Os trabalhos começaram nessa miniatura de jardim paisagista. Caminhos sinuosos o cortariam em diversas direções, oferecendo a cada momento uma nova surpresa. Foi incorporado um pequeno monte, comportando um pavilhão rústico, de onde se podia descortinar a barra e uma parte do jardim. Em sua base haverá uma nascente, originando um curso d'água, que serpenteia sob as diferentes espécies de árvores, chegando a um lago, no qual existe uma pequena ilha.

Para completar o cenário quatro cisnes e alguns palmípedes serão os habitantes desse mágico lugar que fará parte de um Rio sujo e fétido. Estátuas e um vaso com flores em metal fundido, ornamentarão os diversos espaços.

Para a habitação dos empregados do logradouro foi construído um pequeno chalé, lembrando os suíços. Em outro lado do jardim, nas imediações da Cascata, situava-se um pavilhão, precedido de um peristilo, ao qual se tinha acesso por largas escadas de cantaria. Bancos de pedra estavam colocados nos lugares de repouso.

As pirâmides de granito, ficarão livres das plantas silvestres, possibilitando a leitura das inscrições - "Saudade do Rio" e "Amor do Público" -,

colocadas pelo Vice-Rei D. Luiz, o idealizador do Jardim. A água do tanque voltaria novamente a murmurar ao cair livremente das mandíbulas dos jacarés de ferro, modelados por Mestre Valentim.

É na nova concepção de Glaziou, que leva o sistema de alamedas em linhas retas e de elementos organizados regular e uniformemente, a desaparecer. "O olhar do artista e a ciência da botânica são os grandes instrumentos deste trabalho"<sup>84</sup>.

A escolha correta de árvores e plantas para os diversos recantos e a preocupação na sua colocação são elementos constantes para a correta concepção final de seu espaço paisagístico (Il.39).

Na planta elaborada por Glaziou (Il. 40) desaparece o grande eixo longitudinal que é substituído por uma *pelouse* oval, a qual ocupa o centro da composição. Esse espaço central é preenchido em suas bordas por tufo de árvores, e outras de pequeno porte são espalhadas no seu interior. O conjunto é completado por um pequeno tanque com repuxo situado diretamente à frente do portão entrada. As avenidas, agora em linhas curvas, variam suas extensões e surgem por todo o espaço, sendo complementadas por árvores em grupos ou separadas. Ao lado esquerdo do observador, está situada uma construção destinada ao lazer, formada de sala e peristilo. Do mesmo lado, um quiosque ou pavilhão completa o cenário e serve para abrigar bandas de música. Desse quiosque, parte um riacho, que irá até o outro lado jardim, onde formará o lago em cujo interior está colocada a pequena ilha com elementos vegetais. Sobre o riacho, situa-se uma ponte de aspecto rústico. Existe uma outra ponte, mais trabalhada e em ferro, em frente à Fonte dos Jacarés.

---

<sup>84</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Garnier, 1991.



II. 39. Vista do Passeio Público, Rio de Janeiro.

FONTE: TABEL, Sergio Roberto, PUMAR, Sonia, O Rio de Janeiro em antigos cartões postais. Rio de Janeiro : edição do autor, 1985, p. 71.



II.40. Planta do Passeio Público, Rio de Janeiro, elaborada por Glaziou.

FONTE: MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pelo Rio de Janeiro, p. 128c

No lado direito, existem algumas estátuas e bancos de repouso. O chalé, para moradia do administrador, também está situado nesse mesmo lado próximo à entrada.

Pode-se constatar, ainda, a presença de um gradeamento, em todo o seu perímetro, no qual existe um grande portão.

O levantamento das espécies botânicas presentes nesse jardim encontra-se no Anexo 4.

É lamentável que no nosso século, isto é, a partir de 1905, esse cenário não mais existisse de maneira integral. O terraço deixou de ser uma varanda sobre as ondas, pois o mar ficou afastado pelos constantes aterros, que deu nascimento à Avenida Beira-Mar.

Em 1922, o gradil que o cercava foi retirado, para ser recolocado mais recentemente, em uma das inúmeras intervenções sofridas por esse logradouro.

O portão de entrada conserva, ainda hoje, as efígies dos reis de Portugal, D. Maria e D. Pedro, num medalhão de bronze dourado.

#### 4.2.2.2 Quinta da Boa Vista

A área da Quinta da Boa Vista pertencia, no século XVII, aos padres jesuítas, que ali mantinham um engenho de açúcar. A região, ainda nesse século, passou a se chamar São Cristóvão, em virtude da existência de um templo dedicado a esse Santo.

No século XVIII, cumprindo determinações do Marquês de Pombal, o estado procedeu ao seqüestro da fazenda dos jesuítas, loteando-a e a colocando a venda. A maioria dos lotes foi adquirida por Elias Antônio Lopes, rico comerciante, que no início do século XIX começou a construção de um grande "palácio" naquele

lugar. Sua residência foi motivo de clamor pela população que a consideravam digna de um rei.

Apesar de ser uma casa de grandes dimensões, ficava muito longe, do aspecto monumental das construções européias, que encantavam os viajantes e eram cercadas de jardins.

Com chegada da Família Real, sentiu-se que a cidade não estava preparada para receber uma corte européia, como se viu em capítulo anterior. Antes que sua propriedade incorporasse as tradicionais letras PR (Propriedade Real e que o povo interpretava como ponha-se-na-rua), e fosse desapropriada, Elias apressou-se em cedê-la ao príncipe Regente D. João. Conseguiu, dessa maneira, obter no futuro todos os benefícios que a corte oferecia. No entanto, alguns historiadores afirmam que Elias não resistiu a cobrar a dívida alguns anos mais tarde, o que lhe teria causado a cessação de todos os privilégios.

Melhorias foram sendo realizadas no decorrer dos anos seguintes, porém sem atingir os objetivos desejados. Em 1821, D. Pedro I mandou reformá-la com as características que se mantém até hoje, pelo arquiteto Manuel de Araujo Porto Alegre, tendo suas obras se prolongado até o Segundo Império.

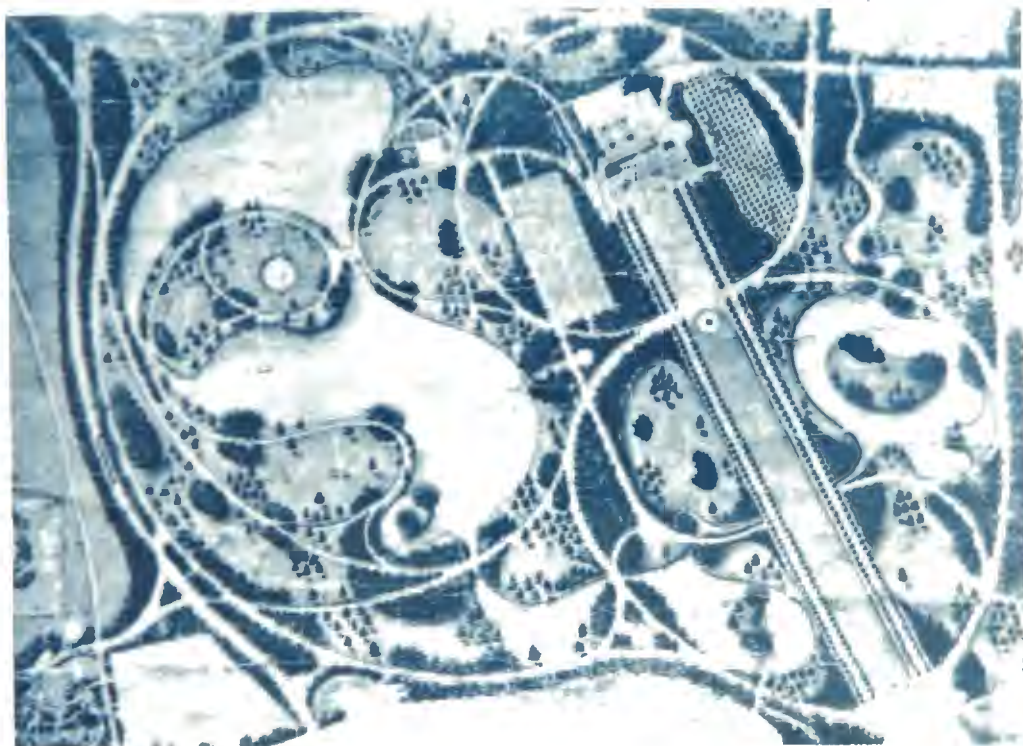
Ainda no século XIX, o lugar passou a denominar-se Quinta da Boa Vista.

A paisagem começou a ser organizada de maneira ordenada, a partir de 1874, pelo botânico Glaziou. Já em 1868, ele apresenta ao Imperador, um projeto (Il. 41) onde todas as novas características estão presentes. Neste mesmo ano, envia correspondência ao Mordomo da Casa Imperial, onde estipula algumas condições para o bom andamento dos trabalhos (Anexo 5).

Era uma preocupação de D. Pedro II ver a área tratada de uma maneira cuidadosa, conforme nota divulgada pelo próprio Imperador ao Ministério Saraiva em 1881.



"Até parei com as obras do Palácio de São Cristóvão; e se tenho gasto com o jardim, tornando-o um dos mais belos do Rio, é porque desejo que aproveite ao público, que precisa dêsse passatempo higiênico"<sup>85</sup>.



II. 41. Projeto de Glaziou para os jardins da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro.  
 FONTE: Arquivo do Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural  
 (IBPC), Rio de Janeiro, RJ.

Terminadas as obras do Campo de Santana, Glaziou voltou os seus esforços para a Quinta da Boa Vista. Novamente, pode-se encontrar em Pedro Calmon as impressões sobre o paisagismo que lá foi implantado:

<sup>85</sup> CALMON, Pedro. A Quinta da Boa Vista. *O Cruzeiro*, 23/déz./1961. p. 122.

Em vez de transportar para o terreno difícil o seu mundo irreal, valorizou liricamente a natureza, combinando com os traços franceses do parque a agreste surpresa das perspectivas: fêz, com retoques de intimidade romântica, um delicioso jardim tropical"<sup>86</sup>.

A documentação que possibilita o estudo e o acompanhamento das obras de paisagismo realizadas na Quinta, é constituída, sobretudo, das Portarias emitidas pelo Mordomo da Casa Imperial. Um desses documentos diz que:

"A 30 de novembro de 1875 conclui-se a famosa avenida do Parque Imperial. E três anos mais tarde, a 26 de junho de 1878, findam os trabalhos compreendidos entre o Paço e o Portão da Coroa, a famosa alameda em tôrno da Quinta, as pontes e a nova horta"<sup>87</sup>.

Por essa documentação constata-se que as obras desse jardim foram realizadas em duas etapas. O Mordomo, na citada portaria, acrescenta ainda que: "a despesa mensal prevista para 11:496\$794, diminui-se para 5:748\$797, a contar do mês de julho de 1878 para a conservação dos parques e jardins".

Em uma outra Portaria, datada de 20 de março de 1889, é concedido a Glaziou uma licença de 6 a 8 meses, a partir do dia 1º de abril, para se afastar do Brasil e preparar a participação do nosso país na Exposição Universal de Paris. No entanto, o Mordomo, confia-lhe, também, a missão de comprar na Europa novas grades e o portão, destinados à entrada principal da Quinta da Boa Vista.

A obra desse jardim foi custeada por D. Pedro II e alcançou a cifra de 3.500 contos de réis.

Para a integração do portão principal, Glaziou traçou, a pedido do Imperador, uma linha reta partindo da fachada principal do Palácio, formando uma aléia de sapucaias. Imediatamente junto ao edifício do Palácio existe uma área,

<sup>86</sup> Op. cit. p. 122.

<sup>87</sup> AULER, Guilherme. Glaziou e a casa imperial. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22/jun./1958.

demarcada na planta, de difícil identificação<sup>88</sup>, que seria ocupada por um jardim de traçado mais rígido e que possivelmente seja o que lá se encontra até hoje. No parque que se situa em ambos os lados desse eixo principal foram construídos lagos. Aquele situado à esquerda do observador é de grandes dimensões, enquanto o outro, à direita, é menor. Em ambos encontra-se uma ilha, sendo a do lago maior encimada por um pavilhão de características neoclássicas.

O parque incorpora todas as características de que Glaziou tanto gostava, assumindo um tratamento romântico. Lá estão, os longos caminhos sinuosos onde os transeuntes descobrem novos pontos de vista. Estão também presentes os lagos, acima mencionados, e os cursos d'água que refletem as frondosas árvores de diversas espécies, possibilitados pelo Rio Joana. O cenário é completado por uma grande gruta e por bancos colocados em lugares estratégicos, além de pontes que imitam troncos de árvores (Il. 42).

Pode-se identificar, na planta, duas áreas organizadas de maneira geométrica, situadas uma de cada lado do Palácio, que seriam, provavelmente, utilizadas como jardins utilitários ou viveiros de plantas.

O jardim passou por períodos de abandono, fazendo com que muitos dos elementos criados por Glaziou se deteriorassem, ou fossem substituídos.

O vandalismo também não poupou esse grande espaço. O jardim situado imediatamente junto ao Palácio, atualmente com características que lembram as dos jardins franceses de Le Nôtre, possuía elementos escultóricos que complementavam a sua composição e que hoje não mais estão presentes. Alguns foram roubados, outros recolhidos, impedindo, desse modo, a idéia de integração total desse espaço com o restante do parque.

---

<sup>88</sup> Não foi possível consultar o projeto original, tendo a análise sido feita a partir de uma reprodução fotográfica em preto e branco, existente no IBPC, cuja nitidez compromete a sua leitura.

Em homenagem a Glaziou, foi colocado num dos caminhos do parque, próximo à cascata, o seu busto, esculpido em mármore, sobre um pedestal de granito (Il. 43).

#### 4.2.2.3 Campo de Santana

O Campo de Santana tem sua história, como logradouro, iniciada no século XVIII, pois anteriormente não passava de uma grande área pantanosa, que servia para despejo dos detritos recolhidos na área urbana, sendo conhecido por Campo da Cidade. Quando, próxima a ele, foi erguida a capela de uma confraria de pretos dedicada a São Domingos de Gusmão, começou a ser denominado Campo de São Domingos. O lugar continuou sendo um descampado, e os brejos e pântanos ainda se faziam presentes.

Com o desenvolvimento do centro da cidade o lugar começou, pouco a pouco, a modificar suas feições com construções espalhadas que começaram a compor uma nova estrutura no local. O aparecimento de chácaras de grandes dimensões, também foi modificando a paisagem.

Com a construção de mais uma igreja, em 1735, esta agora destinada à invocação de Sant'Ana, situada onde hoje se encontra a Estação D. Pedro II, na atual Praça Cristiano Ottoni, passa, então, a ser chamado de Campo de Santana. Essa igreja foi demolida, em 1856, para dar lugar à construção da primeira Estação da estrada de ferro.

No ano de 1790, foi realizado um aterro na área, ordenado pelo Vice-Rei, Conde de Resende, surgindo desta maneira, uma grande concentração de edificações, que incorporava o Campo à área urbana, com delineamento das ruas



II.42. Vista da Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro.  
 FONTE: BERGER, Paulo. O Rio de ontem no cartão-postal :  
 1900-1930. Rio de Janeiro : RIOARTE, 1986. p. 97.



II.43. Busto de Glaziou colocado na Quinta  
 na Boa Vista, Rio de Janeiro, na  
 alameda das Sapucaias.  
 FONTE: Foto de Glória Ferreira.

que constituíam os caminhos que para ele convergiam ou dele irradiavam.

No início do século XIX, para o aproveitamento dessa área ociosa de grandes dimensões, foi determinado pelo Conde de Linhares a construção, nas suas proximidades, de um quartel, já que ali eram realizados exercícios e manobras militares. Com o projeto elaborado pelo arquiteto Manuel da Costa e sob a orientação do Coronel Lopes de Barros, deu-se início em 1811 às obras, que somente após sete anos estavam pronta. Com as inúmeras alterações posteriores, o local é hoje ocupado pelo edifício do Ministério do Exército.

É nesse momento que se vê a preocupação com o paisagismo organizado, no lugar. Em 1815 foi inaugurada uma área destinada ao lazer, que ficou conhecida como Passeio do Campo (Il. 44). Esse primeiro jardim era cercado com um



Il.44. Passeio do Campo, Rio de Janeiro (atual Campo de Santana).  
 FONTE: MACEDO, Joaquim Manuel de. Um passeio pelo Rio de Janeiro, p. 242b.

gradeamento de madeira, fixo a pilares de tijolos e sua vegetação consistia de amoreiras, plantas nativas e estrangeiras. Seu comprimento era de aproximadamente 200 metros, situando-se entre as atuais ruas Visconde do Rio Branco e Buenos Aires. Esse jardim teve curta duração e, quando D. João VI retornou para Portugal, em 1821, D. Pedro I ordenou a sua destruição, alegando que Paulo Fernandes Vianna, Intendente Geral da Polícia e também seu criador, queria, na verdade, possuir um

jardim próximo da sua residência. Além disso, alegou-se que o jardim dificultava as manobras militares realizadas no Campo.

Com a Independência do Brasil, o nome do espaço é alterado para Campo da Aclamação, em homenagem a D. Pedro I, já que eventos ligados a ela tinham ocorrido em seu perímetro.

A confusão reinou em relação ao nome do lugar, com a abdicação de D. Pedro I, pois nove anos mais tarde, aqueles que tinham liderado sua saída, mudaram o nome para Campo da Honra; os partidários da Regência, o denominavam de Campo da Redenção; enquanto uma minoria entusiasta, o chamava de Campo da Liberdade. Mesmo não oficializado, a maioria da população o denominava Campo da Honra.

Neste período, em que se estabeleceram conflitos devido à abdicação, o povo carioca, através de seu humor, não perdeu a oportunidade para afixar nas paredes do palacete que existia no campo, a seguinte quadra satírica:

"Da honra fui campo outrora  
Muito que ver ainda temos  
Tudo serei mas agora  
Sou Campo do nós queremos  
E Campo do fora, fora"

Por muitos anos, o local continuou como depósito de lixo e como lavanderia pública, já que ali também havia sido construído um chafariz, que ficou conhecido como Chafariz das Lavadeiras, demolido em 1873.

Em 1831, foi erguido ali um teatro, chamado de Teatro Provisório, pois sua duração seria de apenas três anos, sendo que, na realidade, ficou ativo por vinte e três. Esse edifício também ficou conhecido como Teatro Lírico Fluminense e ali se apresentaram artistas famosos, nacionais e internacionais, da época.

Até 1839, todas as tentativas de dar um verdadeiro tratamento paisagístico à área foram infrutíferas e as poucas árvores existentes no local eram sistematicamente danificadas por estudantes, desocupados, mendigos, ladrões e outros transeuntes. Nesse ano, é sugerido pelo vereador Luiz de Menezes Vasconcelos de Drumond que a área denominada Campo do Passeio incorporasse novamente elementos vegetais. Sua sugestão não mereceu atenção.

Com a coroação de D. Pedro II, em 1841, o logradouro voltou a ser denominado Campo da Aclamação.

Em 1853, nova proposta de arborização foi sugerida pelo vereador Roberto Jorge Haddock Lobo, que como a anterior não foi aceita. Nesse mesmo ano Manoel de Araujo Porto Alegre, apresenta um projeto, que é agora aceito pela Câmara de Vereadores. Adolfo Morales de los Rios Filho quando se refere a Araujo Porto Alegre, trata desse seu projeto de reformulação para o Campo de Santana:

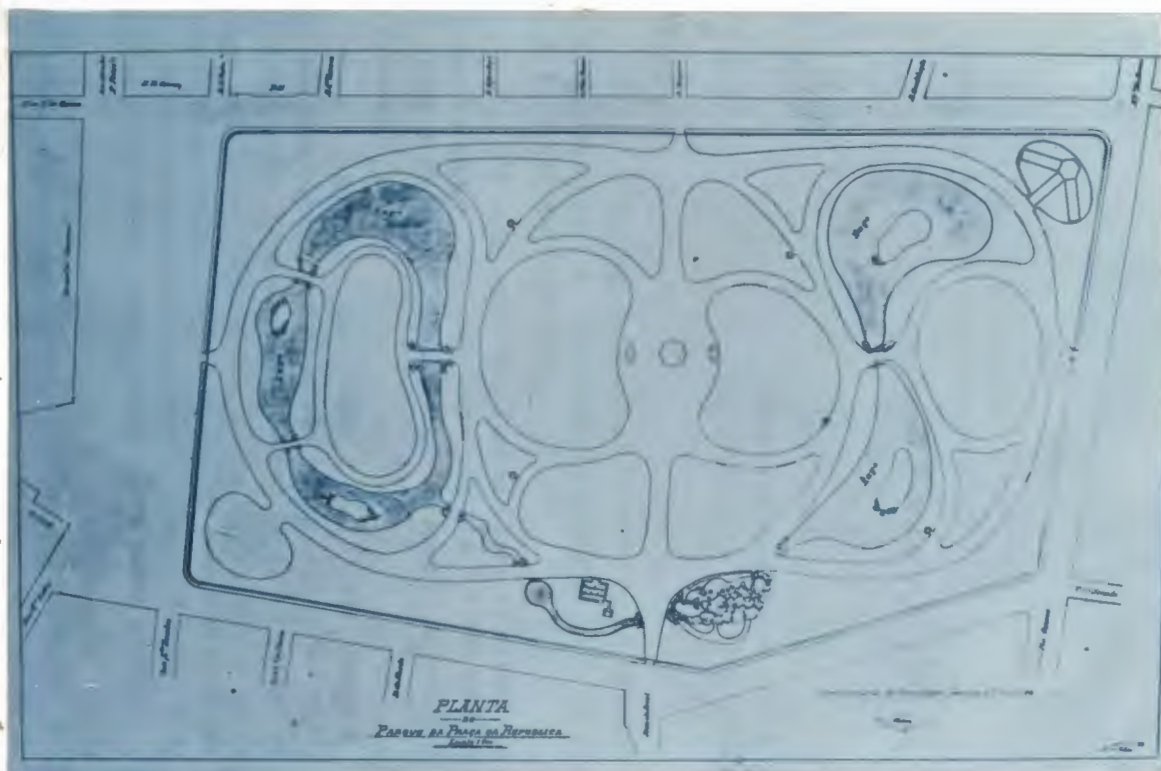
Também organizou um projeto, muito belo, de arquitetura paisagística para o Campo da Aclamação (atual Praça da República), com grandes aleias e vastos gramados, diversas e uteis construções, um pátio árabe denominado *Alhambra*, onde deveriam ter lugar os concertos públicos dominicais, e uma praça central, com a estátua do imperador, rodeada de palmeiras<sup>89</sup>.

Com a aprovação do projeto de Porto Alegre pelo Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Visconde de Bom Retiro, iniciou-se o plantio de mudas, com a participação do General João Carlos Pardal, que determinou a atuação de vinte sentenciados, escoltados e devidamente acorrentados, para realizar não só o aterro do local, como o plantio das árvores.

---

<sup>89</sup> RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. O ensino artístico : subsídios para a sua história - um capítulo: 1816-1889. In: Terceiro Congresso de História Nacional. Rio de Janeiro : IHGB, 1938. Anais... Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1942. p. 340.





II.45. Planta do Campo de Santana, Rio de Janeiro, baseada no projeto de Glaziou.  
 FONTE: Parques e Jardins (Arquivo do Monumento e Chafarizes)



II.46. Planta do Jardim de Batignolles, Paris, por Alphand.  
 FONTE: THE HISTORY OF GARDEN DESIGN. Londres : Thames and Hudson,  
 1991. p. 395.

Em 1856, novamente o lugar estava abandonado e sujo, tendo continuado, por mais alguns anos nessa situação. As várias propostas para o seu embelezamento eram, seguidamente rejeitadas, algumas por serem demasiado caras, outras pelo alto grau de excentricidade que apresentavam ou até mesmo, por não estarem de acordo com o objetivo do espaço - lazer para a população.

Após um longo período de abandono, em 1870, ocorrerá o despertar para uma nova fase na organização de seu paisagismo.

Nesse período, Glaziou encontrava-se envolvido com as obras do Passeio Público e se une, novamente, a Francisco José Fialho, que colaborou com ele na reforma do Passeio. Os dois apresentaram à Câmara Municipal, em 03 de junho de 1871, um projeto para reformular integralmente o Campo de Santana, sendo o mesmo aprovado em 1872. Glaziou assumiu sozinho o referido projeto, o que causou a quebra da relação entre os dois amigos, fato que não deixou de ser enfocado pela imprensa da época (Il. 45).

Após o levantamento da importância que seria necessária para a execução da obra - 1694.409\$200, no dia 02 de janeiro de 1873 consolidaram-se os direitos e deveres de Glaziou, através da assinatura de um contrato. No mês seguinte os trabalhos tiveram início, acentuando-se, cada vez mais a marca característica do paisagista, em nosso meio.

Buscando inspiração nos jardins de Alphand (Il. 46), tão em voga na França, e que Glaziou tão bem conheceu, uma vez que teria participado de alguns trabalhos do célebre paisagista, ele optou, mais uma vez, pelas linhas sinuosas na composição geral do jardim. Embora constassem do projeto original oito portões incorporados ao gradil de ferro que cercava o jardim, apenas quatro existiam, executados em ferro e sustentados por colunas também do mesmo material.

Devido ao grande espaço a ser tratado, era necessário que uma infinidade de espécies vegetais estivessem à disposição da obra. Para isso, foi criado um viveiro, em terreno cedido pela Mordomia da Casa Imperial, na Quinta da Boa Vista. O viveiro contava com plantas brasileiras, excedendo a 25.000 mudas, e observando-se entre elas a predominância daquelas que propiciavam madeira de lei.

Em 1887, conforme relatório do Conselheiro Antonio da Costa Pinto e Silva, o Ministério do Império informava ao Parlamento que os serviços de jardinagem já contavam com 4.680 árvores plantadas e que entre elas uma grande maioria pertencia a flora fluminense.

No decorrer de sete anos, o Campo de Santana foi tomando a forma de um espaço estruturado dentro da concepção inglesa, sendo que da área total, 86.587,95 m<sup>2</sup> eram ocupados pelas diversas espécies vegetais. A área restante destinava-se aos caminhos sinuosos; aos córregos que são transpostos por pontes; à cascata, que estava situada junto a uma elevação do terreno, de onde jorrava de uma fonte; à água que abastecia os diversos cursos d'água do jardim. Existiam outros elementos complementares, tais como: grutas artificiais, caramanchões, monumentos arquitetônicos e escultóricos.

A vegetação era na maioria brasileira: as palmeiras e árvores de diversas espécies, conviviam lado a lado. Dentre as plantas estrangeiras encontrava-se uma espécie de figueira - a microcarpa - trazida da Índia por Glaziou. Segundo o Botânico e Professor Luiz Emygdio de Mello Filho, o paisagista teria propositadamente usado uma espécie estrangeira, ao invés de uma nacional, para possibilitar o ineditismo de sua obra, pois se assim não fosse, o seu projeto estaria comprometido, uma vez que, com a utilização de espécies nacionais, em poucos anos haveria árvores semelhantes as utilizadas por ele espalhadas por toda a cidade. A reprodução da referida figueira só é possível devido às vespas polinizadoras que, logicamente, não foram trazidas (para cada tipo de figueira, existe uma espécie de

inseto polinizador). Continuando, o referido Botânico diz que Glaziou enganou-se pois a mãe natureza é sábia. Inexplicavelmente, após cem anos, este tipo de vespa que poliniza a figueira trazida da Índia, apareceu no Brasil, talvez por uma adaptação das espécies brasileiras ou por uma longa viagem que aquelas fizeram para reencontrar as suas "caras metades". Ele conclui dizendo que: "a natureza vive promovendo encontros de amor"<sup>90</sup>.

Junto ao *Ficus microcarpa* também chegou da Índia o *Ficus religiosa*, uma outra espécie de figueira. Quando chegaram em 1873, eram em número de 3.000 mudas, que permaneceram pelo período de seis anos no viveiro organizado por Glaziou no próprio Campo, e só então foram plantadas. No Anexo 6 encontra-se uma relação das principais espécies da flora usadas no Campo de Santana.

Sua inauguração ocorreu no dia 07 de setembro de 1880, estando presente ao evento D. Pedro II. Na ocasião, Glaziou recebeu do Ministro do Império, Barão Homem de Mello, o decreto que lhe conferia o grau de Comendador da Ordem de Cristo.

Os elogios ao seu criador e ao local ecoaram por todos os lados, provenientes daqueles que viram o espaço sofrer tal mudança drástica. A imprensa não deixou de noticiar o acontecimento, como consta do Jornal do Comércio do mesmo dia da inauguração, que descreve minuciosamente o jardim:

"Este formoso jardim, o mais bello que se póde encontrar no centro de uma capital, vai ser hoje entregue para logradouro do público fluminense.

Confiada ao Dr. Glaziou a execução desse grandioso plano, sahio-se della com toda a galhardia o provector engenheiro e botanista. Como obra d'arte tem esse jardim uma cascata monumental de soberbo effeito vista pelo exterior, e cheia de episódios inesperados para o visitante que se embrenhar nas grutas que tem no interior; ornadas de stalactites e stalagnites, onde o contínuo correr da água completará a perfeita illusão. Dá

<sup>90</sup> SCHOLL, Daniela. A "maternidade" aos 100 anos : figueira trazida por Glaziou encontra agora a sua vespa polinizadora. Jornal do Brasil, 13/abr./1991.

acesso a essa cascata uma pinguéla rustica e várias pedras como que disseminadas ao acaso nas águas do lago inferior. De noite, a cascata é illuminada por lampiões de gaz-globo, artisticamente dispostos.

Todo o jardim é cortado por um extenso lago rasteiro onde a grama vai beber, ocultando graciosamente o trabalho da mão do homem. Sobre esta longa fita d'água, há diversas pontes, imitando troncos de arvores. Todo este trabalho é feito de cimento, e tanto no desenho como na côr, imita com muita verdade, o natural.

Em frente da cascata há um grande monolitho espherico, sobre o qual se ergue um grupo de proporções monumentaes, representando um combate do tigre com o homem. As linhas do grupo são de bella composição; o desenho dos pormenores é feito com a largueza de linhas que exige este genero de esculptura. É autor do grupo o conhecido esculptor Després.

No que diz respeito ao ajardinamento, é elle feito, não só por um botanista proficiente, como por um paisagista de elevado gosto. As árvores estão dispostas com o fim de produzir uma determinada composição de linhas, que devem desenrolar diante dos olhos do visitante uma infinidade de quadros de paisagem.

Não foi indifferente a côr dos diversos vegetais; antes, pelo contrário estão collocados de fórmula que, pela differença de matizes, todos elles se destaquem e produzão um effeito conjunto de grande harmonia.

Comquanto o jardim do campo da Acclamação já seja um passeio agradável, é só daqui a alguns annos que poderá ostentar todos os seus attractivos e riquezas.

As árvores estão distanciadas de maneira que daqui a cinco annos, os frondes se unão de lado a lado, assombreado aquellas extensas ruas de modo que tornem este local apetecido, mesmo nas horas de mais intenso sol.

Há alli exemplares das arvores mais notaveis do Brazil e de outras regiões que com o nosso clima tem semelhança. A qualidade de eucalyptos que o Sr. Glaziou plantou em grande quantidade é a *robusta* e *resinifera*, que se dá perfeitamente com o nosso sólo e condições climatericas. Os gramados extensos, de onde de vez em quando se destacam alguns arbustos, produzem magnífico effeito.

Às cinco horas da tarde, S.M. o Imperador entrará no jardim pelo portão fronteiro à rua do Hospício, e, depois que se tenha retirado, ficará à disposição do publico este jardim, que conservará abertas as portas até as nove horas da noite.

Ahi fica, pois, o publico do Rio de Janeiro de posse de um magnífico logradouro de que tanto carecia para seu recreio e hygiene, e bom será que à vista dos custosos sacrificios que este jardim impôs aos cofres da nação, o nosso publico ordeiro

e bem intencionado como é zele essa propriedade nacional, como se ella pertencesse a cada um em separado"<sup>91</sup>.

Nesse mesmo ano, o Campo foi oficialmente denominado e reconhecido como Campo de Santana, apresentando nesse período uma nova concepção paisagística (Il. 47, 48, 49, 50,51).

Na primeira década do nosso século, outros elementos incorporaram-se ao parque. As esculturas representando as estações Primavera e Outono foram as primeiras a chegar. Mais tarde, as do Inverno e Verão, que estavam na Praça Quinze vieram se juntar às primeiras (Il. 52).

Em 1917, pelo Decreto 1165 de 31 de outubro, o lugar denomina-se e é oficialmente reconhecido como Parque Campo de Santana. Em 1934, um outro Decreto, o de número 4786, datado de 21 de maio, desliga as ruas de contorno passando, agora, a denominar-se Parque Julio Furtado, enquanto as ruas de seu contorno recebem a denominação de Praça da República. Um outro Decreto de 1939 (número 9876, de 25 de agosto), incorpora as ruas de contorno e o espaço passa a chamar-se Praça da República. Quando a Avenida Presidente Vargas foi construída, o parque sofreu nova interferência, o gradil foi retirado e terminadas as obras que haviam sido iniciadas anteriormente. As grades originais encontram-se hoje, no ex-Jardim Zoológico, em Vila Isabel e numa parte da Floresta da Tijuca, na área reestruturada pelo paisagista Roberto Burle Marx.

Novamente em 1956 outras reformas são efetuadas. Destas vez, são realizadas obras de irrigação, pavimentação em asfalto dos caminhos e reforma geral dos gramados.

---

<sup>91</sup> Jornal do Comércio - Ano 59 - no. 249, p. 1. - Seção Gazetilha. ( Biblioteca Nacional ).



II.47. Vista antiga do Campo de Santana, Rio de Janeiro.  
FONTE: FERREZ, Gilberto. O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez.  
São Paulo : Ex-Libris, 1984. p. 146.



II.48. Gruta, Campo de Santana, Rio de Janeiro.  
FONTE: TABET, Sergio Roberto , PUMAR, Sonia. O Rio de Janeiro em  
antigos cartões postais. Rio de Janeiro : edição do autor,  
1985, p. 71.



II.49. Vista atual do Campo de Santana, Rio de Janeiro.  
 FONTE: Foto de Gloria Ferreira.



II.50. Campo de Santana, Rio de Janeiro. Trecho que desapareceu com a  
 abertura da Av. Presidente Vargas.

FONTE: TABET, Sergio Roberto, PUMAR, Sonia. O Rio de Janeiro em  
 antigos cartões postais. Rio de Janeiro : edição do autor,  
 1985, p. 103.





Il.51. Ponte imitando troncos de árvores. Campo de Santana, Rio de Janeiro.  
 FONTE: Foto de Gloria Ferreira.



Il.52. Campo de Santana, Rio de Janeiro.  
 Esculturas com alegorias as Quatro Estações.  
 FONTE: Fotos de Glória Ferreira.



Pela Lei 575, de 13 de agosto de 1964, ficou determinado que o lugar voltasse a se chamar Parque Campo de Santana e as ruas ao seu redor de Praça da República.

Em 1967 o parque volta a receber grades ao seu redor, havendo uma tentativa de aproximação das originais, além da execução de obras de restauração.

Atualmente, vários elementos presentes no parque fogem ao que Glaziou havia planejado em seu projeto. Entre eles estão: um monumento a Benjamim Constant, localizado na parte central do parque; as quatro estátuas já citadas, representando as quatro estações; bebedouros de ferro, trabalhados com busto de crianças; estátua de um menino nu sentado sobre uma pedra - Pescador Napolitano. Tais acréscimos aí foram realizados ao sabor das sucessivas administrações que modificaram, alteraram e criaram na tentativa de deixar suas marcas pessoais.

De todos os jardins elaborados por Glaziou, o Campo de Santana é o que apresenta maior número de documentos. Pode-se seguir a sua evolução e acompanhar minuciosamente os trabalhos ali realizados, pela correspondência mantida entre Glaziou e a Casa Imperial. Além disso, mapas do período mostram claramente a evolução da obra.

Cartas, que compõem a vasta documentação, estão no Anexo 7, e através delas pode se observar o andamento e as sugestões sobre a execução das obras; as solicitações de verbas para pagamento dos materiais adquiridos, como os grades que foram importados da França; pedidos para usar o espaço da Quinta da Boa Vista para preparar os vegetais a serem usados no Campo; solicitação de verbas para pagamento de férias; e, o que é mais interessante, o conhecimento, através de uma seqüência de cartas, de que ao terminar os trabalhos do Campo de Santana, Glaziou permaneceu por vários anos cobrando seus honorários, pois, ao que parece, não foi totalmente cumprido o estipulado em seu contrato.

Sem dúvida, o Campo de Santana foi a obra mais significativa de Glaziou no Rio de Janeiro. Embora mutilado no século XX em sua extensão, pela abertura da Avenida Presidente Vargas e pelo acréscimo de outros elementos, continua mantendo a estrutura básica idealizada por seu criador.

## 5. CONCLUSÃO

Ao término das análises, distribuídas nos três capítulos que constituem o trabalho, algumas considerações se fazem necessárias para serem utilizadas como conclusão ao raciocínio desenvolvido.

O paisagismo em nosso País é um fato relativamente recente, datando apenas do século XIX, pois os exemplos anteriores a esse período são meros fatos episódicos, se excluirmos o primeiro exemplo de jardim brasileiro, elaborado no final do século XVIII - o Passeio Público do Rio de Janeiro.

Esse paisagismo desenvolveu-se a partir das soluções francesas, o que confirma a importância desses modelos, em toda a cultura do Brasil do século XIX. Assim é, que a lição trazida da França, pela Missão Artística de 1808, é incorporada e ampliada nas artes plásticas brasileiras e, como foi visto aqui, também no paisagismo nacional.

Ao lado da figura central do trabalho - Auguste François Marie Glaziou -, outros nomes foram mencionados, John Tyndale e Binot, porém ambos são pouco mencionados na literatura específica. Tyndale merece estudos mais acurados para confirmar sua procedência, o período de sua atuação no Brasil e as suas obras mais significativas. O botânico Binot, citado como autor do planejamento utilizado no Parque do Palácio Imperial de Petrópolis, é um outro nome que está a requerer estudos mais profundos.

Provavelmente, outros nomes também tenham interferido na paisagem brasileira, que tanto encantava aqueles que aqui chegavam, fosse para estudar a

flora e a fauna, coletar espécies vegetais ou, simplesmente, para conhecer uma outra cultura.

Pelos estudos feitos a partir das obras de Glaziou, pode-se afirmar, com certeza, a sua importância para a cultura brasileira do século passado, principalmente na valorização da flora autóctone. As análises dos projetos, apoiadas por visitas aos próprios logradouros resultantes e por consulta aos textos dos autores que trataram do período, possibilitaram a constatação de que Glaziou, além de incorporar os ensinamentos dos mestres franceses - Alphand entre eles -, baseou seus jardins na concepção do jardim paisagista do século XIX: a solução inglesa. Glaziou também usou as plantas brasileiras associadas às de origem estrangeira - algumas delas por ele importadas para a colocação específica em seus projetos -, fazendo com que os espaços por ele organizados, fossem verdadeiros "paraísos" para a população que habitava a cidade do Rio de Janeiro, ainda com poucas áreas verdes incorporadas a ela.

Outrossim, constata-se que a sua atuação não se prendeu apenas à elaboração de novos projetos, mas também, a reformas - Passeio Público do Rio de Janeiro -, e à manutenção de jardins de prédios subordinados a administração pública.

Pela documentação administrativa<sup>92</sup>, foi possível traçar um quadro da atuação de Glaziou durante os longos 39 anos que aqui permaneceu, bem como, compreender a relevância de seu trabalho.

Todos esses documentos mostram a alta estima de que ele gozava entre seus contemporâneos e o reconhecimento do valor que sua obra tinha no panorama cultural da época, culminando com a outorga, pelo Imperador, da condecoração da Ordem da Rosa.

---

<sup>92</sup> Correspondência da Mordomia da Casa Imperial e outras fontes que se encontram nos Anexos.

Por essa documentação, foi também possível inferir o sistema de trabalho utilizado por Glaziou na execução de seus projetos: o aproveitamento de materiais de demolição - do antigo Teatro Fluminense, situado no Campo de Santana -; a utilização das verbas públicas; a importação de materiais europeus - as grades que cercavam o Campo de Santana; ou mesmo o número e o tipo de profissionais necessários e por ele empregados.

No aspecto tragicômico da administração pública brasileira, foi possível constatar que os problemas de pagamento das obras oficiais, já eram tão caóticas como atualmente. Basta lembrar a correspondência em que Glaziou cobra, insistentemente, o pagamento pelos seus serviços.

Outra conclusão a que se chega é de que o estudo dos jardins desse período, século XIX, é ainda pouco esclarecedor, pois as poucas pesquisas realizadas não esclarecem as autorias dos traçados e qual o embasamento para os mesmos, além de não evidenciar o pensamento do período. A busca e a descoberta de mapas, plantas e o estudo *in loco* dos jardins, poderá preencher algumas lacunas, das muitas existentes.

Julga-se ter contribuído de maneira positiva para o aprofundamento das questões referentes ao paisagismo brasileiro do século XIX, que estão ainda em estado embrionário, na literatura existente. No entanto, pode-se concluir que muito ficou a ser tratado, em virtude das limitações deste trabalho. Porém, pretende-se elaborar uma continuação da presente pesquisa, a ser dedicada exclusivamente a Glaziou, com a ampliação da parte referente ao seu período de formação na França e a sua possível atuação quando retorna a terra natal. Além disso, a análise mais detalhada dos exemplos que aqui foram apenas mencionados e que dependem de uma pesquisa muito profunda, uma vez que os documentos necessários - plantas originais, fotos e textos -, estão, como foi dito antes, dispersos e, muitas vezes, situados em locais de difícil consulta ou mesmo perdidos.

Para encerrar cabe ressaltar a função fundamental dos jardins para o ser humano e lembrar que a literatura dos diversos países, nas mais variadas línguas, enfatizou a importância da natureza no decorrer da evolução humana. Muitos poetas não esqueceram de louvar os jardins em suas obras. O cair da água, o cantar dos pássaros, o barulho das folhas das árvores, o aroma das diferentes flores e o paladar de frutas plantadas estrategicamente nos jardins, sempre estiveram associados aos textos e poemas. É, muitas vezes, através deles, que se pode analisar, descrever ou reconstituir o passado, que se perpetuou pela mão dos que amavam a natureza.

Um jardim é sempre um gesto íntimo de profunda poética e o paisagista-jardineiro, o elemento primordial de sua organização, sendo consagrado junto com as flores que cultiva ou imagina cultivar. Em "O jardineiro e suas flores..." o autor reproduz esse gesto de amor e humildade.

Era uma vez um homem que amava as flores. O jardim, onde se esquecera do mundo, ficou um jardim de conto de fadas. Ele havia sofrido muito. Já nem se lembrava... Agora, estava feliz. De manhã, ia conversar com as rosas; ao meio dia, com os narcisos; ao crepusculo, com as magnolias; à noite, com as sempre-vivas... Bem sabia que as rosas são mais rosas nas horas em que a luz é ainda indecisa; que os narcisos se revelam quando o sol anda mais alto; que as magnolias, ao esmorecer do dia, escutam o que as criaturas dizem e lhes respondem numa voz tonta de perfume; bem sabia que as sempre-vivas são flores da noite, porque a noite é dona de tudo que não morre... Mas, outros homens, um dia, entraram no jardim, derrubaram os canteiros, mataram as plantas, fugiram contentes. O jardineiro não viu. Trazia nos olhos e no pensamento a doçura da ilusão. Para ele, o seu jardim continuou igual... Os vasos voltaram. Quizeram, então, matar o homem a pedradas. As pedras transformaram-se em flores no ar. E o homem sorria, imaginando que as rosas, os narcisos, as magnolias, as sempre-vivas tinham creado azas para alegrá-lo..."<sup>93</sup>.

---

<sup>93</sup> MOREYRA, Álvaro. O jardineiro e suas flores... Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, nº 50, out., 1924.

Os jardins florescem na primavera e quando abandonados morrem. Os jardins de nossa memória constituem um patrimônio cultural. Se conservados e restaurados não correrão o perigo de passarem a significar apenas outras memórias.



## 6. REFERÊNCIAS

### LIVROS

- ABREU, Mauricio de A. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : IPLANRIO/Zahar, 1988.
- ADAMS, William Howard. The unnatural art of the garden. Nova York : MOMA, 1991.
- \_\_\_\_\_. The french garden 1500/1800. Londres : Scolar Press, 1979.
- A FLORESTA DA TIJUCA E A CIADE DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1992.
- ALBERT ECKHOUT E SEU TEMPO : BRASIL HOLANDÊS 1637-1644. São Paulo : MASP, 1991. (Catálogo da Exposição).
- AGASSIZ, Luiz , AGASSIZ, Elizabeth Cary. Viagem ao Brasil : 1865-1866. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. A árvore. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1916.
- \_\_\_\_\_. Jardim florido : jardinagem. Rio de Janeiro : Leite Ribeiro, 1922.
- ARTE NO BRASIL. São Paulo : Abril, 1979. 2 v.
- AZEVEDO, Moreira da. O Rio de Janeiro; sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades. Rio de Janeiro : Brasiliense, 1969.
- BANDEIRA, Carlos Manes. Paque Nacional da Tijuca. São Paulo : Makron Books, 1993.
- BAZIN, Germain. Paradeisos; the art of garden. Londres : Cassel, 1990.

- BERGER, Paulo. O Rio de ontem no cartão-postal 1900-1930. Rio de Janeiro : RIOARTE, 1986.
- BERRAL, Julia S. The garden; an illustrated history. Nova York : Penguin Books, 1978.
- BORDEAUX : 2000 ANS D'HISTOIRE. Bordeaux : Musée d'Aquitaine, 1971.
- BROWN, Jane. The art and architecture of english gardens. Nova York : Rizzoli, 1989.
- BURMEISTER, Hermann. Viagem ao Brasil : através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980.
- CALCAGNO, Annalisa Maniglio. Architetture del paesaggio. Bologna : Calderini, 1983.
- CAMERON, Robert , COOKE, Alistair. Above London. São Francisco : Cameron, 1989.
- CARITA, Helder , CARDOSO, Homem. Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte. s.l. : ed. autores, 1987.
- CARTER, Tom. The victorian garden. Londres : Bell & Hyman Ltd., 1984.
- CARTOCCI, Sergio. Tivoli. Roma : Oto, [19--]
- CHARAGEAT, Marguerite. L'art des jardins. Paris : Presses Universitaires de France, 1962.
- CIDADE DE PETRÓPOLIS. Petrópolis : Museu Imperial, 1957.
- COARACY, Vivaldo. Memórias da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : José Olympio, 1955.
- CORRÊA, Magalhães. Terra carioca : fontes e chafarizes. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1939.
- COSTA, Cassio. História dos Subúrbios : Gávea. Rio de Janeiro : Departamento de História e Documentação, [19--].
- COSTA, Nelson. Rio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro : Leo Editores, 1958.

- CRULS, Gastão. Aparência do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : José Olympio, 1965. 2 v.
- CRULS, Luis. Relatório da comissão exploradora do Planalto Central do Brasil. São Paulo : Editora Nacional, 1947.
- CUNHA, Almir Paredes. Anotações de aula das disciplinas História dos Jardins I e II. Rio de Janeiro : UFRJ, 1990-1991.
- CUNHA, Lygia Fernades da. O Rio de Janeiro através das estampas antigas. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1970.
- D'ARNEVILLE, Marie-Planche. Parcs et jardins sous le premier empire. Paris : Librairies Jules Tallandier, 1981.
- DEBRET, Jean Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1978. 2 v.
- DOM PEDRO II E A CULTURA - 1846-1889. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1977.
- D'ORBIGNY, Alcide. Viagem pitoresca através do Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1976.
- EDMUNDO, Luiz. Recordações do Rio antigo. Rio de Janeiro : A Noite, 1950.
- ELIOVSON, Sima. The gardens of Roberto Burle Marx. Londres : Thames and Hudson, 1991.
- ENGE, Torsten Olaf , SCHROER, Carl F. Garden architecture in Europe/1450-1800. Colonia : Benedikt Taschen, 1990.
- ESCRIBANO, Maria del Milagro et al. El paisaje. Madrid : Ministerio de Obras Públicas y Transportes, 1991.
- EWBANK, Thomas. Vida no Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1976.
- EXPOSITION UNIVERSELLE DE PARIS 1889 : EMPIRE DU BRÉSIL. Paris, Catálogo Oficial da Exposição.
- FARIELLO, Francesco. Architettura dei giardini. Roma : Ediz. dell'Ateneo, 1985.

FAZENDA; SOLARES DA REGIÃO CAFEEIRA DO BRASIL IMPERIAL. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1987.

FÉE, A.L.A. Cryptogames vasculaires (fougères, lycopodiacées, hydroptéridées, equisetacées) du Brésil. Paris, [s.e], 1869.

FERREIRA, João da Costa. A cidade do Rio de Janeiro e seu termo : ensaio urbanológico. Rio de Janeiro : Imp. Nacional, 1933.

FERREZ, Gilberto. A fotografia no Brasil : 1840-1900. Rio de Janeiro : Fundação Nacional de Arte, 1985.

\_\_\_\_\_. O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez : paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918. São Paulo : Ex-Libris, 1984.

\_\_\_\_\_. O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender. São Paulo : Melhoramentos, [19--].

\_\_\_\_\_. The Brazil of Eduard Hildebrandt. Rio de Janeiro : Record, [19--].

FERRI, Mário Guimarães. A botânica no Brasil. In: As ciências no Brasil. Rio de Janeiro : Melhoramentos, [19--]. p. 149-196.

FLEMING, Lawrence , GORE, Alan. The english garden. Londres : Michael Joseph Ltd., 1980.

FLORA BRASILIENSIS : ENUMERATIO PLANTARUM IN BRASILIA.

FREIREYSS, G.W. Viagem ao interior do Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1982.

FREYRE, Gilberto. Ingleses no Brasil : aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. Rio de Janeiro : José Olympio, 1948.

FROTA, Guilherme de Andréa. O Rio de Janeiro na imprensa periódica. Rio de Janeiro : s.e., 1966.

GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975

- GERSON, Brasil. História das ruas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Editora Souza, 1954.
- GLAZIOU, A.F.M. Liste des plantes du Brésil central recueillies en 1861-1895. In: Bulletin de la Société Botanique de France, 1905-1913.
- \_\_\_\_\_. Molestia dos cafezais... Artigos publicados no jornal "Evolução" de Campos, por Jeronymo Joaquim de Oliveira. Campos, 1886.
- \_\_\_\_\_. Sur quelques burmanniacées recueillies au Brésil par le Dr. Glaziou. Par Eng. Warming. [s.l.], [s.d].
- GOTHEIN, Marie Luise. A history of garden art. Nova York : Hacker Art Books, 1979. 2v.
- GRAÇA, Mário Quartin. O imperador do Brasil em Lisboa. Brasília : Thesaurus, 1982.
- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1990.
- GRIMAL, Pierre. Les jardins romains. Paris : Librairie Artheme Fayard, 1984.
- GROMORT, Georges. L'art des jardins. Paris : Ch. Massin, 1983.
- GUIFFREY, Jules. André Le Nôtre. Paris : Renouard, [19--].
- HAMLYN, Paul. Larousse gardening and gardens. Londres : Hamlyn, 1990.
- HINDE, Thomas. Capability Brown : the story of a master gardener. Londres : Hutchinson, 1986.
- HOEHNE, F.C. O jardim botânico de São Paulo. São Paulo : Secretaria da Agricultura, Ind. e Comércio, 1941.
- HRDLICKA, V. e Z. L'art des jardins japonais. Paris : Grund, 1981.
- HUGH, Johnson. Las artes del jardín. Barcelona : Blume, 1981.
- HUXLEY, Anthony. An illustrated history of gardening. Londres : Papermac, 1983.
- JEANNEL, Bernard. Le Nôtre. Paris : F. Hazan, 1985.
- JONHSON, Hugh. Les artes del jardín. Barcelona : Editorial Blume, 1981.
- KESWICK, Maggie. The chinese garden : history, art & architecture. Londres : Academy Editions, 1986.

- KING, Ronald. Great gardens of the world. Londres : Peerage Books, 1985.
- KRUFT, Hanno-Walter. Historia de la teoría de la arquitectura. Madrid : Alianza, 1990.
- LACOMBE, Lourenço Luiz. D. Pedro II em Petrópolis. Petrópolis : Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1964.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. O homem e a serra. Rio de Janeiro : IBGE, 1950.
- LANGDON, Helen. Claude Lorrain. Oxford : Phaidon, 1989.
- LAVÔR, João Conrado Niemeyer de. História do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Jardim Botânico/IBDF, 1983.
- LEITÃO, C. de Mello. História das expedições científicas no Brasil. Rio de Janeiro : Editora Nacional, 1941.
- LISPECTOR, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1990.
- LUCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil. São Paulo : Livaria Martins, 1942.
- MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo. Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro : Garnier, 1991.
- MADER, Günter , MADER, Laila Neubert. Jardins italiens. Paris : Office du Livre, 1987.
- MARX, Roberto Burle. Arte & paisagem : conferências escolhidas. São Paulo : Nobel, 1987.
- MARX, Roberto Burle , TABACOW, José. Rio Natureza. Rio de Janeiro : Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, [19--].
- MATHIAS, Herculano Gomes. Viagem pitoresca ao velho e ao novo Rio. Rio de Janeiro : Secretaria de Turismo do Estado, 1965.
- MAURO, Frédéric. O Brasil no tempo de Dom Pedro II. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.
- MAYA, Raymundo Ottoni de Castro. A floresta da Tijuca. Rio de Janeiro : Bloch, 1967.

- MEIRELES, Cecília. Obra poética. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 1987. (Volume Único).
- MELLO JR., Donato. Rio de Janeiro : planos, plantas e aparências. Rio de Janeiro : João Fortes Engenharia, 1988.
- MENEZES, José Luís Mota. O século XVII e o Brasil holandês. In: História Geral da Arte no Brasil. São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983. v. 1, p. 323-345.
- NEEDELL, Jeffrey D. Belle époque tropical : sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.
- NEWTON, Norman T. Design on the land : the development of landscape architecture. Londres : Harvard University Press, 1971.
- O MUSEU IMPERIAL. São Paulo : Banco Safra, 1992.
- OVÍDIO. As metamorfoses. Rio de Janeiro : Organização Simões, 1959.
- OZORES, Beatrice Valdés , OZORES, Maria Valdés , OZORES, Michaela Valdés. Spanish gardens. Valencia : Antique Collectors' Club, 1987.
- PARTONS À LA DÉCOUVERTE DE L'ÎLE-DE-FRANCE - TOTAL GUIDE. Paris : Hachette, 1974.
- PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro : Aguilar, 1965.
- PINHEIRO, Maciel. O Rio de Janeiro através das revistas. Rio de Janeiro : Brasiliana, 1965.
- PINTURAS E PINTORES DO RIO ANTIGO. Rio de Janeiro : [s.e.], 1990.
- PLANITZ, Barão de. O Rio de Janeiro na maioridade. Rio de Janeiro : Biblioteca Municipal, 1958.
- POPE, Alexander. Poetical works. Londres : Oxford University Press, 1974.
- PRESENÇA BRITÂNICA NO BRASIL (1808-1914). São Paulo : Paubrasil, 1987.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500/1720). São Paulo : USP, 1968.

- \_\_\_\_\_. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo : Perspectiva, 1970.  
(Debates, 18)
- RÉMON, Georges. Les jardins - les arts décoratifs. Paris : Flammarion, 1964.
- RENAULT, Delso. O Rio antigo nos anúncios de jornais : 1808-1850. Rio de Janeiro : José Olympio, 1969.
- \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro : a vida da cidade refletida nos jornais. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1978.
- RIBEIRO, João. História do Brasil. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1935.
- RIBEYROLLES, Charles. Brasil pitoresco : história, descrição, viagens, colonização, instituições. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980. 2v.
- RIO DE JANEIRO E ARREDORES : GUIA DO VIAJANTE. Rio de Janeiro : Guias do Brasil, 1939.
- RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. O ensino artístico : subsídio para a sua história - um capítulo, 1816-1889. In: Terceiro Congresso de história Natural, 1938, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1942, 542 p.
- ROSA, Ferreira R. de J. Notícia histórica e descritiva da capital do Brasil. Rio de Janeiro : Anuário do Brasil, 1924.
- RUGENDAS, João Maurício. Viagem pitoresca através do Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1979. 2 v.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte : Itatiaia, 1975.
- \_\_\_\_\_. Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo, 1822. Belo Horizonte : Itatiaia, 1974.
- SANECKI, Kay N. Humphry Repton : an illustrated life of Humphry Repton 1752-1818. Londres : Shire Publications, 1987.
- SANTOS, Luiz Gonçalves dos (Padre Perereca). Memórias para servir à história do reino do Brasil. Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1943. 2 v.



SANTOS, M. Coutinho dos. Manual de jardinagem e paisagismo. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1978.

SANTOS, Paulo F. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro : IAB, 1981.

SÃO CRISTÓVÃO : UM BAIRRO DE CONTRASTES. Rio de Janeiro : Departamento Geral de Patrimônio Cultural, 1991. (Bairros Cariocas, v. 4).

SAUDAN, Michel , SAUDAN-SKIRA, Sylvia. De folie en folies : la découverte du monde des jardins. Gênova : Le Septiem Fou, 1987.

SCHAARSCHMIDT-RICHTER, Irmtraud. Le jardin japonais. Paris : Office du Livre, 1979.

SEGAWA, Hugo M. Os jardins públicos no período colonial e o Passeio Público do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO DO BARROCO NO BRASIL : ARQUITETURA E ARTES PLÁSTICAS, 1981, Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte : Imprensa Universitária, 1982. 349 p. p.147-160.

SILVA, Ercole. Dell'arte del giardini inglesi. Milão : Longanesi, 1976.

SODRÉ, Alcindo. Museu Imperial. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1950.

SPIX E MARTIUS. Viagem pelo Brasil : 1781-1826. Belo Horizonte : Itatiaia, 1981. 3 v.

STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Belo Horizonte : Itatiaia, 1974.

STEINMANN, João. Souvenirs de Rio de Janeiro. Belo Horizonte : Villa Rica, 1990.

STEPAN, Nancy. Gênese e evolução da ciência brasileira : Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica. Rio de Janeiro : Artnova, 1976.

STRONG, Roy. The renaissance garden in England. Londres : Thames and Hudson, 1979.

TACKER, Christopher. Histoire des jardins. Paris : Denoel, 1981.

TAYLOR, Christopher. The archaeology of gardens. Londres : Shire, 1983.

TEIXEIRA, Milton de Mendonça. O Rio de Janeiro e suas praças. Rio de Janeiro : RIOTUR, 1988.

- THACKER, Christopher. Historie des jardins. Paris : Denoël, 1981.
- THE GARDEN : A CELEBRATION OF ONE THOUSAND YEARS OF BRITISH GARDENING. Londres ; New Perspectives Publishing, 1979.
- THE HISTORY OF GARDEN DESIGN : THE WESTERN TRADITION FROM THE RENAISSANCE TO THE PRESENT DAY. Londres : Thames and Hudson, 1991.
- THE OXFORD COMPANION TO GARDENS. Nova York : Oxford University Press, 1991.
- THIS IS RIO : THE FIRST MODERN PHOTOGRAPHIC BOOK OF RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro : H.D. Oliveira, 1938.
- THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- TOLEDO, Benedito Lima de. Álbum iconográfico da Avenida Paulista. São Paulo : Ex-Libris, 1987.
- TSUDZUMI, Tsuneyoshi. El arte japonés. Barcelona : Gustavo Gilli, 1932.
- VERSAILLES : LE CHATEAU, LES JARDINS ET TRIANON. Paris : Bussière Arts Graphiques, 1983.
- VISTAS DO RIO DE JANEIRO : COLEÇÃO PUSTKOW (COMEÇO DO SÉCULO XIX). Rio de Janeiro : D.F., 1954.
- WENGEL, Tassilo. L'art des jardins au fil des âges. Paris : Leipzig, 1987.
- WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade : na história e na literatura. São Paulo : Cia. das Letras, 1989.
- ZANINI, Walter. História geral da arte no Brasil. São Paulo : Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2 v.

**PERIÓDICOS**

- A FAMA PELOS BELOS JARDINS E BOM EXEMPLO. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16/nov./1989, p. 1, Seção Cidade.
- A FESTA DA MODERNIDADE. Veja, Edição Especial: República [20/nov./1889]. Rio de Janeiro, nov., 1989. p. 82-84.
- A QUINTA DA BOA VISTA. Revista Agrícola do Instituto Fluminense. Rio de Janeiro: Cia. Typographica do Brazil, nº 4, dez. vol. XXII, 1892.
- A TRAMA DA VITÓRIA. Veja, Edição Especial: República [20/nov./1889]. Rio de Janeiro, nov., 1989. p. 24-35.
- AULER, Guilherme. Glaziou e a casa imperial. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22/jun./1958.
- BELÉM, Celica Isaura Fernandes et al. O Campo de Santana. Rodriguésia, Rio de Janeiro, nº 55, 1980. p. 407-414.
- BERGER, Paulo. Quinta da Boa Vista. Diário de Notícias, 19/jun/1960.
- CALMON, Pedro. A Quinta da Boa Vista. O Cruzeiro, dez., 1961. p. 118-122.
- CAMPO DE SANTANA. Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, nº 249, 7/set./1880, p. 1. (Seção Gazetilha).
- CARVALHO, Anna Maria Monteiro de. O Passeio Público e o chafariz das Marrecas de Mestre Valentim. Gávea, Rio de Janeiro, nº 7, dez., 1989.
- CARVALHO, José Cândido de Melo. O palácio de São Cristóvão e a Quinta da Boa Vista. Boletim do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, nº 28, jul/ago./set., 1977. p. 37-44.
- CASADEI, Thalita de Oliveira. Glaziou e a imperial Quinta da Boa Vista. Revista do IHGB, Rio de Janeiro, nº 348, jul./set., 1985. p. 245-249.

- CHATSWORTH : AU QUOTIDIEN. Connaissance des Arts, n° 488, out., 1992. p. 106-107.
- CLARKE, George. Stowe's temples politic. The World of Interiors, jan., 1990. p. 78-89.
- COARACY, Vivaldo. O Rio de Janeiro no século XVIII. Aconteceu, Rio de Janeiro : Rio Gráfica, n° 130, [19--], p. 20-25.
- COUSTET, Robert. Le palais impérial de Pétopolis : le néo-classicisme sous les tropiques. L'Oeil, n° 275, jun., 1978, p. 32-37.
- DANTAS, Nataniel. O retorno da Quinta às suas origens. Cultura, Brasília, n° 38, out./dez., 1981. p. 10-16.
- DEITZ, Paula. The Désert de Retz, near Paris. The Magazine Antiques, n° 3, mar., 1989. p. 718-731.
- \_\_\_\_\_. Sitting in the garden. The Magazine Antiques, n° 6, jun., 1992, p. 978-989.
- DORIA, Escragnolle. A Quinta da Boa Vista. Revista da Semana, 24/abr./1943. p. 10.
- DREYFUS, Jenny. A Quinta da Boa Vista : uma dádiva generosa. Anais do Museu Histórico, Rio de Janeiro, n° 15, 1965. p. 13-27.
- FILLER, Martin. An arcadian classic. House & Garden, ago., 1990. p. 60-67.
- GIGNERON, Axelle de. Le théâtre de la rose. Connaissance des Arts, n° 463, set., 1990. p. 134-141.
- ISENBURG, Teresa. Naturalistas italianos no Brasil, 1800-1850. Ciência Hoje, n° 51, mar., 1989, p. 54-58.
- JARDINS BABILÔNICOS. Revista Domingo, Jornal do Brasil, n° 779, abr. 1991, p.24.
- FIGUEIREDO, Claudio. A vida dos barões. Revista Domingo, Jornal do Brasil, n° 547, nov., 1986, p. 32-34.
- LEÃO FILHO, J. de Souza. Palácio das Tôrres. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n° 10, 1946, p. 135-167.

- MENEZES, Eduardo Diatahy B. de.** Professores estrangeiros no Brasil : uma perspectiva histórica. Ciência Hoje, Rio de Janeiro, n° 83, v. 14, ago., 1992. p. 38-46.
- MOREYRA, Álvaro.** O jardineiro e suas flores... Ilustração Brasileira, Rio de Janeiro, n° 50, out., 1924.
- MINC, Eduardo.** Descobridores da natureza : artistas e cientistas aliados para revelar a flora e a fauna. Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro, n° 209, maio, 1992, p. 60-67.
- NOVAS PAISAGENS AMERICANAS.** Diálogo, n° 1, 1991, p. 42-51 v. 24.
- OBERACKER JR., Carlos H.** Viajantes, naturalistas e artistas estrangeiros no reino e primeiro império do Brasil (até 1840). Humboldt, n° 18, 1968. p. 68-75.
- O JARDIM DO PASSEIO PÚBLICO DO RIO DE JANEIRO : PAISAGISMO.** Rodriguésia, Rio de Janeiro, n° 51, 1979. p. 235-281.
- O RIO DE JANEIRO NO SÉCULO XIX.** Aconteceu, Rio de Janeiro : Rio Gráfica, n° 133, [19--], p. 19-50.
- REVISTA DO RIO DE JANEIRO.** Niterói, n° 1, 1985.
- ROSAS.** Plantas e Flores. São Paulo : Três, n°s. 7-8, [19--].
- ROSES.** House & Garden, n° 9, set., 1985. p. 158-165.
- SHOLL, Daniella.** A 'maternidade' aos 100 anos : figueira trazida por Glaziou encontra agora a sua vespa polinizadora. Jornal do Brasil, 13/abr./1991.
- VIEGAS, Mauro.** Jardins cariocas. Revista do Clube de Engenharia, Rio de Janeiro, n° 261, maio, 1958, p. 69-73.

## 7. ANEXOS

***ANEXO 1***

CARTA DOS JARDINS HISTÓRICOS

dita.

'CARTA DE FLORENÇA'

(texto integral)



## CONSELHO INTERNACIONAL DE MONUMENTOS E SÍTIOS

ICOMOS

## COMITÊ INTERNACIONAL DE JARDINS E SÍTIOS HISTÓRICOS

ICOMOS/IFLA

Preâmbulo

Reunido em Florença em 21 de maio de 1981, o Comitê Internacional de Jardins Históricos e Icomos/IFLA decidiram elaborar uma carta relativa à proteção dos jardins históricos, que levará o nome desta cidade. Essa carta foi redigida pelo Comitê registrada em 15 de dezembro de 1981 pelo Icomos, visando a completar a Carta de Veneza neste domínio particular.

A. Definição e objetivos

- Art. 1 Um jardim histórico é uma composição arquitetônica e vegetal que, sob o ponto de vista da história ou da arte, apresenta um interesse público. Como tal é considerado MONUMENTO.
- Art. 2 O jardim histórico é uma composição de arquitetura cujo material é principalmente vegetal, portanto vivo e como tal perecível e renovável. Seu aspecto resulta, assim, de um perpétuo equilíbrio entre o movimento cíclico das estações, do desenvolvimento e do definhamento da natureza, e a vontade de arte e de artifício que tende a perenizar o seu estado.
- Art. 3 Como monumento, o jardim histórico deve ser protegido conforme o espírito da Carta de Veneza. Todavia, como MONUMENTO VIVO sua proteção levanta regras específicas, que são objeto da presente carta.

- Art. 4 Constituem a composição arquitetônica do jardim histórico:
- . seu plano e os diferentes perfis do seu terreno;
  - . suas massas vegetais: suas essências, seus volumes, seu jogo de cor, seus espaçamentos, suas alturas respectivas;
  - . seus elementos construídos ou decorativos;
  - . as águas moventes ou dormentes, o reflexo do céu.
- Art. 5 Expressão de relações estreitas entre a civilização e a natureza, lugar de deleite próprio à meditação e ao devaneio, o jardim toma assim o sentido cósmico de uma imagem idealizada do mundo, um 'paraíso' no sentido etimológico do termo, mas que presta testemunho de uma cultura, de um estilo, de uma época, eventualmente da originalidade de um criador.
- Art. 6 A denominação de um jardim histórico aplica-se tanto aos jardins modestos quanto aos parques ordenados ou paisagísticos.
- Art. 7 Seja ligado ou não a um edifício, do qual ele é então um complemento inseparável, o jardim histórico não pode ser separado de seu próprio meio ou ambiente urbano ou rural, artificial ou natural.
- Art. 8 Um sítio histórico é uma paisagem definida, evocadora de um fato memorável: lugar de um acontecimento histórico maior, origem de um mito ilustre ou de um combate épico, assunto de um quadro célebre, etc.
- Art. 9 A proteção dos jardins históricos exige que eles sejam identificados e inventariados. Impõe intervenções diferenciadas que são a manutenção, a conservação, a restauração. Pode-se eventualmente recomendar a reconstituição. A AUTENTICIDADE diz

respeito tanto ao desenho e ao volume de suas partes quanto ao seu decór ou à escolha de vegetais ou de minerais que as constituem.

#### B. Manutenção, conservação, restauração, reconstituição

Art. 10 Toda operação de manutenção, de conservação, restauração ou reconstituição de um jardim histórico ou de uma de suas partes deve considerar simultaneamente todos seus elementos. Separar-lhes os tratamentos alteraria os laços que os une.

#### Manutenção e conservação

Art. 11 A manutenção do jardim histórico é uma operação pri-mordial e necessariamente contínua. Sendo vegetal o material principal, é por substituições pontuais e, a longo termo, por renovações cíclicas (corte raso e replantação de sujeitos já formados) que a obra será mantida no estado.

Art. 12 A escolha de espécies de árvores, arbustos, de plantas ou de flores a substituir periodicamente, deve se efetuar levando em conta os usos estabelecidos e reconhecidos para as diferentes zonas botânicas e culturais, em uma vontade de permanente conservação e pesquisa de espécies de origem.

Art. 13 Os elementos de arquitetura, de escultura ou de decoração fixos ou móveis, que fazem parte integrante do jardim histórico, não devem ser retirados ou deslocados senão na medida em que sua conservação ou sua restauração o exija. A substituição ou restauração de elementos em perigo deve se fazer conforme os princípios da Carta de Veneza e a data de toda substituição será indicada.

Art. 14 O jardim histórico deve ser conservado em um meio ambiente apropriado. Toda modificação do meio físico, colocando em perigo o equilíbrio ecológico, deve ser proscrito. Estas medidas referem-se ao conjunto das infra-estruturas, sejam elas internas ou externas: canalizações, sistemas de irrigação, caminhos, estacionamentos, cercas, dispositivos de vigilância, de exploração, etc.

#### Restauração e reconstituição

Art. 15 Toda restauração e, com mais forte razão, toda reconstituição de um jardim histórico não será empreendida senão após um estudo aprofundado, indo desde as escavações até a coleta de todos os documentos referentes ao jardim proposto e aos jardins análogos, suscetível de assegurar o caráter científico da intervenção. Antes de toda execução, este estudo deverá definir um projeto que será submetido a um exame e a um acordo colegial.

Art. 16 A intervenção de restauração deve respeitar a evolução do jardim a que diz respeito. Em princípio ele não deveria privilegiar uma época às custas de uma outra, salvo se a degradação ou o definhamento de certas partes pudessem excepcionalmente dar ensejo a uma reconstituição fundada sobre vestígios ou uma documentação irrecusável. Poderão ser mais particularmente o objeto de uma reconstituição eventual as partes do jardim mais próximas do edifício, a fim de fazer ressaltar sua coerência.

Art. 17 Quando um jardim desapareceu totalmente ou quando não se possuem senão elementos conjeturais de seus estados sucessivos, não se poderia então empreender

uma reconstituição relevante da noção de um jardim histórico.

Os trabalhos que neste caso se inspirariam de formas tradicionais sobre o terreno de um jardim antigo, ou onde nenhum jardim antigo, ou onde nenhum jardim teria previamente existido, constituiriam então noções de EVOCAÇÃO ou de CRIAÇÃO, excluindo toda qualificação de jardim histórico.

### C. Utilização

Art. 18 Se todo jardim histórico é destinado a ser visto e percorrido, conclui-se que seu acesso deve ser moderado em função de sua extensão e de sua fragilidade, de maneira a preservar sua substância e sua mensagem cultural.

Art. 19 Por natureza e por vocação, o jardim histórico é um lugar tranqüilo, favorecendo o contato, o silêncio e a escuta na natureza. Esta aproximação cotidiana deve contar com o uso excepcional de um jardim histórico como local de acontecimentos festivos. Convém definir, então, as condições de visitas dos jardins históricos, de tal sorte que tais acontecimentos, acolhidos excepcionalmente, possam por si mesmos exaltar o espetáculo do jardim e não desnaturá-lo ou degradá-lo.

Art. 20 Se, na vida cotidiana, os jardins podem se acomodar à prática de jogos tranqüilos, convém criar, paralelamente aos jardins históricos, terrenos apropriados aos jogos vivos e violentos e aos esportes, de tal maneira que se atenda a essa demanda social sem que ele prejudique a conservação de jardins e dos sítios históricos.

Art. 21 A prática da manutenção ou da conservação, cujo termo é imposto pela estação, ou as curtas operações que concorrem para lhe restituir a autenticidade, devem sempre ter a prioridade sobre as servidões de utilização. A organização de qualquer visita a um jardim histórico deve ser submetida a regras de conveniências próprias a preservar-lhes o espírito.

Art. 22 A retirada dos muros de um jardim cercado não poderia ser empreendida sem se considerar todas as conseqüências prejudiciais à modificação de sua ambiência e de sua proteção.

#### D. Proteção legal e administrativa

Art. 23 Cabe às autoridades responsáveis tomar, sob a orientação de peritos competentes, as disposições legais e administrativas próprias a identificar, inventariar e proteger os jardins históricos. Esta proteção deve ser integrada nos planos de ocupação dos solos e nos documentos de planificação e de organização do território. Cabe igualmente às autoridades responsáveis tomar, conforme orientação de peritos competentes, as disposições financeiras próprias a favorecer a manutenção, a conservação, a restauração e, eventualmente, a reconstituição dos jardins históricos.

Art. 24 Os jardins históricos são um dos elementos do patrimônio cuja sobrevivência, em razão de sua natureza, exigem o máximo de cuidados contínuos por parte de pessoas qualificadas. Convém, pois, que uma pedagogia apropriada assegure a formação dessas pessoas, quer se trate de historiadores, de arquitetos, de paisagistas, de jardineiros ou de botânicos.

Deve-se também assegurar a produção regular de vegetais que devem entrar na composição dos jardins históricos.

Art. 25 O interesse pelos jardins históricos deverá ser estimulado por todas as ações próprias a valorizar este patrimônio e a fazê-lo melhor conhecido e apreciado: promoção de pesquisa científica, intercâmbio internacional e difusão de informação, publicação e vulgarização, incitação à abertura controlada dos jardins ao público, sensibilização ao respeito à natureza e ao patrimônio histórico pela mass-media.

Os mais eminentes dos jardins históricos serão propostos para figurar na lista do patrimônio mundial.

Nota: Tais são as recomendações apropriadas ao conjunto de jardins históricos do mundo.

Esta carta será ulteriormente suscetível de complementos específicos para os diversos tipos de jardins ligados à descrição sucinta de sua tipologia.

[Tradução de Carlos Fernando de M. Delphim]

***ANEXO 2***



## GROUPE IX — Classes 78 à 83.

## HORTICULTURE

## CLASSE LXXVIII

## Serre et matériel d'horticulture

## 826. Commissariat général du Brésil.

Serre et lac chauffé, avec plantes.

## CLASSE LXXIX

## Fleurs et plantes d'ornement

## 827. Glaziou, botaniste, Rio-de-Janeiro.

Liste des plantes brésiliennes ayant figuré à l'inauguration du Pavillon brésilien et gracieusement prêtées par M. COUST, professeur-administrateur au Muséum d'histoire naturelle de Paris.

- 2 *Anthurium offersianum*.
- 2 — vivide.
- 2 *Artanthe cordifolia*.
- 1 *Acrostichum callaeifolium*.
- 1 *Artocarpus incisa*.
- 2 *Anaplophytum*, sp. du Brésil.
- 2 *Echmea Marie Regine*.
- 2 — *brasiliensis*.
- 2 — *Glazioui*.
- 2 *Blechnum brasiliense*.

## 827. Glaziou, botaniste, Rio-de-Janeiro. (Suite).

- 2 *Bilbergia Leopoldi*.
- 1 — *Iboniana*.
- 1 — *rhodocyanca*.
- 2 — *fasciata*.
- 2 — *zelcina*.
- 1 *Hohenbergia erythrostachys*.
- 2 *Cecropia palmata*.
- 2 — *pellata*.
- 1 *Carolinea insignis*.
- 1 *Coços weddelliana*.
- 1 *Clavija ricdeliana*.
- 2 *Chrysophyllum imperiale*.
- 2 *Curculigo recurvata*.
- 2 *Croton chrysostichum*.
- 2 *Clusia Melinoni*.
- 2 *Carica cundinamarcensis*.
- 2 *Caladium panachés*.
- 1 *Coffea borbonica*.
- 4 *Dichsonia sellowiana*.
- 1 *Dickorisanthra thyrsiflora*.
- 1 *Dorstenia brasiliensis*.
- 2 *Eryngium Lasseauxi*.
- 2 — *eburneum*.
- 1 *Euterpe edulis*.
- 1 *Ficus*, sp. du Brésil.
- 2 — *brasiliensis*.
- 1 — *macrophylla*.
- 1 *Genipa americana*.
- 1 *Geonoma schottiana*.
- 2 *Cocos insignis*.
- 1 *Hemitelia setosa*.
- 1 *Geissospermum laeve*.
- 1 *Hura crepitans*.
- 1 *Lomaria imperialis*.
- 1 *Marattia laevis*.
- 1 — *weinmanniifolia*.
- 2 *Marochordon tinctorium*.
- 1 *Maranta zebrina*.
- 1 *Polypodium decurrens*.
- 1 — *crassifolium*.

## 827. Glaziou, botanista, Rio-de-Janeiro (Suite).

- 1 Pachira macrocarpa.
- 1 — minor.
- 3 Miconia callescens.
- 2 Sterculia chicha.
- 4 Pitcairnia sulphurea.
- 1 Rhodia lateriflora.
- 1 Syngonium auritum.
- 1 Trichopteris elegans.
- 1 Sterculia foetida.
- 1 Trichopteris excelsa.
- 2 Vasconcella quercifolia.
- 1 Vellozia plicata.
- 2 Vriesea Glazioui.
- 1 Xanthosoma sagittifolium.

## CLASSE LXXX

## Plantes potagères

## 828. Commission de Pernambuco.,

6 pieds d'abacaxis.

## CLASSE LXXXII

Graines et plantes  
d'essences forestières

## 829. Ribeiro (João), Espírito-Santo.

Châtaigne indigène.

## 830. Teixeira Maia (João), Espírito-Santo.

Doce de Camará.  
 Palmiers en exemplaires rares et uniques.  
 Livingstonia Gienga.  
 Kentia Balmoreana, de grande valeur.

## 830. Teixeira Maia (João), Espírito-Santo (Suite).

- Oveos Bonnetti, rare.
- Ceroxylan niveum, magnifique palmier de la province de Bahia, introduit vers 1871.
- Cocos flexiosa, palmier à feuillage en forme de plume, nom vulgaire (cocoier).
- Ittatea taripas.
- Thrinax Chaco, palmier introduit des plaines du Brésil méridional.
- Philodendrum Mélanon.
- Philodendrum gloriosum.
- Philodendrum Imperialis, très intéressant.
- Philodendrum Corseanum.
- Tillandsia tessellata, originaire de la province de Santa-Catharina.
- Vriesea Glarouani.
- Nidularium fulgens.
- Nidularium Meyendorfi.
- Vriesea Hieroglyphica.
- Phyllotoenium indeni, ca. asiatic.
- Mirante Massangeana.
- Mirante Makoyana.
- Mirante Illustris.
- Mirante Oppenheimi.
- Pothos aurea, arundé.
- Cophea trabica, plante utile.
- Anthurium Veitchi, Arôlé provenant de Rio Atrato, découvert par M. Wallis.
- Anthurium Ferrierense.
- Anthurium Crystalinum.
- Anthurium Schertzerianum.
- Anthurium Williamsi.
- Diffenbachia Leopoldi.
- Diffenbachia Amena.
- Diffenbachia Brasiliensis.
- Cissis discolor, plante grimpante.
- Dioscorea discolor, multicolor.
- Cibotium Schiedeana.
- Nephrodium Corimbifera.
- Asplenium Falcanei.
- Mecrolepia hirta cristata.

***ANEXO 3***

## RELAÇÃO DAS ESPÉCIES DA FLORA DO JARDIM DO MUSEU IMPERIAL DE PETROPÓLIS

(Familia, Nome Científico, Nome Vulgar e Hábitat)

Cupressaceae	<i>Cupressus Lusitanica</i> Mill	Cipreste lusitano	México
Palmae	<i>Roystonea olerace</i> (Mart.) Cook	Palmeira real	Índias Ocidentais
Palmae	<i>Kentia</i>	Palmito amargoso	
Theaceae	<i>Camelia japonica</i> L.	Camélia	Japão, Ásia
Magnoliaceae	<i>Michelia fuscata</i> (Andr.) Hance	Magnólia maçã	China
Solanaceae	<i>Brunfelsia Hopeana</i> Benth	Manacá	Brasil
Legs. Caes.	<i>Cassia multijuga</i> Rich.	Cabuí	Brasil
Palmae	<i>Euterpe</i>	Palmito doce	
Palmae	<i>Arecastrum Romanzoffianum</i> (Chance.) Becc.	Baba de boi	Brasil
Amaryllidaceae	<i>Agave americana</i> L.	Piteira do México	América
Palmae	<i>Caryota urens</i> L.	Palmeira do Ceilão	Ásia tropical
Leg. Mim.	<i>Acacia decurrens</i> Willd.	Acácia negra	Austrália
Lauraceae	<i>Persea gratissima</i> Gaertn	Abacate	América tropical
Ebenaceae	<i>Diospyros kaki</i> L.	Caqui	Japão
Magnoliaceae	<i>Magnolia grandiflora</i> L.	Magnólia de flor grande	América boreal
Olaceae	<i>Osmanthus fragans</i> Lour	Flor do Imperador	China, Japão
Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Bl.	Croto-Independência	Malaia
Pittosporaceae	<i>Pittosporum undulatum</i> Vent	Incenso	Austrália
Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thbg.) Lind.	Flor de maio	Japão, China
Ericaceae	<i>Azalea indica</i> Lin.	Azálea	Índias
Apocynaceae	<i>Plumeria</i>	Pluméria	
Lauraceae	<i>Endlicheria hirsula</i> Ness	Canela preta	Brasil
Magnoliaceae	<i>Michelia champaca</i> Lin.	Magnólia comum	Malaia
Euphorbiaceae	<i>Alchornea iricurana</i> Cas.	Lava-prato	Brasil
Orchidaceae	<i>Phajus grandifolius</i> Lour	Farjo	Oceania
Meliaceae	<i>Cedrella mexicana</i> Roem	Cedro-rosa	México
Rosaceae	<i>Prunus sphaerocarpa</i> Sw.	Pessegueiro do mato	América tropical
Lauraceae	<i>Nectandra reticulata</i> Mez	Canela amarela	Brasil
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulos</i> Lab.	Eucalipto	Austrália
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd	Flor de papagaio	México

Myrtaceae	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam	Grumixama	Brasil
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Arábia, Africa tropical
Euphorbiaceae	<i>Hieronymia alchorneoides</i> Allm.	Licurana	Brasil
Meliaceae	<i>Cabralea cangerana</i> Sald.	Cangerana	Brasil
Borraginaceae	<i>Cordia</i>	Pau Pereira	Brasil
Nyctaginaceae	<i>Pisonia</i>		Brasil
Monimiaceae	<i>Mollinedia</i>	Pau-pedra	Brasil
Leg. Mim.	<i>Inga marginata</i> Willd.	Ingá miúdo	Brasil
Lauraceae	<i>Ocotea pichurim</i> (H. B. e K.)	Canela santa	Brasil
Moraceae	<i>Artocarpus integrifolia</i> L. F.	Jaqueira	Índia oriental, Malaia
Palmae	<i>Acrocomia sclerocarpa</i> Mart.	Côco de catarro	Brasil
Myrsinaceae	<i>Rapanea</i>	Carne de vaca	Brasil
Myrtaceae	<i>Myrciaria edulis</i> (Vell.)	Cambucá	Brasil
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i> L.	Sagu	Japão
Musaceae	<i>Ravenala Madagascariensis</i> Sonn.	Árvore do viajante	Madagáscar
Leg. Mim.	<i>Calliandra brevipes</i> Benth	Esponja	Brasil
Leg. Pap.	<i>Machaerium angustifolium</i> Vog.	Jacarandá	Brasil
Malvaceae	<i>Hibiscus</i>	Hibisco Amarelo	
Liliaceae	<i>Cordyline terminalis</i> Kunth	Brinco de princesa	Ásia tropical, Austrália
Liliaceae	<i>Cordyline stricta</i> Endl.	Coqueira de Vênus	Austrália
Theaceae	<i>Camelia sinensis</i> (L.) O. Ktze	Chá da Índia	China
Araceae	<i>Phyllodendron Sellou</i> C. Koch.	Cipó imbê	Brasil
Leg. Pap.	<i>Erytrina reticulata</i> Presl.	Mulungu	Brasil
Crupressaceae	<i>Thuya</i>	Cipreste maça	
Leg. Mim.	<i>Inga sessilis</i> Mart.	Ingá feijão	Brasil
Marantaceae	<i>Calathea zebrina</i> Lindl.	Maranta miúda	Brasil
Marantaceae	<i>Calathea</i>	Maranta	Brasil
Polygonaceae	<i>Muehlenbeckia platyclados</i> Meissn.	Canavina	Ilhas Salomão
Iridaceae	<i>Neomarica caerulea</i> Spreng.	Iris	Brasil
Liliaceae	<i>Agapanthus umbellatus</i> L'Hér.	Agapanto	África austral
Liliaceae	<i>Hemerocattis fulva</i> Linn.	Hemorocale	Ásia
Saxifragaceae	<i>Hydrangea hortensis</i> DC.	Hortênsia	Ásia oriental
Rosaceae	<i>Spiraea chamaedryfolia</i> L.	Bouquê de noiva	Europa oriental, Ásia boreal
Verbenaceae	<i>Petraea semiserrata</i>	Viuvinha	Brasil
Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i> Lin.	Espirradeira	Reg. Mediterraneo, Oriente

Liliaceae	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thumb) Bak.	Chlorófito	Africa
Polypodiaceae	<i>Blechnum brasiliense</i> Desv.	Samambaia	Brasil
Acanthaceae	<i>Sanchezia nobilis</i> Hook.	Clorodendro	Equador
Cupressaceae	<i>Tuiya</i>	Tuia	
Malvaceae	<i>Heliconia</i>	Bico de papagaio	Brasil
Pandanaceae	<i>Pandanus utilis</i> Bory	Pandânio	Índias
Melastomaceae	<i>Miconia</i>	Camboatá	Brasil
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Brasil
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	Cupânia chinesa	Brasil
Sterculiaceae	<i>Sterculia chicha</i> St. Hil.	Chichá	Brasil
Anacardiaceae	<i>Mangifera Indica</i> L.	Mangueira	Índia oriental, Malaia
Palmae	<i>Cocos weddelliana</i> Hort.	Côco Weddliana	Brasil
Oleaceae	<i>Ligustrum japonicum</i> Thumb	Chumbeiro	Japão
Bombacaceae	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil.	Paineira	Brasil
Cannaceae	<i>Cana indica</i>	Cana	Brasil
Magnoliaceae	<i>Talauma ovata</i> St. Hil.	Pinho do brejo	Brasil
Zingiberaceae	<i>Hedychium coccineum</i> Buch. -- Ham. (Var. <i>Carneum</i> (R.) Bak		Índia Oriental
Araucariaceae	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) O. Kunze	Pinheiro	Brasil
Euphorbiaceae	<i>Acalypha</i>		Acalifa
Liliaceae	<i>Aloe arborescens</i> Mill.	Lonina	Africa austral
Amaryllidaceae	<i>Agave americana</i> Lin.	Agave	América tropical
Compositae	<i>Montanoa bipimatifida</i> C. Koch.	Flor de maio	México
Leg. Caes.	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Pau-ferro	Brasil
Casuarinaceae	<i>Casuarina equisetifolia</i> Forst	Casuarina	Malaia, Ins. Pac.
Nictaginaceae	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Três Marias	Brasil
Amarantaceae	<i>Iresine</i>	Iresine	
Cupressaceae	<i>Cryptomeria japonica</i> (L.) Don.	Arvore de Natal	Japão
Musaceae	<i>Strelitzia reginae</i> Ait.	Strelitzia	Africa austr.
Malvaceae	<i>Hibiscus</i>	Hybiscus	
Leg. Caes.	<i>Cassia macranthera</i> DC.	Fedegoso	Brasil
Cactaceae	<i>Cereus peruvianus</i> Mill	Cactus do Peru	Am. austr.
Gramineae	<i>Cortaderia selloana</i> (Sch.) Aschrs et Gaertn.	Pluma	Argentina
Cytheaceae	<i>Cyathea schanschin</i> Mart.		Brasil

FONTE: SODRÉ, Alcindo. Museu Imperial. Rio de Janeiro : Departamento de Imprensa Nacional, 1950. p. 40-46.

NOTA: Os nomes populares foram acrescentados pelo Museu Imperial de Petrópolis.

***ANEXO 4***

APRESENTADO

ASSEMBLÉA GERAL

NA

PRIMEIRA SESSÃO DA DEZITA-NONA LEGISLATURA

PELO

MINISTRO E SECRETARIO DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA,  
COMMERCCIO E OBRAS PUBLICAS

João Ferreira de Moura



- BRAZIL

IMPRESA NACIONAL

RIO DE JANEIRO

1885



RELATÓRIO APRESENTADO A ASSEMBLÉA GERAL NA PRIMEIRA SESSÃO  
DA DÉCIMA-NONA LEGISLATURA PELO MINISTRO E SECRETÁRIO DE  
ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, COMMÉRCIO E OBRAS PÚ-  
BLICAS JOÃO FERREIRA DE MOURA

(BRAZIL, IMPRENSA NACIONAL, RIO DE JANEIRO, 1885)

PP. 52-67: "JARDIM DA PRAÇA DA ACCLAMAÇÃO E PASSEIO PÚBLI-  
CO"

Dadas as occurrencias posteriores ao contracto com o cidadão Francisco Fialho, das quaes vos fallou detidamente o meu antecessor, sujeitou este o Passeio Público à mesma administração do jardim da praça da Acclamação, confiado ao zelo e perícia do botânico F. Glaziou. A conservação de ambos é feita com muita regularidade, correspondendo à despesa, relativamente minima, que o governo faz com ella; e acresceto, pelo que toca ao Passeio Público, com economia sobre o custo do anterior regimen.

Havendo queixas sobre a falta de água potável, no jardim da dita praça, alli mandei colocar quatro bicas.

Para que possais avaliar a importância desses dous estabelecimentos basta-vos-ha lançar os olhos para a relação das principaes plantas exoticas e indigenas ali cultivadas. Dir-vos-hei que já predominam, tanto num quanto noutro, os vegetaes indigenas, representados por grandes arvôres e arbustos notaveis das nossas florestas. O administrador Glaziou, que tem dado assim prova de largos estudos e investigações, espera continuar a abastecer ainda mais os dous jardins do Estado confiados à suacapacidade e zelo. Eis aqui a relação de que vos fallei; são, como disse, apenas as principaes plantas cultivadas naquelles estabelecimentos:

RANUNUCULACEAS

*Clematis dioica*, Linn.

" *Hilarii*, Spreng.

" *odorata*, Wall.

DILLENACEAS

*Tetracera lutea*, Spreng.

" *oblongata*, D.C.

*Dollocarpus elegans*, Eich.

*Davilla elliptica*, St. Hil.

" *rugosa*, Poiz.

" *flexuosa*, St. Hil.

*Curatella americana*, Linn.

*Dillenea speciosa*, Thunb.

" *serrata*, Thunb.

" *Grisebachiana*, Eich.

#### MAGNOLIACEAS

*Illicium anisatum*, Linn.

" *flondanum*, Linn.

*Tasmania aromatica*, R. Br.

*Michelia Champaca*, Linn.

" *velutina*, D. C.

*Magnolia granifora*, Linn.

" *purpurea*, Mich.

" *glanea*, Linn.

" *fuscata*, Andr.

" *punula*, Blum.

*Talauma ovata*, St. Hil.

*Liriodendron tulipifera*, Linn.

#### ANONACEAS

*Anona muricata*, Linn.

" *reticulata*, Linn.

" *squamosa*, Linn.

" *palustris*, Linn.

" *cherimolia*, Mill.

" *crassiflora*, Mart.

" *cancellata*, Mart.

" *pisonis*, Mart.

*Rollinia longifolia*, Hil.

" *sylvatica*, Mart.

" *parviflora*, St. Hill.

" *salicifolia*, Schlt.

" *fagifolia*, St. Hil.

" *laurifolia*, Sehlt.

*Duguetia Pohlmanii*, Mart.

*Guatteria australis*, St. Hil.

" *prilopus*, Mart.

*Guatteria ferruginea*, St. Hil.

*Xylopia sericea*, St. Hil.

" *Brasiliensis*, Spreng.

" *frulescens*, Aubl.

#### MENISPERMACEAS

*Alenta rufescens*, Aubl.

" *concolor*, Paep.

*Cissampelos ovalifolia*, D.C.

" *Glakerima*, St. Hil.

*Botryopsis platyphylla*, Miers.

#### BERBERIDEAS

*Berberis Nepalensis*, D.C.

" *yaponica*, Siede.

" *dealbata*, Siede.

*Nandina domestica*, Thun.

#### NYMPHACACEAS

*Nymphaea ampla*, D.C.

" *Coerulea*, Savig.

" *dentata*, Sehum.

" *rubra*, D.C.

*Nelumbium speciosum*, W.

#### PAVĀVERACEAS

*Argemone Mexicana*, Linn.

*Bocconia cordata*, Willd.

#### CAPPARIDEAS

*Cleome gigantea*, Linn.

" *spinosa*, Linn.

" *aculeata*, Linn.

" *rosea*, Vahl.

" *affinis*, D.C.

*Capparis flexuosa*, Vell.

" *Brasiliensis*, D.C.

" *cynophallophora*, L.

*Grataeva Tapia*, Linn.

## VIOLARINEAS

- Anchietea salutare, St. Hil.  
 " pyrifolia, St. Hil.  
 Viola odorata, Linn.  
 " tricolor, Linn.  
 Alsodeia castanaefolia, St. Hil.  
 " paniculata, Mirt.

## BIXINEAS

- Bixa orellana, Linn.  
 Carpotroche Brasiliensis, End.  
 Flacourtia Ramonchi, L.H.  
 " rhamnoides, Burch.  
 Hygellaria africana, Linn.

## PITTOSPOREAS

- Pittosporum Tobira, Ait.  
 " undulatum, Vent.  
 " coriaceum, Ait.

## POLYGALACEAS

- Comesperma floribunda, St. Hil.  
 " laurifolia, St. Hil.  
 Securidaca ovalifolia, St. Hil.  
 Securidaca lanceolata, St. Hil.

## MALVACEAS

- Althaea rosea, Cavan.  
 " officinalis, Linn.  
 " Canabina, Linn.  
 Urena lobata, St. Hil.  
 Pavonia sepium, St. Hil.  
 " coccinea, Cavan  
 " muricata, St. Hil.  
 " humifusa, St. Hil.  
 Hibiscus tubulosus, Linn.  
 " tyriacus, Linn.  
 " rosa - sinensis, Mill.  
 " cooperii, Hort.  
 " mutabilis, Linn.

*Hibiscus maculatus*, Desf.

" *esculentus*, Linn.

" *kitaibefolius*, St. Hil.

" *decipiens*, St. Hil.

" *digitatus*, Cavan.

*Fugosia sulfurea*, St. Hil.

" *cuneiformis*, Beauv.

" *phlomidifolia*, St. Hil.

*Thespesia populnea*, Cow.

" *grandiflora*, D. C.

*Gossypium araboreum*, Linn.

*Sida carpinifolia*, Linn.

" *micrantha*, St. Hil.

*Abutilon rufinewe*, St. Hil.

" *insigne*, Planch.

" *striatum*, Dicks.

" *venosum*, Paxt.

" *carneum*, St. Hil.

#### BOMBACEAS

*Adansonia digitata*, Linn.

*Pachira aquatica*, Aubl.

" *insignis*, Aubl.

" *marginata*, St. Hil.

" *alba*, Aubl.

" *tomentosa*, Mart.

" *macrocarpa*, Cham.

*Bombax ceiba*, Linn.

" *glabosum*, Aubl.

" *pubescens*, Mart.

" *pentaphylla*, Vell.

" *parviflora*, Mart.

*Eriodendron leiantherum*, D. C.

*Chorisia speciosa*, Hil.

" *crispiflora*, Kunth

*Matisia cordata*, H. et B.

*Cheirostemon platoneides*, H. et B.

*Myrodia penduliflora*, St. Hil.

*Helicteres cvata*, Lamh.

- Helicteres crevispira*, St. Hil.  
 " *sacaro*ha.  
 " *macropetala*, St. Hil.  
 " *cracterosa*, Mart.  
 " *ferruginea*, Sinch.

## BYTTNERIACEAS

- Sterculia Balangas*, Linn.  
 " *frondosa*, Rich.  
 " *chicha*, St. Hil.  
 " *foetida*, Linn.  
*Theobroma cacao*, Linn.  
*Guazuma ulmifolia*, Linn.  
 " *crinita*, Mart.  
*Bnttneria affinis*, Pohl.  
 " *sagittifolia*, St. Hil.  
*Waltheria americana*, Linn.  
 " *communis*, St. Hil.  
 " *elliptica*, Cavan.  
*Dombeya mollis*, Hoch.  
 " *viburniflora*, Bojer.  
 " *Ameliae*, Guillem.  
*Astrapacea Wallichii*, Lindl.

## TILIACEAS

- Aspeiba Tibourbon*, Aubl.  
 " *echinata*, Gantn.  
*Luhén paniculata*, Mart.  
 " *rufescent*, St. Hil.  
 " *grandiflora*, Mart.  
*Coreaharus tortipis*, St. Hil.  
*Eriumphetta sepium*, St. Hil.  
 " *obscura*, St. Hil.  
 " *eriocarpa*, St. Hil.  
 " *aautiloides*, St. Hil.  
*Grewia tiliaefolia*, Vahl.  
 " *occidentalis*, Linn.

## AURANTIACEAS

- Trifasia aurantiola*.  
*Murraya exótica*, Linn.  
     "    *paniculata*, D. C.  
*Coakia punelato*, Retz..  
     "    *anisata*, D. C.  
     "    *falcata*, D. C.  
*Aglaia odorata*, Low.  
     "    *odoratissima*, Blum.  
*Citrus aurantium*, Linn.  
     "    *medica*, Risso.  
     "    *linetta*, Risso.

## GUTTIFEREAS

- Clucia alba*, Linn.  
     "    *câiuva*, St. Hil.  
     "    *insignis*, Mart.  
     "    *sellowiana*, Sehl.  
*Arrudea clusioides*, Camb.  
*Mammea americana*, Linn.  
     "    *emarginata*, Sess.  
*Stalagmites pictorius*, Don.

## ERYTHROXYLEAS

- Erythroxyllum Coca*, Sank.  
     "    *pulchrum*, St. Hil.  
     "    *ovalifolium*, Peyr.  
     "    *subrotundum*, St. Hil.  
     "    *frangulae foium*, St. Hil.  
     "    *citrifolium*, St. Hil.

## MALPIGHIACEAS

- Byrsonima sericea*, D. C.  
     "    *chrysaphylla*, Kunth.  
     "    *bumeliae folia*, Gness.  
*Galpymia Brasiliensis*, Gness.

- Bunchosia Fluminensis*, Griseb.  
*Stigmaphyllon littorale*, Guss.  
     "    *tomentosum*, Guss.  
     "    *alternifolium*, St. Hil.  
     "    *Gandichandianum*, Guss.  
*Banisteria ferruginea*, Cavan.  
     "    *campestre*, Guss.  
     "    *hypericifolia*, Guss.  
*Peixotoa parviflora*, Guss.  
     "    *hispida*, Guss.  
*Heteropteris ilicifolia*, Guouzeb.  
     "    *Duarteana*, Guss.  
     "    *chrysophylla*, Kunt.  
     "    *nitida*, Kunt.  
     "    *Ternstraemiae folia*, Guss.  
     "    *anomala*, Guss.  
     "    *intermedia*, Guonseb.  
*Fetrapteris rotundifolia*, Guss.  
     "    *mogorifolia*, Guss.  
     "    *creberiflora*, Guss.  
     "    *Guilleminiana*, Guss.  
*Mascagnia Fluminensis*, Griseb.  
     "    *coriacea*, Griseb.  
*Hiraca sepium*, St. Hil.  
     "    *Gandichandiana*, Guss.  
     "    *amisopelata*, Guss.  
*Janusia muricata*, Griseb.

## SAPINDACEAS

- Cardiospermum scabrum*, Lam.  
     "    *parviflorum*, St. Hil.  
*Serjania cuspidata*, Camp.  
     "    *grandiflora*, St. Hil.  
     "    *clematidifolia*, St. Hil.  
     "    *communis*, St. Hil.  
*Paullinia sericia*, St. Hil.  
     "    *meliaefolia*, Guss.  
*Sapindus saponaria*, Linn.  
     "    *juglandifolia*, St. Hil.  
     "    *esculentus*, St. Hil.



*Blighia saqida*, Koen.

*Schmidelia puberula*, St. Hil.

" *heterophylla*, St. Hil.

*Euphoria Litchi*, Desf.

" *Longana*, Lamb.

*Cupania vernatis*, St. Hil.

" *paniculata*, St. Hil.

" *heterophylla*, Mart.

" *multiflora*, Mart.

#### MELIACEAS

*Melia Azedarach*, Linn.

*Guarta trichilioides*, cav.

" *Tuberculata*, St. Hil.

" *spiceflora*, St. Hil.

*Trichilia Richardiana*, St. Hil.

" *elegans*, St. Hil.

*Cabracan leagerana*, Sald.

" *Glaziovii*, C.D.C.

#### CEDRELEAS

*Cedrela dissilis*, Vell.

" *Glaziovii*, C.D.C.

*Sewietnia Mahogoni*, Linn.

" *senegalensis*, Desv.

#### AMPELIDEAS

*Vitis (cissus) Scyoides*, Bah.

" " *eroza*, Bah.

" " *salutaris*, Bah.

" " *simsiana*, Bah.

#### OXALIDEAS

*Averrhoa Carambola*, Linn.

" *Bilimbi*, Linn.

*Oxalis repens*, Thumb.

" *Martiana*, Zucc.

" *sepium*, St. Hil.

" *buplevrifolia*, St. Hil.

" *Plumieri*, Jacq.

## ZYGOPHYLLEAS

*Guayacum arboreum*, H. et. B.

" *officinale*, Linn.

## RUTACEAS

*Ruta graveolens*, Linn.

" *albiflora*, Hooh.

*Hostia Brasiliana*, Vand.

*Pilocarpus spicata*, St. Hil.

" *paciflorus*, St. Hil.

*Cusparia ovata*, St. Hil.

" *macrophylla*, Mih.

*Erythrochiton Brasiliensis*, Dess.

*Almeidea coerulea*, Dess.

*Galipea jasminiflora*, St. Hil.

" *Cractata*, Neus et Mart.

*Raputin magnifica*, Engl.

*Esenbechia leiocarpa*, Engl.

*Metrodorea nigra*, St. Hil.

*Zanthoxylum praecox*, St. Hil.

" *rhoifolium*, Lamb.

" *Riedelianum*, Engl.

*Bichofia japonica*, Blum.

*Ailantus glandulosa*, Desf.

*Ailantus excelsa*, Roxb.

## BURCERACEAS

*Iciopsis Brasiliensis*, Engl.

*Protium heptaphyllum*, Aubl.

" *brasiliense*, Engl.

*Garuga Spruceana*, Benth.

## OCHNACEAS

*Ouratea semiserrata*, Mart.

" *vaccinioides*, St. Hil.

" *parviflora*, D.C.

" *stipulacea*, Vell.

## CELASTRINEAS

- Maytenus communis*, Reiss.  
 " *samydaeformis*, Reiss.  
 " *snbalata*, Reiss.  
 " *obtuzifolia*, Mart.

## RHAMNEAS

- Zozyphus Goazeiro*, Mart.  
 " *Glazioii*, Congl.  
*Gonania corylifolia*, Radd.  
 " *Blanchetiana*, Miq.

## ANARCADIACEAS

- Anarcadium occidentale*, Linn.  
*Mangifera indica*, Linn.  
*Camocladia identata*, Linn.  
 " *integrifolia*, Jacq.  
*Rhus cotinus*, Linn.  
 " *toxicodendron*, Linn.  
 " *suaveolens*, Aiton.  
*Myracroduon urundeuva*, Allem.  
 " *concinnum*, Engl.  
*Astronium fraxinifolium*, Sch.  
*Lythraea Brasiliensis*, Marc.  
 " *molleoides*, Vell.  
*Schinus Molle*, Linn.  
 " *Terebinthifolius*, Radd  
*Tapirira Guianensis*, Aubl.  
*Spondias purpurea*, Linn.  
 " *lutea*, Linn.

## LEGUMINOSAS

- Inâigofera Anil*, Linn.  
 " *tinctoria*, Linn.  
*Lonchocarpus costatus*, Benth.  
 " *neuroscarpha*, Thumb.  
*Robinia pseuso-accacia*, Linn.  
 " *spectabilis*, Dum.  
*Aeschynomene Sellôii*, Vog.  
 " *Fluminensis*, Vell.  
*Machaerium gracili*, Benth.

- Machaerium firmum*, Benth.  
 " *aculeatum*, Radd.  
 " *angustifolium*, Vog.  
 " *legale*, Benth.  
 " *pedicellatum*, Vog.  
*Centrosema Plumieri*, Benth.  
 " *Brasilianum*, Benth.  
*Dioclea glycinoides*, D.C.  
*Erithryma crista-galli*, Linn.  
 " *laurifolia*, Jacq.  
 " *Mulungú*, Mart.  
 " *serícia*, Benth.  
*Camptosema pinatum*, Benth.  
*Dalbergia variabilis*, Vog.  
 " *foliosa*, Benth.  
*Goofloya violacea*, Linn.  
 " *superba*, H. et B.  
*Andira stipulacea*, Benth.  
 " *anthelinitheia*, Benth.  
 " *fraxinifolia*, Benth.  
 " *nitida*, Mart.  
*Drepanociadus floribus*, Mart.  
*Centrolobium lurifolia*, Don.  
 " *robustum*, Mart.  
 " *tomentosum*, Benth.  
*Sophora tomentosa*, Linn.  
*Armosia nitida*, Vogel.  
 " *coccinea*, Guck.  
*Parkinsonia aculeata*, Linn.  
*Guilandina Bonduc*, Ait.  
*Poinciana regia*, Bojer.  
 " *pulcherrima*, Sinn.  
*Caesalpinio Brasiliensis*, L.  
 " *Sappan*, Linn.  
 " *coriaria*, Willd.  
 " *echinata*, Lamh.  
 " *ferrea*, Mart.  
*Cassia grandis*, L. fil.  
 " *Brasiliana*, Lamh.  
 " *fistula*, Linn.  
 " *Humboldtiana*, D. C.  
 " *multijuga*, Rich.

- Cassia alata*, Sinn.  
 " *splendida*, Vogel.  
 " *ramiflora*, Vogel.  
 " *humilis*, Collad.  
 " *apendiculata*, Vog.  
 " *magnifica*, Mart.  
*Swartzia triphylla*, Willd.  
 " *Flemingii*, Radd.  
 " *Langsdorffii*, Radd.  
 " *multijuga*, Vogel.  
*Jonezia asoca*, Roxb.  
*Tamarindus indica*, Linn.  
*Amherstia nobilis*, Vall.  
*Hymenea Courbaril*, Linn.  
 " *confertifolia*, Mart.  
*Bauhinia aculcata*, Linn.  
 " *forficata*, Linn.  
 " *tomentosa*, Linn.  
 " *alfinis*, Vogel.  
*Copaifera nitida*, Mart.  
 " *Langsdorffii*, Desf.  
 " *multijuga*, Hay.  
*Gleditschia triacanthos*, Linn.  
 " *sinensis*, Lamb.  
*Tachigalia multijuga*, Berth.  
*Apuleia praccox*, Mart.  
*Schizolobium excelsum*, Vog.  
*Adenanthera Pacocina*, Linn.  
*Parkia multijuga*, Benth.  
 " *pectinata*, Benth.  
*Piptadenia communis*, Benth.  
 " *colubrina*, Benth.  
 " *nitida*, Benth.  
 " *trisperma*, Benth.  
*Mimosa Velloziana*, Mart.  
 " *sensitiva*, Linn.  
 " *Tollens*, Vellozo.

*Mimosa Glaziovii*, Benth.

" *Calodendron*, Mart.

" *Kermesiana*, Otto.

" *montana*, H. et B.

" *malacocentra*, Mart.

" *zeptaria*, Benth.

" *invisa*, Mart.

" *asperata*, Linn.

" *cinerea*, Velloso.

*Lencaena glanca*, Benth.

*Acacia dealbata*, Sieb.

" *Farnesiana*, Willd.

" *lacerans*, Benth.

" *Miersii*, Benth.

" *riparia*, H.B.D.

" *alata*, R. BR.

" *julibrissin*, Willd.

" *quadrangularis*, Sinh.

" *longifolia*, Willd.

" *paniculata*, Willd.

*Calliandra Amazonica*, Benth.

*Calliandra Harrizii*, Benth.

" *Crevipes*, Benth.

" *myriophylla*, Benth.

*Albizzia Leebeck*, Benth.

*Pithecolobium lusorium*, Benth.

" *Avaremotemo*, Mart.

" *Langsdorffii*, Benth.

" *Saman*, Benth.

" *incuriale*, Benth.

" *polycephallum*, Benth.

*Inga fulgens*, Hunth.

" *anomala*, Hunth.

" *Harrisii*, Lindl.

" *canliflora*, Willd.

" *saman*, Willd.

" *cordistipula*, Mart.

" *schinifolia*, Benth.

" *Cultata*, Benth.

" *fagifolia*, Willd.

*Inga cylindrica*, Mart.

" *lenticellata*, Benth.

" *Martiana*, Benth.

" *Carbata*, Benth.

" *alfinis*, D.C.

" *edulis*, Mart.

*Affonsea buliata*, Benth.

" *juglandifolia*, St. Hil.

#### ROSACEAS

*Eryobothrya japonica*, Lindl.

*Crataegus pyracontha*, Pers.

" *azarolus*, Linn.

*Chysobalanus Icaco*, Linn.

*Hirteela racemosa*, Lamh.

*Moquilea tomentosa*, Benth.

" *Oiti*, Mart.

#### COMBRETACEAS

*Terminalia Catappa*, Linn.

" *angustifolia*, Jach.

" *fatraea*, D.C.

" *janeirensis*, Eich.

*Combretum Loefflingii*, Eich.

" *jacquini*, Griseb.

" *elegans*, Camb.

#### VOCHYSIACEAS

*Vochysia oppugnata*, Vell.

" *Glazioviana*, Warm.

" *tucanorum*, Mart.

" *Lxurifolia*, Warm.

#### LYTHRARIACEAS

*Lafoensia apiciosa*, H.B.

" *Vandelliana*, D.C.

" *Pecari*, St. Hil.

*Grysolea tomentosa*, Roxb.

*Lagerstraemia indica*, Linn.

" *reginae*, Roxb.

*Cuphea miniata*, Brong.

" *eminens*, Planch.

" *spicata*, Cavan.

" *Balsamona*, Cham.

#### TAMARISCINEAS

*Tamarix Africana*, Poiz.

" *indica*, Willd.

#### MELASTOMACEAS

*Medinilla rosea*, Gand.

" *magnifica*, Lindl.

*Pleroma argenteum*, D.C.

" *Candolleianum*, Trian.

" *fontanesianum*, Trian.

" *Fothergillum*, Trian.

" *Raddiana*, Trian.

" *arboreum*, Gardn.

" *holosericeum*, Don.

*Leandra scabra*, D.C.

" *melastomoides*, Radd.

*Miconia jucunda*, Trian.

" *slenostachya*, D.C.

" *lygnistroides*, Nand.

" *auriculata*, D.C.

" *prazina*, D.C.

" *sellowiana*, Nand.

#### MYRTACEAS

*Melalenca decussata*, R. Br.

" *linarifolia*, Smith.

" *hypericifolia*, Smith.

*Eucalyptus robusta*, Smith.

" *piperita*, Smith.

" *globulus*, Labill.

" *glanca*, D.C.

" *amygdalina*, Labill.

" *incrassata*, Smith.

*Metrosideros floribunda*, Sm.

*Gomidosia Hilariana*, Berg.



- Gomidosia spectabilis*, Berg.  
 " *Riedeliana*, Berg.  
*Malierca suaveolens*, Camb.  
 " *gpandifolia*, Berg.  
 " *glabra*, Camb.  
*Calyptranthes anceps*, Berg.  
 " *Brasiliensis*, Spr.  
 " *lanceolata*, Berg.  
*Aulomyrcia ramulosa*, Berg.  
 " *acrantha*, Berg.  
 " *sphaerocarpa*, Berg.  
 " *recemosa*, Berg.  
 " *scrobienlata*, Berg.  
 " *anomala*, Berg.  
*Myrcia hispida*, Berg.  
 " *elongata*, Berg.  
 " *nitens*, Berg.  
 " *palustris*, D.C.  
*Syzygium zambolanum*, D.C.  
*Caryophylus aromatiens*, L.  
*Eugenia Uvalha*, Camb.  
 " *prasina*, Berg.  
 " *hypericifolia*, Gardn.  
 " *fruticulosa*, D.C.  
 " *Arenaria*, Camb.  
 " *temufolia*, Berg.  
 " *oxyphylla*, Berg.  
 " *Riedeliana*, Berg.  
 " *glomerata*, Spr.  
 " *canliflora*, Berg.  
 " *rotundifolia*, Camb.  
*Phyllocalyx edulis*, Berg.  
 " *tomentosus*, Berg.  
 " *pubescens*, Berg.  
*Stenocalix Michellii*.  
 " *sulcatus*, Berg.  
 " *Brasiliensis*, Berg.  
*Myrciaria jaboticaba*, Berg.  
 " *plicato-costata*, Berg.  
*Yambosa vulgaris*, D.C.  
 " *Malaccensis*, D.C.  
 " *domestica*, Rumph.

- Yambosa purpurea*, D.C.  
*Psidium* Oraça: Radd.  
   " *Sellouvirianum*, Berg.  
   " *Guaizava*, Radd.  
   " *Coriaceum*, Mart.  
*Campomanesia hirsuta*, Gardn.  
   " *macrocarpa*, Berg.  
   " *fruticosa*, Berg.  
*Britoa rugosa*, Berg.  
   " *sissiliflora*, Berg.  
*Barringtonia speciosa*, Blum.  
*Gustavia augusta*, Linn.  
*Gustavia Brasiliensis*, D.C.  
*Lecythis lanccolata*, Poir.  
   " *angustifolia*, Endl.  
   " *Pisonis*, Camb.  
   " *glabra*, Berg.  
*Couratari estrellensis*, Radd.  
   " *legalis*, Mart.  
   " *domestica*, Mart.  
*Punica granatum*, Linn.  
   " *nana*, Linn.

## PASSIFLOREAS

- Passiflora racemosa*, Vell.  
   " *Quadrangularis*, Linn.  
   " *edulis*, Velloso.  
*Tacsonia molíssima*, H.B.  
   " *pedunculata*, Juss.  
*Hydrangea japonica*, Sieb.  
   " *arborescens*, Linn.  
*Escallonia Organensis*, Gardn.  
   " *Montevidensis*, Cham.  
   " *Sellowiana*, D.C.  
*Belangera speciosa*, Camb.  
*Winmannia Organensis*, Gardn.  
   " *puülliniaefolia*, Pohl.  
   " *hirta*, Swartz.

## UMBELLIFEREAS

- Eryngium Lassanxii*, Decais.  
 " *aloifolium*, Mart.  
 " *floribundum*, Cham.  
 " *pandanifolium*, Cham.  
 " *Fluminense*, Urban.  
 " *Glaziovianum*, Urban.  
 " *paniculatum*, Cav.  
*Pimpinella magna*, Linn.  
 " *piregrina*, Linn.

## ARALIACEAS

- Panax cochlicatum*, D. C.  
 " *arboreum*, Forst.  
 " *fruticosum*, Linn.  
 " *longepectiolatum*, Pl.  
*Aralia trifoliata*, Mug.  
 " *papiryfera*, Hook.  
 " *Ghiesbreghtii*, Lind.  
 " *Sieboldii*, Lind.  
 " *leptophylla*, Lind.  
*Paratropia pulchella*, Lind.

## CAPRIFOLIACEAS

- Sambucus nigra*, Linn.  
*Lonicera caprifolium*, Lind.  
 " *semprevirens*, Oit.

## RUBIACEAS

- Cascarilla hexandra*, Wedd.  
*Luculia pinceana*, Hor.  
 " *gratissokma*, Swartz.  
*Exostema australe*, St. Hil.  
 " *macrophylla*, Hort.  
*Mussaenda tubulosa*, Dietr.  
 " *odorifera*, veloso.  
*Tocoyena hirsuta*, Moric.  
*Posoqueria longiflora*, Aull.  
 " *custodiana*, Glaz.  
 " *revoluta*, Nees.

- Gardenia florida*, Linn.  
 " *radicans*, Thumb.  
 " *Stanleyana*, Hook.  
 " *Devoniana*, Lindl.  
 " *Thumbergia*, Linn.  
 " *suaveolens*, Velloso.  
 " *leullata*, Velloso.  
*Randia tetraacantha*, D.C.  
*Porthlandia grandiflor*, Linn.  
 " *hexandra*, Jacq.  
*Rondeletia odorata*, Jacq.  
 " *pubescens*, H. B.  
 " *superba*, Hort.  
 " *anomala*, Hort.  
*Pentas carnea*, Benth.  
*Ixora incarnata*, D.C.  
 " *Bandhuca*, Roxb.  
 " *coccinea*, Linn.  
 " *stricta*, Roxb.  
 " *acuminata*, Roxb.  
 " *alba*, Linn.  
*Guettarda viburnoides*, Cham.  
 " *platyphylla*, Muell.  
*Chiococca Crachiata*, R. et. P.  
*Coussarca coffeoides*, Muell.  
 " *meridionalis*, Muell.  
 " *verticillata*, Muell.  
 " *nodosa*, Muell.  
 " *corcovadensis*, Muell.  
 " *viridis*, Muell.  
*Faramea Eichleri*, Muell.  
 " *calyciflora*, Rich.  
 " *pachyantha*, Muell.  
 " *micrantha*, Muell.  
 " *leucocalyx*, Muell.  
*Rudgea coronata*, Muell.  
 " *nobilis*, Muell.  
 " *macrophylla*, Benth.  
 " *paniculata*, Benth.  
 " *eriantha*, Benth.

*Rudgea Martiana*, Muell.

*Psychotria ampla*, Muell.

" *rudgeoides*, Muell.

" *clavipes*, Muell.

" *platypodina*, Muell.

" *Brasiliensis*, Vell.

" *Gardneriana*, Muell.

" *estrellensis*, Muell.

*Paveta indica*, Linn.

" *caffra*, Thunb.

" *Borbonica*, Hort.

*Coffea Arabica*, Linn.

" *Liberica*, Hiern.

#### COMPOSTAS

*Vernonia lineares*, Spr.

" *megapotamica*, Spr.

" *Westiniana*, Less.

" *polyanthos*, Less.

" *Beyrichii*, Less.

*Mikania cordifolia*, Willd.

" *leptotricha*, Bak.

" *opiifolia*, D.C.

" *biformis*, D.C.

*Baccharis platypoda*, D.C.

" *retusa*, D.C.

" *vernoinoides*, D.C.

" *macrodonta*, D.C.

*Mutizia speciosa*, Hook.

" *clematis*, Linn.

*Stiffia crysantha*, Mik.

#### LOBELIACEAS

*Isotoma tongiflora*, Prest.

#### MYRSINEAS

*Ardesia crenulata*, Vent.

" *speciosa*, Blum.

*Ardesia paniculata*, Roxb.

" *Martiana*, Miq.

*Myrsine raponea*, Roem.

" *Gardneriana*, D.C.

" *laurifolia*, Casar.

*Cybianthus cuneifolius*, Mart.

" *angustifolius*, D.C.

#### THEOPHRASTACEAS

*Theophrasta latifolia*, Willd.

" *macrophylla*, Hort.

*Clavija coriacea*, D.C.

" *integrifolia*, Mart.

*Jacquinina armillares*, Jacq.

" *pubescens*, Kunth.

#### SAPOTACEAS

*Chrysophyllum Cainito*, Linn.

" *Macoucou*, Aubl.

" *Brasiliense*, D.C.

" *ebenaceum*, Mart.

" *flexuosum*, Mart.

" *Imperiale*, Benth.

*Sapota Achras*, Mill.

" *Mulerii*, Lind.

*Mimusops Elengi*, Linn.

" *crythroxyton*, Boj.

" *floribunda*, Mart.

" *subsericia*, Mart.

" *dissecta*, R. Br.

#### EBENACEAS

*Diospyros exculpta*, Ham.

" *Sapota*, Roxb.

" *Kaki*, Linn.

" *ebenum*, Retz.

" *sericea*, Mart.

## STYRACEAS

- Symplocos laxiflora, Benth.  
 " lanceolata, D.C.  
 " variabilis, Mart.  
 Styrax latifolium, Pohl.  
 " macrophyllum, Sehl.

## OLEACEAS

- Olea Europea, Linn.  
 " fragrans, Thunb.  
 " salicifolia, Willd.  
 Ligustrum vulgare, Linn.  
 " Japonicum, Thunb.  
 Linociera Mandioclana, Eich.  
 " crassifolia, Mart.

## JASMINEAS

- Jasminum Sambac, Ait.  
 " Azoricum, Linn.  
 " pubescens, Willd.  
 " revolutum, Smith.  
 " odoratissimum, Linn.  
 " officinale, Linn.

## APOCYNACEAS

- Allamanda Cathartica, Aubl.  
 " Schotti, Pohl.  
 Thevetia neuriifolia, Juss.  
 Thanghinia venenifera, Poir.  
 Tabernaemontana longiflora, Bl.  
 " coronaria, R. Br.  
 " laurifolia, Juss.  
 " angulata, Mart.  
 " lacta, Mart.  
 " lundii, D.C.  
 " gracilis, Muell.  
 " affinis, Muell.  
 " Gaudichandiana, D.C.

~~Plumeria rubra, Linn.~~

" lanccolata, Muell.

" lutea, Ruiz et Pav.

Aspidosperma pyricollum, M.

~~" Gómezlanum, D.C.~~

Beaumontia grandiflora, Wall.

Nerium olander, Linn.

Fosteronia Brasiliensis, D.C.

" floribunda, Muell.

Echites peltata, Vellozo.

" suaveolens, D.C.

" Fluminensis, D.C.

" violacea, Vellozo.

" odorifera, Vell.

Dipladenia illustris, Muell.

" fragrans, D.C.

" crassinoda, D.C.

#### ASCLEPIADEAS

Cryptostegia grandiflora, R. Br.

" Madagascariensis, Boj.

Roulinea Fluminensis, D.C.

Asclepias Curassaviera, Linn.

" umbellata, Vell.

" mellodora, St. Hil.

Oxypetalum Banksii, Roem.

" monanthum, Decais.

Stephanotis floribunda, Br.

Hoya carnososa, R. Br.

" Imperialis, Lindl.

#### LOGANIACEAS

Strychnos Brasiliensis, Mart.

" Gardnerii, D.C.

" triplinervia, Mart.



## BIGNOLIACEAS

- Bignonia exoleta*, Vell.  
 " *venusta*, Ker.  
 " *Fluminensis*, Vell.  
 " *rupestris*, Gardn.  


---

 " *falcata*, Vell.  
 " *pulchella*, Cham.  
 " *speciosa*, Hook.  
*Lundia cordata*, D.C.  
 " *longa*, D.C.  


---

*Arrabidaea rego*, D.C.  
*Pithecoctenium squalus*, D.C.  
*Adenocalymna nitidum*, Mart.  
 " *Guillemini*, D.C.  
*Spathodea gigantea*, Blum.  
 " *campanulata*, Blum.  
*Tabebnia uliginosa*, D.C.  
 " *leucoxilon*, D.C.  
 " *cassinoides*, D.C.  
*Tecoma stans*, Juss.  
 " *speciosa*, D.C.  
 " *chrysantha*, D.C.  
 " *capensis*, Lindl.  
 " *jasminoides*, Lindl.  
 " *radicans*, Juss.  
 " *flavescens*, Mart.  
*Tripinnaræ Africaca*, Spr.  
*Jacaranda tomentosa*, Br.  
 " *caroba*, D.C.  
 " *elliptica*, Mart.  
*Phyllarthron Bojerianum*, D.C.  
*Crescentia cujete*, Linn.  
 " *regalis*, Lindl.  
 " *macrophylla*, Hort.

## CONVOLVULACEAS

*Quamoclocciita* nea, Moe.

*Convolvulus* dissectus, Cav.

" *pulcherrimus*, Vell.

" *laciniatus*, Desr.

*Prevostea* umbellata, Choisy.

## BORRAGINEAS

*Cordia* excelsa, D.C.

" *insignis*, Cham.

" *superba*, Cham.

" *grandifolia*, D.C.

" *glabra*, Cham.

*Tournefortia* Gardneri, D.C.

" *hirsutissima*, Linn.

" *salicifolia*, D.C.

*Heliotropium* Peruvianum, L.

## SCROPHULARIACEAS

*Brunfelsia* calycina, Benth.

" *hydrangeaeformis*, B.

" *acuminata*, Benth.

" *latifolia*, Benth.

*Vebascum* Thapsus, Linn.

" *blattaria*, Benth.

*Angelonia* integerrima, Spr.

*Russelia* junsea, Zucc.

" *sarmentosa*, Jacq.

*Torenia* Asiatica, Linn.

*Buddleia* Brasiliensis, Jacq.

" *Lindleyana*, Foirt.

" *Madagascariensis*, L.

## SOLANACEAS

*Solanum* Cullatum, Vell.

" *caavuranum*, Vell.

*Solanum odoriferum*, Vell.

" *jasminoides*, Paxt.

" *pulchrum*, Dunal.

" *auriculatum*, Ait.

" *Vellozianum*, Dun.

" *spectabile*, Stend.

" *paniculatum*, Linn.

" *cernuum*, Vellozo.

" *variabile*, Mart.

*Cyphomandia calycina*, Seub.

" *floribunda*, D.C.

" *capsicoides*, D.C.

*Jochroma tubulosum*, Benth.

*Cestrum fasciculatum*, Miers.

" *glaucescens*, Sendt.

" *foetidissimum*, Jacq.

" *laevigatum*, Schl.

" *glomeratum*, Schott.

" *elegans*, Schott.

*Desfontainea splendens*, H.B.

*Daturea arborea*, Linn.

" *faustosa*, Linn.

" *stramonium*, Linn.

*Metternichia Principis*, Mik.

#### ACANTHACEAS

*Mendoncia Velloziana*, Mart.

" *puberula*, Mart.

*Thumburgia alata*, Bojer.

" *laurifolia*, Lindl.

" *Harrissii*, Hook.

*Meyenia erecta*, Benth.

" *var. alba*, Hort.

*Otacanthus coerulens*, Lindl.

*Hygrophila oblongifolia*, Nees.

" *glandulifera*, Nees.

- Dipteracanthus* Neessianus, Mart.  
 " *Calvescens*, Nees.  
 " *Beyrichianus*, Nees.  
 " *geminiflorus*, Nees.  
 " *Herbestii*, Hook.  
*Ruellia tetragona*, Link.  
*Ruellia anisophylla*, Nees.  
*Stenocanthus hersutus*, Nees.  
 " *macrophyllus*, D.C.  
 " *salviaefolius*, Nees.  
*Geissomeria cincinata*, Nees.  
 " *longiflora*, Lindl.  
*Pachystachys Rudeliana*, Nees.  
*Thyrsacanthus dissitiflorus*, Nees.

#### VERBENACEAS

- Lippia sidoides*, Cham.  
 " *Martiana*, Sch.  
 " *Chamissonis*, Dietr.  
 " *asperifolia*, Rich.  
*Lantana Brasiliensis*, Link.  
 " *nivea*, Vent.  
 " *lilacina*, Desf.  
 " *camara*, Linn.  
*Duranta plumieri*, Jacq.  
*Petrea denticulata*, Sch.  
 " *subserrata*, Cham.  
*Tectonea grandis*, Linn.  
*Aegiphila tomentosa*, Cham.  
 " *Fluminensis*, Vell.  
 " *cuspidata*, Mart.  
 " *mediterranea*, Vell.  
 " *Luschnathi*, Sch.  
*Vitex cymosa*, Bart.  
 " *Gardneriana*, Sch.  
 " *polygama*, Cham.  
 " *Vanthieri*, D.C.  
*Citharexylon cenereum*, Linn.  
 " *myrianthum*, Cham.  
*Clerodendron scandens*, Brand.

*Clerodendron ligustrinum*, R. Br.

- " *foetidum*, Bung.  
 " *nutans*, Wall.  
 " *spendens*, Don.  
 " *paniculatum*, Linn.  
 " *inerme*, R. Br.  
 " *Thomsonae*, Balf.  
 " *fragrans*, Vent.

## LABIACEAS

- Coleus bardatus*, Benth.  
 " *Blumei*, Benth.  
 " *Veschaffeltii*, Linn.  
*Hyptis spinulosa*, D. C.  
 " *barbara*, Sch.  
 " *lophantā*, Mart.  
*Salvia serrata*, Benth.  
 " *balanstina*, Pohl.  
 " *gracilis*, Benth.  
 " *splendens*, Sell.  
 " *montana*, Gardn.  
*Leonurus sibericus*, Linn.

## PLUMBAGINACEAS

- Plumbago coerulea*, Kunth.  
 " *scandens*, Linn.

## NYCTAGINACEAS

- Bouganvillea spectabilis*, W.  
 " *glabra*, Cham.  
*Pisonia aculeata*, Linn.  
 " *minor*, Choisy.  
 " *acuminata*, Mart.  
 " *obtusata*, Sw.

## POLYGONACEAS

- Coccoloba peltigera*, Meissn.  
 " *Gardineri*, Meissn.  
 " *rigida*, Mart.  
 " *Brasiliensis*, Mart.  
 " *Veloziana*, Meissn.

- Rupechtia Lundii*, Meissn.  
 " *carpinoides*, Meissn.  
 " *laurifolia*, Meyer.  
 " *glauca*, Meissn.

## LAURACEAS

- Cimamomum camphoratum*, Bl.  
 " *zeylanicum*, R. Br.  
*Persca gratissima*, Guertn.  
 " *pyrifolia*, Nus.  
 " *alba*, Ness.  
*Cryptocaraya moschata*, Mart.  
 " *Mandiocana*, Meissn.  
*Mespilodaphne Organensis*, M.  
 " *petiolaris*, Meissn.  
 " *pretiosa*, Nees.  
*Nectandre Schotti*, Meissn.  
 " *lencothyrsus*, Meissn.  
*Sassafras albidum*, Nees.  
*Laurus nobilis*, Linn.

## PROTEACEAS

- Grevillea robusta*, Cann.  
 " *buxifolia*, R. Br.  
 " *longifolia*, R. Br.  
*Rhopala Gardineri*, Meissn.  
 " *longepetiolata*, Pohl.  
 " *Brasiliensis*, Kunth.  
 " *heterophylla*, Pohl.  
*Adenostephanus Organensis*, En.  
*Stenocarpus simatus*, Condl.  
 " *integrifolius*, Hort.

## PAPAYACEAS

- Papaya vulgaris*, Dc.  
*Jacaratia spinosa*, Dc.  
 " *heptaphilla*, Dc.

## EUPHORBIACEAS

- Pedilanthus parvifolius*, Poit.  
 " *tithymaloides*, Poit.  
*Euphorbia fulgens*, Kav.  
 " *sanguinea*, Hook.  
 " *pulcherrima*, Willd.  
 " *splendens*, Bojer.  
 " *Tirucali*, Linn.  
 " *Brasiliensis*, Boiss.  
 " *comosa*, Vellozo.  
 " *pilulifera*, Linn.  
 " *thymifolia*, Barm.  
 " *Peplus*, Linn.  
*Phyllanthus Niruri*, Linn.  
 " *speciosus*, Jacq.  
 " *nobilis*, Muell.  
 " *elongatus*, Jacq.  
 " *corcovadensis*, Muell.  
 " *angustifolius*.  
 " *lthyroides*, Linn.  
*Johannezia priceps*, Vell.  
*Alenrites Moluccana*, Willd.  
*Croton echinocarpus*, MUell.  
 " *Urucurana*, Baill.  
 " *Organensis*, Baill.  
 " *migrans*, Casar.  
 " *alnifolius*, Lank.  
 " *punfens*, Jacq.  
 " *floribundum*, Spr.  
 " *urticifolium*, Lank.  
 " *compressus*, Lank.  
 " *herbaceum*, Vellozo.  
*Codiacum prictum*, Linn.  
 " *angustifolium*, Hort.  
 " *Cooperi*, Hort.  
 " *appendiculatum*, Hort.

*Manihot Glaziovii*, Muell.

" *tripartita*, Muell.

*Pachystroma ilicifolium*, Muell.

*Alchornea Gricurana*, Casar.

" *triplinervia*, Muell.

*Mabea Brasiliensis*, Muell.

" *fistulifera*, Mart.

*Omphalea diandra*, Linn.

" *Brasiliensis*, Muell.

*Excaecaria marginata*, Muell.

" *biglandulosa*, Mart.

" *sebifera*, Muell.

#### ARTOCAPEAS

*Poarmacosycea vermifuga*, Miq.

" *perforata*, Miq.

*Ficus fulva*, Miq.

" *Amazonica*, Miq.

" *venusta*, Miq.

" *nymphaefolia*, Miq.

" *infesta*, Miq.

" *Porteana*, Hort.

" *Martiniana*, Hort.

" *religiosa*, Linn.

" *elastica*, Linn.

" *indica*, Linn.

" *macrophylla*, Derf.

" *Benjaminca*, Linn.

" *nitida*, Low.

" *Organense*, Miq.

*Brozimum Galactodendron*, D.

" *discolar*, Schott.

*Artocarpus incisa*, Linn.

" *integrifolia*, Linn.

*Sorocea ilicifolia*, Miq.



## SALICINEAS

*Salix viminalis*, Linn." *Babylonica*, Linn.

## CUPULIFEREAS

*Quercus robur*, Linn." *suber*, Linn.

## CASUARINEAS

*Casuarina equisetifolia*, Fat." *quadrivalvis*, Labill." *lateriflora*, Lamk.

## CONIFEREAS

*Juniperus drupacea*, Labill." *oxycedrus*, Linn." *communis*, Linn." *Sabina*, Linn.*Thuia plicata*, Don." *occidentalis*, Linn." *filiformis*, Hort." *Nepolensis*, Lood.*Cupressus horisontalis*, Mill." *Lusitanica*, Mill." *funnebris*, End." *Lindleyana*, Kl." *Goviniana*, Gord." *majistica*, Hort.*Taxodium distichum*, Rich." *microphyllum*, Br.*Cryptomeria Japonica*, Don." *pungens*, Hort.*Araucaria Bidwilli*, Hook." *Cuninghammi*, Ait." *excelsa*, R.Br." *Brasiliana*, Rich.*Damara Browni*, Hort.*Podocarpus Sellowi*, Kl." *Lamberti*, Kl.*Taxus baccata*, Linn.

## CYCADEAS

*Cycas revoluta*, Thunb.

" *circinalis*, Linn.

" *squamosa*, Lindl.

" *glauca*, Hort.

*Dioon edule*, Lindl.

*Encephalartos caffer*, Leh.

" *elongatus*, Leh.

" *lanuginosus*, Leh.

*Zamia muricata*, Willd.

" *angustifolia*, Jacq.

" *cylindrica*, Hort.

" *furfugacea*, Oit.

" *linearis*, Miq.

## ZINGRBERACEAS

*Alpinia nutans*, Smith.

" *magnifica*, Rosc.

*Costus spicatus*, Swartz.

" *Orrabidae*, Stend.

" *discolor*, Rosc.

## MUSACEAS

*Musa sapientum*, Linn.

" *sinensis*, Swartz.

" *coccinea*, Andr.

" *superba*, Roxb.

*Strelitzia reginae*, Oit.

" *juncea*, Andr.

" *Nicolaii*, Hort.

*Heliconia angustifolia*, Linn.

" *Bihai*, Swartz.

" *Brasiliensis*, Hook.

*Ravenala Madagascariensis*, P.

" *Guizanensis*, Rich.

## HYPOXIDEAS

*Curculigo olicata*, Oit.

" *latifolia*, Br.

AMARYLLIDEAS

- Agave Americana, Linn.
- " angustifolia, Linn.
- " felifera, Hort.
- " vivipara, Linn.
- " geminiflora, Saim.
- " Mexicana, Saim.
- " schidiaera, Lem.
- " Verschaffelti, Hort.
- Fonrcroya gigantea, Vent.
- Grinum amabile, Don.
- " asiaticum, Linn.

LILIACEAS

- Dracaena Draco, Linn.
- " cernua, Jacq.
- " umbraculifera, Jacq.
- " terminalis, Jacq.
- " stricta, Ende.
- " Brasiliensis, Hort.
- " congesta, Hort.
- " australis, Hort.
- Yucca gloriosa, Linn.
- " alcifolia, Linn.
- " filamentosa, Linn.
- " pendula, Hort.
- Aloe viscosa, Linn.
- " soccetrina, Lanh.
- " arborescens, Mill.
- " depressa, Salm.
- " retusa, Salm.
- Agapanthus umbellatus, Linn.
- " Saundersonianus, Hort.

COMMELYNACEAS

- Dicharisandra thyrsiflora, Mik.
- " affinis, Mart.
- " intermedia, Mart.
- Commellina elegans, H et B.
- " Pohliana, Senb.
- " virginica, Linn.

*Tradescantia discolor*, Sal.  
 " *undulata*, Willd.  
 " *effusa*, Mart.  
 " *ambigua*, Mart.

## PALMEIRAS

*Chamaedorea gracilllis*, Willd.  
 " *Veschaffeltiana*, Wendl.  
*Hyophorbe indica*, Gaertn.  
 " *amaricaulis*, Mart.  
*Oreodoxa regia*, H. et B.  
 " *oleracea*, Mart.  
*Areca Catechu*, Linn.  
 " *rubra*, Bory.  
 " *crinita*, Mart.  
 " *Madagascariensis*, Mart.  
*Jessenia Amazonum*, Dr.  
*Arenga sacchanfera*, Labill.  
 " *obtusifolia*, Mart.  
*Caryota sobolifera*, Wall.  
 " *propinqua*, Blum.  
 " *urens*, Linn.  
 " *furfuracea*, Willd.  
 " *magestica*, Hort.  
*Calamus equestris*, Willd.  
 " *viminalis*, Willd.  
 " *Brotang*, Mart.  
*Raphia Ruffia*, Mart.  
*Borassus flabelliformis*, Linn.  
*Latania aurea*, Hort.  
 " *commersonii*, Mart.  
 " *glancophylla*, Hort.  
*Livistona chimensis*, R. Br.  
 " *filifera*, Wend.

*Sabal Adansonii*, Gaertn.

" *umbraculifera*, Mart.

" *palmetto*, Ladd.

" *Blackburneana*, Hort.

" *princeps*, Hort.

*Chamaerops Humilis*, Linn.

" *excelsa*, Thunb.

" *Fortunei*, Hook.

" *stauracantha*, Willd.

" *tomentosa*, Wend.

*Rhapis flabelliformis*, Linn.

*Phoenix daetylifera*, Linn.

" *reclinata*, Hort.

" *leonensis*, Lodd.

" *pussilla*, Gaertn.

" *sylvestris*, Roxb.

" *paludosa*, Hort.

*Elaeis Guineensis*, Linn.

*Martinezia Lindenii*, Hort.

" *disticha*, Hort.

*Bactris setosa*, Mart.

" *Glazioviana*, Drud.

" *affinis*, Mart.

" *caryotifolia*, Mart.

*Desmoneus phenacanthos*, Mart.

*Astrocaryum Ayri*, Mart.

" *tucumoides*, Drud.

*Acrocomia intumescens*, Drud.

" *sclerocarpa*, Mart.

*Diplothenium candescens*, Mart.

" *littorale*, Mart.

*Cocos nucifera*, Linn.

" *chilensis*, Moll.

" *Jatahy*, Mart.

" *capitata*, Mart.

" *eriospatha*, Mart.

" *Mikaniana*, Mart.

" *oleracea*, Mart.

" *bothyophora*, Mart.

" *coronata*, Mart.

" *Martiana*, Dr. et Gl.

Cocos Procopiana, Glaz.

Glaziova insignis, Drud.

" Martiana, Dr. et Gl.

Attalea humilis, Mart.

" Yndaya, Drud.

" speciosa, Mart.

Orbignya Lydiae, Drud.

Trithrinax acanthocomo, Drud.

" Brasiliensis, Mart.

Copernicio cerifera, Mart.

#### PANDANEAS

Pandanus utilis, Bory.

" jauicus, Hort.

" inermis, Roxb.

" Linnei, Hort.

" amaryllidifolius, L.

" cuspidatus, Hort.

" graminifolius, Linn.

" furcatus, Linn.

Carludovica pulmata, R.P.

" schizophylla, Drud.

#### AROIDEAS

Amorphophalus Rivierii, Hort.

" gigantens, Blum.

Colocasia odora, Brong.

" antiquorum, Sch.

" zebrina, Schott.

Caladium bicolor, et variet.

Philodendron cordatum, Vell.

" laciniatum, Vell.

" bipennatifidum, Lch.

" grandifolium, Lch.

" Glaziovii, Engl.

" propinquum, Sch.

" eximium, Schott.

" penduraeforme, Kunth.

" longifolium, Schott.

" Brasiliense, Engl.

Philodendron elongatum, Engl.

Dieffenbachia pieta, Schott.

" seguine, Schott.

Anthurium affine, Schott.

" tetragonum, Sch.

" trinervium, Kunth.

" coriaceum, Endl.

" Willdenovii, Kunth.

" violaceum, Schott.

Anthurium signatum, Hoch.

" longifolium, Kunth.

" Galcottianum, Hoch.

" variabile, Hoch.

" Binoti, H. rt.

" opacum, Engl.

" Harrisii, Engl.

" Olfersianum, Hoch.

" smilacium, Hoch.

#### GRAMINEAS

Gynerium argenteum, Nees.

" saccharoides, H. et B.

Bambusa arundinacca, Willd.

" Fortunei, Hort.

" stricta, Hook.

" Arunda, Nees.

" Blumeana, Sch.

\*\*\*\*\*

Extraído a partir de documento original existente no Arquivo Nacional - RJ de código REL 354.8109 AG 27 em julho de 1991.

Ana Martins  
 Ana Claudia Aymore Martins  
 (pesquisadora)

***ANEXO 5***



**CARTA ENVIADA A D. PEDRO II POR GLAZIOU  
EM 16 DE DEZEMBRO DE 1868.**

(REFERENTE AO PAISAGISMO DA QUINTA DA BOA VISTA)

Para conservar convenientemente o parque e corresponder dignamente às idéias que tive a honra de expor à Sua Majestade o Imperador, eis aqui qual seria pouco mais ou menos o pessoal necessário anualmente considerado:

Um mestre jardineiro por 100\$000 rs. mensais e residência;

Um jardineiro adjunto por 80\$000 rs. mensais e residência;

Dois feitores cada um a 60\$000 rs. mensais e residência;

Sessenta negros da Casa Imperial, sendo pelo menos 20 homens e 40 mulheres, a cada um termo médio, uma pequena gratificação de 4\$000 rs. mensais;

Um escrivão que ensinaria os pretos a ler, escrever e contar por 80\$000 rs. mensais;

Para a compra de sementes, vasos de flores, utensílios e transporte de vegetais exóticos, 50\$000 rs. mensais;

Se a este número de negros Vossa Excelência pudesse ajuntar uma certa porção de moleques de idade de 8 a 12 anos, nós criaríamos por meio deles um viveiro de jovens cultivadores inteligentes, suscetíveis de prestar um dia bons serviços à sociedade. Se, depois de ter refletido nestas coisas, suscetíveis de se prestar às exigências dos casos, Vossa Excelência julgasse conveniente dar andamento a estes projetos e julgando-me capaz de conduzi-los a bom fim, eis-me aqui com quais condições eu aceitaria o cargo:

1º) Sob o título oficial de diretor ou de intendente dos parques e jardins particulares de Sua Majestade o Imperador, eu seja chefe exclusivo do movimento pessoal que compuser minha administração;

2º) Independência completa para todas as operações de horticultura que eu julgasse a propósito aplicar ao parque, à horta e ao pomar, sem por isto sair dos limites do orçamento;

3º) Liberdade plena e inteira de trocar plantas com os estabelecimentos públicos e particulares que as tivessem preciosas ou interessantes para oferecer-vos, por esta via e com pouco gasto, porém com muita perseverança, veríamos em poucos anos as coleções da Imperial Quinta da Boa Vista elevar-se à altura das mais completas, visto que nenhum país do mundo é mais dotado de tesouros vegetais que o Brasil: todos os botânicos o sabem, e é por isso que eles se apressam a entrar em relação com ele;

4º) À Vossa Excelência diretamente será prestado trimestralmente a conta moral desta repartição, assinada por seu chefe que será o único responsável por ela.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1868 - A.F.M. Glaziou

FONTE: CASADEI, Thalita de Oliveira. Glaziou e a Imperial quinta da Boa Vista. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, nº 348, jul./set., 1985. p. 245-246.

***ANEXO 6***

## PRINCIPAIS ESPÉCIES ARBÓREAS DO CAMPO DE SANTANA

(Família, Nome Científico, Nome Vulgar e Origem)

Moraceae	<i>Artocarpus integrifolia</i> Lf	Jaqueira	Conchinchina
Moraceae	<i>Cecropia</i> sp	Embaúba	Brasil
Moraceae	<i>Ficus benghalensis</i> L	Figueira de Bengala	Índia, Malásia, Arábia
Moraceae	<i>Ficus benjamina</i> L	Figueira Benjamim	Ásia Tropical, Malásia
Moraceae	<i>Ficus canoni</i> N.E. Brown	Figueira Bronzina	Ilhas do Pacífico
Moraceae	<i>Ficus microcarpa</i> Lf	Figueira-da-Índia	Ásia Tropical
Moraceae	<i>Ficus pertusa</i> Lf	Coaxinguba	Brasil
Moraceae	<i>Ficus parcelli</i> Veitch	Figueira-da-Polinésia	Polinésia
Moraceae	<i>Ficus religiosa</i> L	Figueira dos Pagodes	Índia
Chrysobalanaceae	<i>Moquilea tomentosa</i> Benth	Oiti	Brasil
Lythraceae	<i>Gustavia augusta</i> L	Jeniparana	Brasil
Casiaromaceae	<i>Casuarina equisetifolia</i> L	Casuarina	
Bombacaceae	<i>Chorisia speciosa</i> St Hill	Paineira	Brasil
Palmae	<i>Roystonea oleoracea</i> Cook	Palmeira Imperial	Antilhas
Euphorbiaceae	<i>Hura crepitans</i> L	Assacu	Brasil
Leguminosae-Faboideae	<i>Tipuana tipu</i> O. Ktze	Tipuana	Argentina, Bolívia
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> L	Mutamba	América do Sul, Ceilão, Java
Myrtaceae	<i>Eugenia jambolana</i> Lam	Jamelão	
Palmae	<i>Caryota mitis</i> Lour	Cariota	
Rosaceae	<i>Eryobotrya japonica</i> Lindl	Nespeira	China, Japão
Palmae	<i>Chaemerops humilis</i> L	Palmeira das Vassouras	Europa
Palmae	<i>Syagrus romanzoffianum</i> (Cham Glass	Jerivá	
Palmae	<i>Rephis flabelliformis</i> L'Herit	Lady - Palm	China, Japão
Palmae	<i>Chrysalidocarpus lutescens</i> Wendl	Areca - Bambu	Ásia e Madagascar
Palmae	<i>Orbignya martiana</i> Rodr	Babaçu	Brasil
Palmae	<i>Cocos nucifera</i> L	Coqueiro-da-Bahia	
Palmae	<i>Livistona chinensis</i> R. Br	Palmeira-de-Leque	China
Palmae	<i>Latania commersonii</i> J.F. Gmel	Latânia	Ilhas Maurítia, Sey- chelles
Proteaceae	<i>Grevillea robusta</i> A. Cunn	Grevilea	
Meliaceae	<i>Guarea trichilioides</i> L	Carrapeta-Verdadeira	América do Sul

Bignoniaceae	<i>Spathodea campanulata</i> P. Beaw	Tulipeiro-da-Africa	Africa
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Cassia siamea</i> Lam	Cássia-Siamesa	Índia oriental, Malásia
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Delonix regia</i> Raf	Flamboyant	Madagascar
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Tamarindus indica</i> L	Tamarindeiro	Africa
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam	Pau-Brasil	Brasil
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Caesalpinia leiostachya</i> Ducke	Pau-Ferro	Brasil
Leguminosas- Caesalpinioideae	<i>Cassia fistula</i> L	Chuva-de-Ouro	Ásia
Gramineae	<i>Bambusa</i> sp	Bambú	México
Myrtaceae	<i>Myrtus communis</i> L	Murta-Verdadeira	Europa Mediterrânea, Ásia Ocidental, África Setentrional
Liliaceae	<i>Nolina recurvata</i> Hemsl	Nolina	México
Meliaceae	<i>Aglaia odorata</i> Lour	Aglaia	China, Conchinchina
Cycadaceae	<i>Cycas revoluta</i> Thunb	Sagu-do-Japão	Japão
Cucadaceae	<i>Ceratozamia</i> sp	Sagüeiro-da-Terra	
Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp	Eucalipto	Austrália
Araucariaceae	<i>Araucaria bidwilli</i> Hx	Araucária-da-Austrália	Austrália
Sapindaceae	<i>Sapindus saponaria</i> L	Saboneteira	América intertropical
Pandanaceae	<i>Pandanus utilis</i> L	Vacua	África
Sterculiaceae	<i>Sterculia foetida</i> L	Estercúlia	
Sterculiaceae	<i>Sterculia chicha</i> St. Hill	Chichá	Brasil
Bombacaceae	<i>Ceiba petandra</i>	Sumaúma	
Bombacaceae	<i>Adensonia digitata</i> L	Baobá	África
Musaceae	<i>Ravenala</i> <i>madagascariensis</i> Sonner	Arvores do Viajante	Madagascar
Apocynaceae	<i>Allamanda cathartica</i>	Alamanda	
Rubiaceae	<i>Ixora alba</i>	Ixora	
Bombacaceae	<i>Pachira aquatica</i> Aubl	Munguba	América do Sul
Moraceae	<i>Ficus enormis</i> Miq	Figueira-de-Pedra	Brasil

FONTE: Arquivo do Monumentos e Chafarizes.

***ANEXO 7***

**PARTE DA CORRESPONDÊNCIA MANTIDA ENTRE O PAISAGISTA  
FRANCÊS  
AUGUSTE FRANÇOIS MARIE GLAZIOU E O MINISTÉRIO DO  
IMPÉRIO POR OCASIÃO DO "AJARDINAMENTO" DO  
CAMPO DE SANTANA**

**FONTE:** Arquivo do Monumentos e Chafarizes.

Compenetrado da grandeza da obra que V. Excª acaba de confiar-me, em a estudo nesta occasião com toda a sollicitude que a imaginação do artista produz para chegar á belleza do finito. Em consequencia, eis aqui até onde tenderão minhas observações, a respeito das modificações necessarias a meo plano.

Quando eu fazia este dezenho; ha dez annos, me impuzerão a idéa dos quatro palacios, que occuparião os angulos do terreno, e onde eu de via conservar a praça para os quatro portões; estes não sendo uteis para a frequentação do jardim; eu rogo a V. Excª que me permitta a supressão delles, tanto mais que sua vigilância exigiria oito guardas, que sobrecaregarião as despesas da conservação do jardim com uma somma annual de 4:600\$000 reis pouco mais ou menos. Mais tarde, se as circunstanças futuras permittirem nesse lugar a construcção dos quatro palacios projectados, o Estado, sem difficuldade alguma poderá mandar esta belecer as entradas, que lhes forem proprias.

As quatro grandes portas, indicadas no meio das quatro faces do jardim, são perfeitamente sufficientes para a commodidade publica, é, pois, com ellas que devem guardar as principaes vistas do parque.

Por certas razões, que me julgaria feliz em explica a V. Excª, quér sobre as localidades, quer defronte das novas (1)\* que eu tive a honra de deixar ao digno Secretario de V. Excª, o Sñr. Conselheiro José Vicente Jorge, seria urgente seguir com a grade fechada (grille de clôtüre), o alinhamento actual do Campo na direcção do Oeste, isto é, do lado da Casa da Moeda.

Esta importante modificação permite conservar o jardim maior d'uma bõa duodecima parte, não desmanchar cousa alguma no extenso cordão de casas bém construidas, que se achão na parte superior dessa rua, a harmonia do conjuncto do parque tem muito tambem a ganhar nesta causa, para a qual eu desejo ardentemente a adhesão de V. Excª. Ahi os outeirinhos, rochedos artificiaes, grutas, cascatas, etc, acharão uma praça perfeitamente natural, e infinitamente preferivel áquella que as circunstanças me tinham forçado a lhes dar em meo primeiro plano.

E, pois, com a convicção de que V. Excª tem o firme proposito de dotar o paiz com uma obra séria, simples em sua grandeza, bella e duravel como a natureza que lhe servirá de modelo, ousou esperar que as explicações offerecidas serão largamente comprehendidas e adoptadas, á vista de sua importancia.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr: Conselheiro Dr. João Alfredo Corrêa de Oliveira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 7 de Janeiro de 1873.

A. Glaziou.

(1)\* = Palavra ilegível na cópia do documento.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Encarregado pelo Governo Imperial de transformar o antigo Campo de S.<sup>ta</sup>-Anna n'um Jardim paysagista, e querendo desempenhar esta tarefa com a confiança que me foi dada, venho pedir a V. Exc.<sup>ta</sup> o seu valioso apoio, afim de economisar ao Estado alguns contos de reis.

Existe na Quinta Imperial da Boa-Vista, e principalmente na parte baixa, algumas parcelas de terrenos, acompanhados de sombra d'agua, onde desejava principiar o preparo dos numerosos vegetaes de que necessitar a plantação do referido Jardim, e, como estes terrenos se achão atualmente incultos, rogo a V. Exc.<sup>ta</sup> se digne permittir-me de utilizar, nestes proximos desoito mezes, emquanto o Campo não estiver fechado, um ou outro destes lugares em favor do publico e no interesse do Governo Imperial.

Emquanto à gente, de que precisar o tratamento desses viveiros, assim como o material, está bem entendido que ficará por conta do Estado.

Deus Guarde a V. Exc.<sup>ta</sup>  
etc, etc.

A. Glaziou

Rio, 6 de Maio de 1873.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Códigos: IJ2<sup>o</sup>74 e IJ2<sup>o</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Avº. ao M. da Agr. pº o fim indicado. C. ao Snr. Glaziou por offº da Secret., em que se lhe perguntará qual a somma que lhe é necessaria para occorrer ao pagamento das ferias de 15 em 15 dias.

Achando-me prompto a principiar a preparação dos vegetaes para ajudar á plantação do parque da Acclamação, venho pedir á V. Excª o obsequio de interceder por mim ao Exc.<sup>mo</sup> Snr. Ministro da Agricultura o favor de dar as suas ordens ás pessoas encarregadas da conservação das florestas da Tijuca e do Corcovado, assim como de outros lugares pertencentes ao Estado, afim de que me concedão mudas e sementes das arvores que tivêrem disponiveis, e que em nada prejudiquem ás suas culturas, a tal respeito, e depois do Aviso, me entenderei directamente com os interessados.

Peço tambem á V. Excª que se digne providenciar de forma que se effectue o pagamento das ferias, que remetterei ao Ministerio quinze em quinze dias, e isto, não havendo ordens em contrario, a data de Agosto proximo.

Cêrca de cem braças de cantaria para o parapeito estão promptas, e espero que pelo fim do corrente mez se dará começo ao asse<sup>1\*</sup>tamento d'ella, e que então não deixará de proseguir; logo que estas pedras sejam collocadas na parte sudoeste do Campo começarei os trabalhos do interior do parque pelos rochedos, e pela excavação da lagoinha conjuncta.

Deus Guarde a V. Excª

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 8 de Julho de 1873.

A. Glaziou.

(1)\* = Letra apagada na cópia do documento.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr.

A quantia de quatro centos mil reis (R<sup>s</sup> 400\$000) de 15 em 15 dias será, por ora, sufficiente para fazer o pagamento das férias, ou de oito cento mil reis mensaes, que servirão para effectuar os duos pagamentos do mez, e assim V. Exc<sup>a</sup> me economisaria a metade do tempo que se perde quasi sempre no Thezouro á espera de dinheiro.

A fim de evitar atrazos e de dar confiança á antiga casa Barbezat et C.<sup>ia</sup>, Maitres de forges, boulevard du Prince-Eugene, 58, a Paris, a quem peço alguns objectos, como amostras de ferro fundido para o Jardim publico do Campo da Acclamação, rogo á V. Exc<sup>a</sup> o favor de enviar ao Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Barão de Itajubá, ou a qualquer outro representante do Imperio do Brasil, em Paris, a quantia de duos contos de reis (R<sup>s</sup> 2:000\$000). O remettente deverá, qualquer que elle seja, justificar por minhas proprias cartas e por suas facturas as remessas que elle nos dirigir.

Deus Guarde a V. Exc<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro José Vicente Jorge, Dignissimo  
Director Geral da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 21 de Julho de 1873.

A. Glaziou.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñ.

O empreiteiro Joaquim da Silva Paranhos tendo feito, na parte Sud-Oeste do Campo da Acclamação, e de conformidade com o seu contracto, 218 braças de parapeito de cantaria, assinei hontem a conta de vinte-nove contos e quatro centos e trinta mil reis (R<sup>s</sup>/: 29:430\$000), que elle remetterá à Secretaria do Imperio.

Informando-me ultimamente no Thezouro Nacional, a respeito dos ordenados que o Ministerio do Imperio concedeu-me para a administração do aformoseamento do Campo da Acclamação, foi-me respondido que o Thezouro não podia effectuar esse pagamento, sem possuir prèviamente copia do contracto, a que se refere V. Excã em seu officio de 26 de Julho proximo passado.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro José Vicente Jorge,  
Director Geral interino da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1873.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Av. em 20 de 10bro de 1873

As amostras do gradil, destinado a fechar o Parque da Acclamação, chegarão ao Rio de Janeiro pelo vapor "San Martin" do Havre; em consequencia do que venho pedir a V. Exc<sup>ca</sup> o obsequio de dar as providencias necessarias, para que estes objectos, e todos os que yiérem para o Jardim do Campo da Acclamação, possam sahir da Alfandega livres de direitos, e com a maior brevidade possivel.

O estado actual do parapeito de cantaria, principalmente do lado do Senado, me permite de começar algumas obras d'arte no interior do terreno; por esta razão, peço a V. Exc<sup>ca</sup> o favor de levantar o meu crédito no Thezouro Nacional a cinco contos de reis mensaes (R.<sup>s</sup> 5:000\$000): n'essá quantia comprehendo o conto de reis mensal que V. Exc<sup>ca</sup> já autorizou o adiantamento.

Ha pouco tempo os administradores das florestas da Tijuca e do Corcovado não tinham recebido ordens algumas, para me entregar mudas e sementes, conforme o pedido, que tive a honra de submitter a V. Exc<sup>ca</sup>, em data de 8 de Julho proximo passado: o S<sup>ñr.</sup> F.J. Fialho recebeu só comunicação a este respeito.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ca</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> S<sup>ñr.</sup> Conselheiro Doutor João Alfredo Corrêa de Oliveira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 20 de Dezembro de 1873.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr.

Expeçam-se as ordens

3 de Março

Av.<sup>os</sup> no M. da Fazenda,  
ao Barão de Nioac e ao  
Dr. Glaziou em 4-3-74

As elevadas occupações do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro do Imperio privarão-me de sua apreciação sobre o modelo do gradil, para o Jardim do Campo da Acclamação, que recebi, livre de direitos, da Alfandega, no dia 14 deste mez, e que me foi enviado pela antiga casa de Barbezat, boulevard du Prince Eugène, nº 58, em Paris. Por meu lado estou contente com o material e com a bôa execução: o gradil é forte e imponente em sua simplicidade, caracteres que se harmonizam com o parapeito de cantaria, sobre o qual elle deve se assentar.

Segundo os meus calculos, este gradil, portas, accessorios, enfar-damento e transporte, até a capital do Brasil, custará ao Estado a quantia de oitenta contos de reis (ao maximum) 80:000\$000 rs. O preço do ferro de arte fundido, na casa Barbezat, trabalho perfeito e conforme aos meos desenhos, é de duzentos e quarenta reis o kilograma (240 rs.) nas fundicoes do Rio de Janeiro, elle seria, termo médio, de quinhentos reis o kilograma (500 rs), e o todo, é preciso confessar, deixaria muitissimo a desejar, não só na belleza do accabado, como tambem no grande tempo para a sua execução.

Por consequencia, peço á V. Exc<sup>a</sup> que se digne interceder por mim junto do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro do Imperio, as ordens convenientes a respeito do dinheiro necessario ao Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Barão de Nioac, em Paris, para effectuar os pagamentos relativos ao gradil do Jardim do Campo da Acclamação, que desejava encommendar, o mais depressa possivel, á casa Barbezat, conforme ás ordens que espero receber brevemente do Governo Imperial.

Deus Guarde á V. Exc<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro José Vicente Jorge,  
Director Geral interino da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 28 de Fevereiro de 1874

A. Glaziou

P.S. O incompleto da copia da carta do Rio de Janeiro, que recebi a 26 do corrente, obriga-me ainda a pedir á V. Exc<sup>ta</sup> que requeira, só por alguns dias, ao Ministerio da Fazenda a Planta cadastral d'esta cidade, que me serviria perfeitamente para pôr em claro o projecto de boulevard entre o Anda rahy Grande e a Alfandega da Côrte.

A. Glaziou .

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministerio do Imperio.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

O empreiteiro Joaquim da Silva Paranhos tendo terminado, na parte Noroeste do Campo da Acclamação, e de conformidade com seu contracto, 211 braças de parapeito de cantaria, assignei hontem à conta de vinte e oito contos-quatro centos-oitenta e cinco mil reis. (Rs/. 28:485\$000), que elle remetterá à Secretaria do Imperio.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Doutor Fausto Augusto de Aguiar,  
Director Geral da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 12 de Março de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Rio de Janeiro, le 14 mars 1874.

Monsieur Fourment,

En date du 4 courant, par une dépêche du Ministère de l'impere, je suis autorisé à vous demander la grille et le pilastre A, dont vous avez en la bonté de m'envoyer les modèles.

Dès la reception de ce pli, je vous serai très obligé de faire mettre en main cet important travail, et même de le presser avec toute la force possible.

Tout le corps de la grille n'exige aucune modification de dessin, mais j'aimes vivement à ce qu'il vous soit possible de donner aux barreaux 1 millimètre de diamètre environ de plus que ce qu'il ont déjà; comptez un pilastre A pour chaque 3 travéis, et une jambe de force, bien entendu, pour chacune de celles-ci. La pointe du motif qui couronne la jambe a besoin d'être allongé d'un centimetre à pen près, c'este-à-dire, jusqu'a qu'elle atteigne exactement la nanteur des lances.

Les quatre coins du jardin exigent 66 mètres de grille courbés sur un rayon de 9<sup>m</sup> 50 cent.

Aussitôt que vous aurez 40 à 60 través de prêtes, compris les pilastres et les jambes de force je vous prie de nous les expédier par la voie du Hâvre, ou par celle de Bordeaux si toutefois celle-ci était moins chère que cele du Hâvre

Ayez aussi, par votre prochaine lettre, l'obligeance de m'indiquer positivement le temps qu'il vous faudra pour exécuter cette commande, et voyez à ce qu'il soit aussi court, aussi court que possible!

M<sup>r</sup> le baron de Nioac, a Paris, est chargé par le Ministre de l'impere, M<sup>r</sup> Corrêa de Oliveira, de vous faire le payement de la Grille au fer et à mesure que vous en ferez l'expédition, que je vous prie, encore, de hâter à tout vitesse!

Quant aux armes du Brésil, parfaitement anclavés dans votre pilastre A, il faudrait les retoucher un peu, et principalement dans la fructification de la branche de caféier et dans l'inflorescence du babac: c'est pour ces raison que le me permets de vous offrir l'esquisse inclus<sup>(1)</sup>\* qui vous quidera pour le tout, même jusqu'au nombre des étoiles à représenter dans le cercle qui entore la sère. Pour les dessus de portes, si ce même dessin ne vous etait pas suffisant, je vous adresserai les même armes en relief et proportionnés à leur fim.

La parte N<sup>o</sup> 22, Planche 448, conviendrait si vous pouvez la vendre

sur une largeur de 3<sup>m</sup>. 20<sup>c</sup> à 3<sup>m</sup>. 30<sup>c</sup>: voyez, sil vous plaît, à me renseigner au plus vite sur ce sujet, et par le retour du courvior s'il est possible, en accompagnant votre réponse d'un croquis exactemete coté! Il me fonda 4 partes sous pilastres de fer ceux-ci étant en granit du pays. Les sevils des portes peuvent s'élever ou s'abaisser de 070<sup>c</sup> à 090<sup>c</sup>, selon la combinaison que vous appliquerez au tablier des ventaux si par hasard vous aviez besoin de le retoucher.

Pour tout cette grand affair, je n'ai seule condition a vous poser, et je pense que vous l'accepterez, la voici: toutes les pièces imparfaites ou viciées par causi de fondition, je me reserve expressément la faculté de les refuser et de vous les retourner au besoin.

Confiant dans votre bonne foi, et croyant a la célérité de votre response, je vous prie, Monsier Fourment, d'agrées de mes sentiments les plus distingues.

A. Glaziou.

P.S. Lorsque vous commencerez a nous expédier la grilles il ne faut pas envoyer les travéis monté <sup>(1)2\*</sup>. Ajustez bien tous les pièces que conti tuent chaque travéis, et sortez en suit tous barreaux des traverses ho rizontales, en ayant soin de faire numérotér le tout. Les jambes des forces peuvent aussi venir dans des caisses separés, les pilastres idem e traits pour le montag <sup>(1)3\*</sup> et la peinture de la même manière que ceux que vous m'avez déjà envoyés: n'expediez aucune pièce viciér.

A. Glaziou.

- (1)1\* = Final da palavra ilegível na cópia do documento.
- (1)2\* = Final da palavra ilegível na cópia do documento.
- (1)3\* = Final da palavra ilegível na cópia do documento.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Remettendo a V. Exc<sup>ta</sup> copia da carta, que escrevi, no dia 14 de Março ultimo, ao S<sup>nr</sup>. J. Fourment, e a que anteriormente recebi d'ello, espero que V. Exc<sup>ta</sup> achará n'estes escriptos as bases convenientes para assegurar ao Ministerio do Imperio a perfeita execução do gradil destinado a fechar o Campo da Acclamação, e sem compromisso algum para os cofres do Estado, visto que as remessas não serão completamente pagas senão depois de sua chegada ao Rio de Janeiro, na conformidade entendia.

A este respeito, devo ainda dizer a V. Exc<sup>ta</sup> que o estabelecimento, ao qual nos dirigimos para fazer este importante trabalho, é o mais solavel que existe em seu genro, e que sempre, desde sua fundação, em 1833, tem satisfeito os deveres da honra commercial e do progresso artistico.

Eis o que tomo a liberdade de submeter à V. Exc<sup>ta</sup>, afim de facilitar o desempenho d'este negocio ao Exc.<sup>mo</sup> S<sup>nr</sup> Barão de Nioac, e como complemento, dado pelo Governo, à minha carta de encomenda ao S<sup>nr</sup> Fourment, em Paris:

" À chegada das remessas do gradil para o jardim da Acclamação,  
" serão ellas examinadas, e, achando-se conforme o modelo já recebido,  
" bido, assim como nas condições requeridas por Glaziou, em sua  
" carta de 14 de Marco ultimo, o Governo Imperial do Brasil pagará,  
" rá, por seu intermedio, o Exc.<sup>mo</sup> Sr Barão de Nioac, ao  
" S<sup>nr</sup> Fourment, representante da-Société Anonyme des hauts fourneaux  
" at fondieur du Val d'Osne-(antiga casa Barbezat), o valor de cada  
" da uma das porções de gradil enviado ao Rio de Janeiro: o gradil  
" e os contrafortes (jambes de force) à razão de sessenta Francos  
" (Frs 60) os cem kilogrammos, e as pilastras na razão de setenta  
" francos (Frs 70) os cem kilogrammos. Como a mesma Sociedade  
" imcumbe-se tambem do encaixotamento, e de pagar o transporte do  
" gradil até o Rio de Janeiro, poderá ella receber, na occasião da  
" entrega das contas ao Exc.<sup>mo</sup> S<sup>nr</sup> Barão de Nioac, até metade da  
" importancia total da cada uma das remessas, e o resto logo depois  
" da verificação feita n'esta Côrte.

Deus Guarde à V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar, Director  
Geral da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 18 de Abril de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

O empreiteiro Joaquim da Silva Paranhos tendo terminado, na parte Este do Campo da Acclamação, e de conformide com o seu contracto, 122 braças de parapeito de cantaria, assignei hoje a conta de desesais com tos quatro centos e setenta mil reis (Rs/. 16:470\$000), que elle remet terá à Secretaria do Imperio.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar,  
Director Geral da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Riô de Janeiro, em 9 de Junho de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Na qualidade de Administrador do Theatro Lyrico Fluminense, por parte da Direcção do mesmo theatro, tenho a honra de expor a V. Exã, o seguinte.

No ano de 1852 para 1853 quando se construiu o theatro lyrico, foi concedido pelo ministerio dos negocios do imperio, uma pena d'agua para serventia exclusiva deste theatro, regalia esta, que se gozou athe ao mes de Julho proximo passado; acontece agora que, com as obras para o não ajardinamento do Campo d'Acclamação, se fizesse um novo encanamento geral por fora da muralha de Cantaria que se está fazendo, se arrancassem todos os canos antigos, que em diversos sentidos cruzarão o referido campo, dos quaes se tirava a agua necessaria para as Caixas de deposito, e preservação de qualquer incendio, fornecendo assim não só as necessidades do theatro, como tambem o Serviço da Imperial Tribuna, nos dias em que S.S.M.M.I.I. se dignão honrar os Espetaculos, que além dos dias ordenarios, a Empresa tem pelo seo Contracto com o Governo Imperial, de festejar todos os dias de gala, e festa nacional.

Com a supressão, e falta da agua suprida pelo fornecimento, que acaba de extinguir-se, fica o theatro lyrico, e todas as suas dependências, privado do grande e indispençavel auxilio, que o Governo Imperial tão sabiamente lhe conceder.

Sendo este theatro um proprio nacional, que pela sua qualidade de Construção está muito arriscado a qualquer sinistro de fogo, parece a boa rasão mostrar, que deve haver sempre um deposito de agua nas caixas existentes, a fim de impedir promptamente qualquer incendio. que por infelicidade possa haver.

À vista do que acabo de expor a V. Exã, a Direcção do theatro Lyrico, espera da reconhecida bondade de V. Exã, se digne attende-la e providenciar como julgar de justiça, a fim de que o referido theatro entre de novo no gozo de que foi privado.

Deus Guarde a V. Exã

Theatro Lyrico Fluminense 20 de Agosto de 1874.

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Senr.<sup>o</sup> Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira.  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

José Maria do Nascimento.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

A questão, de que se trata José Maria do Nascimento, cujo officio devolvo a V. Excã, compete a Inspectoria das Obras Publicas, pela qual supprimio-se os encanamentos d'agua que se achavam no terreno destinado ao novo jardim do Campo da Acclamação, sem cuidar de que erão necessarios ao Theatro Lyrico, ao menos enquanto este edificio provisorio se achar em poder de inquilinos do Governo Imperial.

A respeito d'este Theatro, aproveito a ocasião para dizer a V. Excã que o parapeito de cantaria se concluirá nos primeiros dias do proximo mez de Outubro, e que, no principio de Novembro, tenciono começar o assentamento do gradil, e tratar immediatamente, com toda a força possivel, dos trabalhos internos do parque.

Por conseguinte, peço a V. Excã o obsequio de pôr à minha disposição, o mais tarde em Janeiro de 1875, a demolição d'este Theatro, cujo material, convenientemente aproveitado em favor das obras do ajardina<sup>mento</sup>, economizaria ao Estado, pelo menos, de quarenta a cinquenta contos de reis.

Deus Guarde à V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Doutor João Alfredo Corrêa de Cliveira, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 4 de Setembro de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Elcy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



O empreiteiro Joaquim da Silva Paranhos tendo terminado, na parte Este do Campo da Acclamação, e de conformidade com o seu contracto, 140 braças de parapeito de cantaria, assignei hoje a conta de dezoito contos novecentos mil reis (Rs/. 18:900\$000), que elle remeterá á Secretaria do Ministerio do Imperio.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Doutor Fausto Augusto de Aguiar, Dignissimo Director Geral da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 14 de Outubro de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr.

Pela reproducção photographica da planta do jardim, adaptado pelo Governo Imperial, para o Campo da Acclamação, V. Exc<sup>ta</sup> podera ver que as suas ordens de 18 do corrente mez, relativas ao pedido do S<sup>ñr</sup> Francisco Caminhoa d'um lugar susceptivel de receber o seu projectado monumento patriotico, foram bem comprehendidas na composição deste grande jardim paisagista. O espaço central, que tem de extensão cerca de oitenta metros (364 palmos) de largura sobre cento e vinte (546 palmos) de comprimento, já foi reservado, no meu primeiro desenho de 1862, para um chafariz modelo, que os membros da Ill.<sup>ma</sup> Camara Municipal n'esse tempo que rião pôr neste largo, que marquei na photographia com um asterisco(\*).

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> S<sup>ñr</sup>. Visconde do Rio-Branco, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, e interino aos do Imperio.

Rio de Janeiro, em 21 de Novembro de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80. - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Pelo paquete inglez. - Memnon - chegou uma segunda remessa de 167 caixas de gradis para o Jardim do Campo da Acclamação; peço á V. Excã o favor de dar as providencias necessarias, afim de que ellas saiam da Alfandega livre de direitos.

O desejo de evitar os actos de depredação, ás vezes praticados pe los vagabundos, obriga-me a pedir á V. Excã que se digne requerer do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Chefe de Policia da Corte uma severa e assidua vigilancia nocturna sobre o material do gradil, que vai se achar distribuido, para o seu assentamento, na parte Norte do Campo da Acclamação.

V. Excã, julgando esta medida conveniente, poderei entender-me directamente com os Guardas incumbidos d'este util serviço, ajudal-os com a minha gente, e vigiar mesmo a fiscalisação.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar,  
Director da 1ª Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1874.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Assegurei-me de que existem no trapiche da Gambôa, e no melhor estado possível, 167 caixas de gradis, etc trazidas do Havre pelo paquete inglês - Memnon -; além disso, pelos documentos inclusos, e que peço a V. Exc<sup>ta</sup> o obsequio de devolver-me, verá que o numero de 167 é exacto, e que o referido algarismo de 159 não é outra coisa senão um lapsus pen na do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Visconde de Nioac.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar,  
Dignissimo Director da 1<sup>a</sup> Directoria da Secretária d'Estado dos  
Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 17 de Dezembro de 1874.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

A 15 do corrente mez assignei ao empreiteiro Joaquim da Silva Paramhos, uma nota de dous contos seis centos e oitenta e quatro mil oitocentos e treze reis (2:684\$813), quantia proporcional ao fornecimento de 19 braças-8 palmos e 7 pollegadas de parapeito e de grandes soleiras para o Jardim do Campo da Acclamação.

É com vivo prazer que participo á V. Exc<sup>ã</sup> que o trabalho de cantaria, para o gradil, se acha concluido por esta conta; o seu orçamento foi de 132:000\$000 rs, e seu custo ao Estado foi de 95:969\$813 réis, deixando, por conseguinte, á V. Exc<sup>ã</sup> uma economia de 36:000\$000 rs. a obra, entretanto, attingio a maior perfeição que me foi possível dar-lhe.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ã</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 17 de fevereiro de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Em poucos dias o terreno do Campo da Acclamação, destinado ao jardim, se achará completamente cercado, e, querendo principiari já, com a maior força e actividade possiveis, os trabalhos relativos ao movimento da terra, venho pedir à V. Excã o favor de requerer á Directoria da Estrada de Ferro de D. Pedro 29, emprestados, pelo menos, 200 trilhos velhos de Barlaw -, 60 de - Vignol -, igualmente velhos, e 5 pequenos wações de aterro.

Independentemente d'este material, desejava ainda que V. Excã me facilitasse uma entrevista pessoal com o Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Director da Estrada de Ferro de D. Pedro 29, que teria por fim obter mais alguns pedaços de ferro velho e rejeitado (au rebut) pelos engenheiros, e que se acham em tão grande quantidade na visinhança da Estação do Campo. Uma pequena parte d'este residuo, inutilisado, economisaria ao Estado alguns contos de reis nas construcções rusticas do Jardim do Campo da Acclamação, que devem ser feitas de cimento, tijollo e ferro.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar,  
Director da 1ª Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 10 de Maio de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Acaba de chegar ao Rio de Janeiro pelo paquete francez - Rivadavia - do Havre, 7 caixas, contendo as ultimas peças que me faltavão para concluir os gradis do Campo da Acclamação. O desejo de terminar esta importante parte da obra, obriga-me a pedir a V. Exc<sup>ta</sup> que se digne, com a maior urgencia, expedir as ordens necessarias para a sahida d'estas caixas, livres de direitos e de expediente, da Alfandega da Côrte; igual favor peço tambem à V. Exc<sup>ta</sup> para 13 caixas vindas no vapor Kepler; idem no vapor Rubens, 9 caixas, e no vapor Humbolt 8 caixas.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira,  
Director interino da 1<sup>a</sup> Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 10 de Maio de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Em resposta ao officio nº 601, de 24 do corrente mez, tenho a honra de declarar a V. Exc.<sup>a</sup> que, neste primeiro anno, as obras do ajardinamento, a meu cargo, no Campo da Acclamação, estão longe de precisar tão avultada quantidade de cimente, de mais, este material, não sendo empregado fresco, perde consideravelmente sua faculdade de crystallisação, e, por conseguinte, sem valor nos trabalhos em que elle é empregado. Mais de 200 a 300 barricas seriam superfluas, e ainda é preciso contar com cimento são, não falsificado, nem avariado pela humidade, como acontece muitas vezes, O Sñr Passos Junior, que ja forneceu algum cimento para o campo, sabe perfeitamente quaes são as condições alli exigidas.

Deus Guarde á V. Exc.<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr Doutor Manoel Jesuino Ferreiro, Director Interino da 1.<sup>a</sup> Diretoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 29 de Maio de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Afim de evitar depredações, que se vão commettendo pela venda, mui facil, do madeiramento empregado na construcção do Theatro Lyrico Fluminense, venho respeitosamente pedir á V. Excã, com a maior instancia, que se digne providenciar contra estes abusos. Dá-se por bagatella mate rias, que o Estado, na falta delles; terá de comprar por preços elevados; demais, o desmancho do corpo do Theatro, uma vez privado do grosso de suas madeiras, tornará difficil, perigoso e dispendiosissimo, porque será preciso fazer andaimes especiaes, e sempre á custa de dinheiro, em lugar do que se vai destruindo antes do tempo conveniente. Si V. Excã me conceder alguma confiança, como o creio, peço-lhe a auctorisação de mostrar, quanto-antes, ao Encarregado da venda destes objectos, o que se deve positivamente reservar, por causa de economia na execução da importante obra, que queria seguir com boa fé, ordem e dignidade.

Participo ainda á V. Excã que o terreno do Campo será completamente cercado pelos dias 15 á 20 d'este mez; antão, V. Excã me permittindo, fecharei as portas, tomarei exclusivamente conta do referido Theatro, e principiarei, com toda a energia e recursos possiveis os trabalhos da terra para o jardim propriamente dito, mas confessa á V. Excã que, sem estas ordens severamente dadas, nenhum adiantamento poderei fazer, e ver-me-hei submettido ao desgosto.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em o 19 de Junho de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Na ausencia de resposta ao officio que tive a honra de dirigir à V. Excã, em data de 2 do corrente, tomo ainda a liberdade de participar à V. Excã que a collocação do gradil, para o jardim do Campo da Acclamação se acha concluido, desde o dia 12; em consequencia, peço a V. Excã o seguinte:

- 1º Faculdade de fechar as portas; de me servir, para as obras do material do Theatro Lyrico, e de principiar o movimento da terra.
- 2º Ordens à Companhia do Gas para supprimir todas as columnas e lampeões que se achão cercados pelo gradil.
- 3º Uma verba de desesseis contos de réis (16:000\$000rs) mensaes, para o proximo exercicio de 1875 a 1876, em lugar da de doze, que recebo actualmente no Thezouro Nacional.

Graças às promptas communicações de V. Excã ao Encarregado da Venda dos accessorios do Theatro, foi benevolmente reservado tudo o que offerece utilidade para o serviço que V. Excã dignou confiar-me, e que tenho a esperanza de terminar convenientemente.

Deus Guarde à V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira,  
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 19 de Junho de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

O Theatro Lyrico fica completamente desembaraçado no dia 30 do corr.<sup>e</sup> mez.

Ainda não tive ordem para entregar as chaves a quem quèr que seja, e parece-me de toda a conveniencia, qualquer que seja o destino que se dê ao mesmo Theatro, que um engenheiro vá examinal-o e diga q.<sup>to</sup> vale no estado em que se acha.

Cumprindo as ordens de S. Ex.<sup>a</sup> deixei de vender muita cousa que foi reservada pelo D.<sup>or</sup> Glaziou como necessaria ao ajardinamento do Campo d'Acclamação-

Aguardo pois as ordens de S. Ex.<sup>cia</sup> tendentes a entrega do Theatro.

Em 23 de Junho de 1875.

Artidôro Pinheiro.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Ha cêrca de dous mezes chegarão às minhas mãos os ultimos caixas de gradis para o Jardim do Campo da Acclamação, fornecidos ao Governo Imperial do Brasil pela-Société Anonyme des Haut Fourneaus ete Fonderies du Val d'Osne-, em Paris (antiga Casa Barbezat); por conseguinte, peço à V. Excã respeitosa<sup>mente</sup> se digne communicar ao Exc.<sup>mo</sup> Sñr Visconde de Nioac as ordens necessarias para concluir os pagamentos relativos a estes objectos, visto que tudo chegou em bom estado, e conforme às condições do contracto.

O total d'estas ultimas seis remessas é de 59.281<sup>F</sup>.85 cent. O penultimo pagamento, se já tiver sido feito, foi de 47.647<sup>F</sup>.60 cent. O primeiro pagamento, já effectuado, foi de 96.410<sup>F</sup>.40 cent. O custo da Amostra do gradil, tambem já pago, foi de 725<sup>F</sup>.60 cent.

Total do custo e transporte dos gradis até a Alfandega do Rio de Janeiro-204,065 Francos e 45 centimos.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar, Director da 1ª Directoria da Secretaria d'Estado dos Negócios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 30 de Julho de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Segundo as ordens de V. Excã fechei, a 9 do corrente, os portões do Campo da Acclamação, e immediatamente principiei o risco do jardim, afim de dar comêço, quanto antes, aos movimentos da terra.

As chaves que incluso tomo a liberdade de enviar à V. Excã, são proprias ao portão da Rua do Hospicio, e ao da Rua do Areal, por onde V. Excã poderá visitar, independentemente e à sua vontade, as obras que tenho a honra de administrar para o Governo Imperial.

A necessidade dos materiaes existentes no cõrpo de ex Theatro Lyrico, obriga-me a reiterar à V. Excã o meu pedido a este respeito, que tem por fim economia racional, e actividade no andamento do trabalho.

Deus Guarde à V. Excã.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Senador José Bento da Cunha Figueiredo,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 14 de Agôsto de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Prestação de 100:000\$000 a que se obrigou o Ministério da Agricultura para as referidas obras durante os exercicios em que ellas duras sem.

Todos sabem que os ajardinamentos e aformozeamentos das praças publicas pertencem ás Camaras Municipaes.

A salubridade e a moralidade publica pediam instantemente e ha muitos annos estes melhoramentos para o Campo d'Acclamação, no coração da Cidade; e no entanto continuva, aos olhos de nacionaes e estrangeiros, aquelle logar, em cuja circumferencia se acham diversas Repartições do Estado, entre ellas o Paço do Senado, a ser o receptaculo de toda a sorte de despejos, foco de miasmas e de immoralidades:

Todas as vezes que se fallava, já não no embellezamento, mas simplesmente na limpeza do Campo, a Ill.<sup>ma</sup> Camara M.<sup>al</sup> com a coragem que só ella sabe ter, declamava que os seus rendimentos eram insufficientes para ocorrer a outros serviços urgentes do municipio, e que assim não podia attender a este, que entretanto considerava tambem urgente.

Volumoso livro darião os artigos que a imprensa diaria tem publica do até hoje sobre o abandono do Campo d'Acclamação, se algum curioso se desse ao trabalho de colleccional-os.

Foi naturalmente, quero acreditar, tendo em vista as considerações acima expostas que, não o Ministerio do Imperio ou o d'Agricultura isoladamente, mas sim o Governo Imperial, resolveu chamar a si este serviço; e com mais algum sacrificio, é certo, em vez de um simples embellezamento, assentou que se faria d'aquella praça um parque, digno da Capital do Imperio e recreio de seus habitantes e dos estrangeiros que a ella aportassem.

Resolvido pois o negocio, devia um, ou mais Ministerios, incumbir-se de realizar o melhoramento, e estes foram o do Imperio, por ser de sua competencia a salubridade publica e as Municipalidades, e o d'Agricultura por ser tratar de um parque, que requer arborização, agua e illumination, que lhe são dependentes.

Existiam planos, plantas e orçamentos já apresentados á Ill.<sup>ma</sup> Camara.

O Governo aceitou estes trabalhos, e com certas modificações e condições para restringir o mais possivel as despesas o Ministerio do Imperio encarregou, por administração, o D.<sup>r</sup> Glaziou, Director do Passeio Publico, e homem de reconhecida proficiencia nesta materia, da execução dos mesmos trabalhos.

O d'Agricultura, como se vê dos inclusos Avisos de 20 de dezembro

para as obras, com a quantia de 100:000\$000, em quanto durassem as mes 235  
mas obras e não fossem pelo Poder Legislativo cerceados os recursos com  
que o tem annualmente dotado para occorrer aos serviços em bem do Muni  
cipio.

Até hoje não foram cerceados pelo Poder Legislativos aquelles re  
cursos.

Assim pois, está de pé a promessa, porque não posso concordar que  
se queira dar um character individual aos accordo dos Sur.<sup>s</sup> Ministros do  
Imperio e d'Agricultura: entretanto a se tratar desta questão será de  
direito a constituir e não de direito constituído, com relação ao facto  
de que vou tratar, pertencente á administração do antecessor do actual  
Snr. Ministro d'Agricultura.

Em Julho ultimo, tendo entrado o novo exercicio de 1875-76 e veri  
ficando-se que o Ministerio d'Agricultura ainda não havia expedido ao  
Thesouro Nacional ordem alguma para que fosse posto naquella Repartição  
á disposição do Ministério do Imperio o respectivo auxilio para as des  
pezas feitas no exercicio que acabava de findar de 1874-75, foi-lhe di  
rigido o Aviso junto por cópia, lembrando -se a expedição d'aquella  
ordem.

Respondendo a este Aviso declara seccamente o dito Ministerio no  
Aviso que está incluso de 12 do corrente mez, que não dispondo de meios  
que lhe permittam contribuir annualmente com a quantia de 100:000\$000  
para o ajardinamento do Campo, não pôde ser satisfeita a requisição de  
S. Ex.<sup>a</sup> o Snr Ministro do Imperio.

Me parece que a Secretaria daquelle Ministerio não informou devida  
mente o Sr. Ministro da Agricultura, quando foi alli reccebida a requisi  
ção do Ministerio do Imperio, porque neste caso a resposta seria neces  
sariamente outra.

Se o Ministerio do Imperio tivesse requisitado o auxilio relativa  
mente ao novo exercicio de 1875-76, quando começou a administração do  
actual Sr. Ministro d'Agricultura, poder-se-ia comprehender a resposta;  
porque ficava evidente que aquelle Ministerio collocava a questão no  
terreno de direito a constituir, e negava-se por sua parte a concorrer  
para tal melhoramento, desfazendo assim o que tinha sido feito pelo seu  
antecessor.

Mas, tratando-se de acto relativo á administração passada, quando  
as ordens deverião ter sido expedidas ha muito tempo, e que não foram  
certamente por esquecimento da Secretaria, e assim de um direito consti  
tuído, não me é possivel comprehender o mesmo Aviso.

Bastava que o Ministerio d'Agricultura attendesse a que as despe  
zas foram todas feitas pelo do Imperio na presumpção de que aquellas or  
dens já tinham sido expedidas. Não deviamos empregados da sua Secreta

Me parece portanto que o Ministerio do Imperio não pôde deixar de insistir na expedição das ordens de que tratou no Aviso de 8 de Julho, porque o não cumprimento da promessa importa um onus de 100:000\$000 mais nas despesas da verba "Obras" do exercicio de 1874-75, o que não se tinha previsto nem era possível prever, e cuja negação não assenta em principio algum de direito.

Si se aceitar a doutrina ora apresentada pelo Ministerio d'Agricultura, a contar, porém, do presente exercicio de 1875-76 em diante, é de meu dever informar a S. Ex<sup>a</sup> o Sr. Ministro que o Ministerio do Imperio não tem recursos para occorrer por si só ás despesas com o ajardinamento do Campo, tendo em vista o projecto adoptado e prazo fixado para a sua conclusão dentro de 5 exercicios, a menos que não se queira que as obras fiquem concluidas d'aqui a 10 annos.

O unico recurso que restará, no caso de entender S. Ex<sup>a</sup> que alguma coisa se deva fazer, é modificar todo o projecto, isto é, em vez de Parque, limitar as obras ao aterro e arborização do Campo, a não deixar como se acha.

O peor é que ha obras começadas allí que não podem deixar de continuar nem ficar como se acham, sendo portanto de necessidade arrazal-las; o que não é admissivel.

3<sup>a</sup> Direct<sup>a</sup> em 19 de Agt<sup>o</sup> 1875

Midosi.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e JJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Devolvendo á V. Exc<sup>ã</sup> a proposta de Theodoro Augusto Pamplona, cabe-me a honra de informar o seguinte:

A planta, que foi approvado pelo Governo Imperial, para o ajardinamento do Campo da Acclamação, não pode admittir construcções alheias ao character architectural que presidio á sua composição. No angulo da Rua do Conde d'Eu, ao lado do Musêu Nacional, assim como n angulo da rua de S. Pedro, perto da Estação Central da Estrada de ferro de D. Pedro 2<sup>o</sup>, V. Exc<sup>ã</sup> pode ver, na planta geral do jardim, dous lugares espaçosos, destinados a dous cafês, que o Estado tenciona construir, conforme á planta, e alugar a quem o julgar conveniente. Estes estabelecimentos se são subordinados ao regulamento policial do jardim, que, indubitavelmente, não será aberto, dia e noite, senão até uma certa hora. Os bailes populares, com os jogos de quebra frascos, são pouco apropriados, moralmente, aos jardins pertencentes ao Governo, e conservados por elle, em favor do povo, e onde as familias sisudas gostão de passear livremente.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ã</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Doutor Manoel Jesuino Ferreira,  
Director interino da 1<sup>a</sup> Directoria da Secretaria d'Estado dos Ne  
gocios do Império.

Rio de Janeiro, em 31 de Agosto de 1875.

A. Glaziou.

Theodoro Augusto Pamplona propõe-se por si ou por meio de uma companhia:

1º A edificar um espaçoso e elegante predio no quadro arborizado do Campo d'Acclamação, no centro da face paralela ao quarteirão do seguimento da Rua do Conde d'Eu, ou no angulo' em frente à estação central da Estrada de Ferro D. Pedro 2º, sob a denominação "Deleite Fluminense", levantando coretos de musica e salões para dansa e folguedos campestres, para botequis, bilhares e outros jogos licitos;

2º A estabelecer dentro do jardim e nas quatro ruas que o cercão cem kiosques ou maior numero.

O supplicante pede os seguintes favores:

1º O privilégio exclusivo, pelo tempo de 40 annos, e insenção de decimas ou de qualquer outro imposto, revertendo tudo no fim desse tempo ao dominio do Estado;

2º A concessão: de uma área de terreno de 110 metros quadrados, do prazo de 1 anno para dar começo às obras, e de 2 para a inauguração da empresa.

E o supplicante obriga-se a entregar annualmente ao governo a importancia de 10:000\$000 para auxiliar a emancipação.

O D.<sup>o</sup> Glaziou, encarregado das obras do ajardinamento do Campo d'Acclamação, informa:

1º Que, á vista do plano approved, são inadmissiveis as ditas construcções;

2º Que nos logares indicados pelo supplicante, no angulo da Rua do Conde d'Eu, ao lado do Museu, assim como no angulo da Rua de D. Pedro, em frente á estação da Estrada de Ferro, forão reservados os espacos necessarios para duas casas destinadas a cafés, que o Estado tencio na construir para alugar á quem lhe convier.

3º Que os bailes populares, assim como certos jogos são poucos apropriados aos jardins pertencentes ao Estado, e que são por elle conservados.

Pode ainda acrescentar-se que os kiosques dentro ou fora do jardim serião de pessimo effeito, como se verifica pelos que existem disseminados pelas ruas e praças da Cidade.

À vista de todas estas razões, entendo que a proposta junta não pô  
de ser accita.

Em 19 de Setembro de 1875.

Netto Machado.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Em razão da grande perda de tempo, e, por conseguinte, da despeza de dinheiro, a que nos obriga o transporte da agua indispensavel para as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, venho respeitosamente pedir à V. Exc<sup>a</sup> o obsequio de requerer ao Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, dous pequenos canos d'agua no interior do Campo, em lugar que eu mostraria, perto dos portões da Rua de São Pedro e da Rua do Conde d'Eu, aos incumbidos de sua collocação.

Deus Guarde à V. Exc<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Senador Jose Bento da Cunha Figueiredo, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Conforme às ordens que V. Exc<sup>te</sup> mandou-me dirigir, a 6 do corrente mez, fallei com o Sñr Nicoláo Midosi a respeito da verba destinada às obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, que foi primitivamente fixada em duzentos contos de reis annuaes. Sobre esta base equilibrei, somente desde Agosto proximo passado, as despezas em dezeseis contos de reis mensaes, e que recebi no Thezouro Nacional, mas agora, quando o serviço vai pelo melhor, graça ao bom pessoal que tenho formado, a preponderancia das razões allegadas obriga a diminuir esta quantia ou verba.

A tal respeito, direi respeitosamente à V. Exc<sup>te</sup> que, concedendo me nos de oito contos de reis mensaes (Rs/. 8:000\$000) para a continuação dos trabalhos do Campo, durante o segundo semestre d'este exercicio de 1875-1876, seria melhor deixar completamente a obra, por que se tornaria demasiadamente anti-economica ao Estado, em razão do diminuto numero de simples operarios que se poderião guardar, e dos materiães que se poderião pagar; os viveiros, com milhares de plantas indigenas, e que tanto trabalho me custarão a reunir e a cultivar, hão de ficar perdidos, e com eles, o tempo precioso e o dinheiro já gasto para criá-los.

Não sei se V. Exc<sup>te</sup> sabe que tambem, no anno passado, a verba das obras do Campo foi ainda diminuida de oitenta contos de reis: por muito pouco, continuando assim, e certo que a sua conclusão, embora o zelo tenaz de minha administração, se fará muito esperar, visto a grandeza de sua importancia.

Deus Guarde a V. Exc<sup>te</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr Conselheiro Senador José Bento da Cunha Figueiredo, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1875.

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

## Ajardinamento do Campo d'Acclamação.

Tendo levado ao conhecimento do D.<sup>or</sup> Glaziou, encarregado do sobre dito ajardinamento, que as obras não podiam continuar a ser feitas na proporção de 200:000/000 por ex.<sup>cio</sup>, conforme estava assentado, por não querer o Ministerio da Agricultura continuar a dar a prestação de 100:000/000 a que se obrigára q.<sup>do</sup> se contractou o serviço, e assim deverão ellas limitar-se a quota de 100:000/000 que por sua parte marcára o Ministerio do Imp<sup>o</sup>; responde a m.<sup>mo</sup> D.<sup>or</sup>, no incluso officio, que o me nos que se pode limitar a desp<sup>a</sup> no 2<sup>o</sup> Semestre do conv. ex.<sup>cio</sup> de 1875-76 (Janeiro a Junho de 1876), a fim de evitar graves prejuizos p<sup>a</sup> o Estado, é a 8:000/000 mensaes, isto é mais 48:000/000 além de 96:000/000 já despendidos ou 144:000/000 no ex.<sup>cio</sup>.

Posto que se dê um augmento de despeja de 44:000/000 sobre os 100:000/000 estabelecidos pelo M. do Imp<sup>o</sup>, não posso entretanto deixar de concordar com as ponderações que o D.<sup>or</sup> Glaziou faz no seu officio, e por conseguinte de pensar que se poderá autorizar a continuação das desp.<sup>as</sup> dentro do limite proposto de 8:000/ mensaes.

3<sup>o</sup> Direct<sup>a</sup> em 31 de Dez. de 1875.

Midosi

D'acordo.

31-10 bro-1875

Ferr<sup>a</sup> d'Aguiar

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

O desejo de concluir os trabalhos do ajardinamento do Campo da Acclamação, pelo menos, no maximo praso que prometti (cinco annos), le va-me a solicitar de V. Exc<sup>ã</sup> o seu poderoso auxilio para restabelecer, n'este exercio de 1876-1877, a verba das Obras do ajardinamento do Campo da Acclamação em dezeseis contos de reis (Rs/. 16:000\$000) mensaes, pelo menos, base sobre a qual estas despezas forão a principio fixadas.

Em consequencia das grandes diminuições de haver, a que estas fo rão submettidas nestes dous ultimos annos, ouso esperar que V. Exc<sup>ã</sup> se dignará tomar em consideração o bom e mais vivo andamento d'ellas.

Deus Guarde á V. Exc<sup>ã</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo,  
Dignissimo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 3 de Julho de 1876.

A. Glaziou.

Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Cons. Ministro do Imperio.

Ex.<sup>mo</sup> Sñr.

Ao Sr. Glaziou, encarregado do  
ajardinamento do Campo d'Accla  
mação para informar - 1ª Direc  
toria da Secretaria do Imperio  
em 24 de Outubro de 1876

Manoel Antonio Fernandes, Subdito Portuguez e Artista, vem respei  
tosamente, propôr á V. Excª fazer, por sua conta, o fornecimento e as  
sentamento de todo o lagedo necessario para os passeios em volta do jar  
dim que se está fazendo no Campo d'Acclamação, á rasão de: setenta e  
cinco mil reis por cada um lagedo de uma braça linear por nove palmos  
de largura, ou oitenta e cinco mil reis por cada um de dez palmos de  
largura ambos collocados no seu logar. E porque este, proponente convic  
to de que nenhum outro poderá apresentar proposta melhor do que esta  
sua, a V. Excª

E o dito fornecimento  
nos termos expressados,

E.R.M.<sup>ce</sup>

Rio de Janeiro, 1 de Outubro de 1876

Manoel Antonio Fernandes.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministerio do Império.



Sem a rectificação da calçada das ruas que rodeiam o Jardim do Campo da Acclamação, segundo um bom nivellamento, já, é verdade, offereci do pelo parapeito do gradil, não vejo necessidade alguma em pensar no lagedo de que falla o autor da proposta inclusa; pelo contrario, melhor é deixar o todo no estado actual, do que emprehender um sem tratar do outro, que é, creio eu, negocio especial da Ill.<sup>ma</sup> Camara Municipal; de mais, os preços do proponente são pesados: estou certo de que, se um dia o Estado julgar conveniente estabelecer o tal lagedo, o Ministerio do Imperio podera fazêl-o, e ainda melhor, por quasi a metade do preço indicado por Manoel Antonio Fernandes.

Deus Guarde à V. Exc<sup>ã</sup>.

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sñr. Doutor Manoel Jesuino Ferreira,  
Director interino da 1<sup>a</sup> Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 30 de Outubro de 1876.

A. Glaziou.

Desejando utilizar em favor do Jardim do Campo da Acclamação alguma parte da aguas de sobra, que chegão ás caixas publicas em tempo chuvoso, venho pedir á V. Exc<sup>te</sup> o obsequio de requerer ao Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro da Agricultura o seu consentimento para ligar a uma bôca de descarga dos canos da Cidade, e visinha do Jardim, um encanamento de dez a doze (o.<sup>m</sup> 10 a 12) centímetros de diametro. O movimento do registro d'este encanamento dependeria exclusivamente do Juizo da Administração das aguas; assim nada seria prejudicada, e os tanque do Jardim serião sempre bem servidos pelas sobras, que cahem nos esgôtos com direção ao mar.

Tenho tambem a honra de participar á V. Exc<sup>te</sup> que, a 26 de Maio ultimo, principiei a plantação do novo Jardim por uma linha circular de Sapucaia (Lecythis); este plantio não cessa, e acha-se hoje muito adiantado. Os vegetaes, apezar da grande secca, sustentaram-se com o duro trabalho das regas, e andão agora em bom desenvolvimento.

Deus Guarde á V. Exc<sup>te</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Dr. Antonio da Costa Pinto e Silva,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 29 de Outubro de 1877.

A. Glaziou.

Sciende pelo Despacho de 20 de Fevereiro ultimo das alteraçoẽs de verba que V. Excã julgou conveniente applicar, até novas ordens, ás obras de ajardinamento do Campo da Acclamação, tenho a honra de partici par a V. Excã que já principiei, não sem pezar, a regularme sôbre os dois contos de reis mensaes, que V. Excã, sem as necessarias informaçoẽs, que com o maior prazer prestaria a V. Excã, marcou para a conser vação das plantaçoẽs já realizadas.

A este respeito, devo declarar á V. Excã que esta quantia mal che gará para o tratamento dos vegetaes recentemente plantadas no Campo, e para o cultivo dos que existem ainda nos viveiros do Estado estabele cidos, com a auctorisação de Sua Magestade o Imperador, nos terrenos da Imperial Quinta da Boa Vista, em São Christovão que exigem o serviço as siduo de 5 trabalhadores e de 1 mestre jardineiro, com 30, comprehenden do 1 apontador, 1 chefe jardineiro e 3 feitores jardineiros de profis são, que são restrictamente necessarios para o Campo da Acclamação. V. Excã vê que não me será possivel tratar do resto dos movimentos das ter ras, nem de concluir as plantaçoẽs geraes do Campo da Acclamação mas, se V. Excã pudesse, durante estes quatro primeiros mezes (Março a Junho inclusivo), conceder a estas importes obras, em proporção quasi acaba das, oito contos de reis mensaes (R.<sup>s</sup> 8:000\$000), em lugar de dezeseis, ou de dois, como tive, a 20 do passado, a honra de o dizer á V. Excã, me seria possivel adiantar algumas cousas, acabar mesmo os movimentos de terras com as ditas plantaçoẽs geraes; assim V. Excã evitaria entre o crescimento dos vegetaes um disparate de mão effeito: isto seria vel- os, em algumas partes do jardim, grandes e bem desenvolvidos, e em ou tros, muito pequenos, em proporção ao intervallo de tempo que se acha ria entre as operaçoẽs do plantio.

Em consequência d'estas explicaçoẽs, estou convencido de que V. Excã fará pelo melhor, com pouco ou mais, afim de harmonisar os traba lhos tão uteis do Campo da Acclamação, com os recursos actuaes do Gover no Imperial, e de meu lado peço á V. Excã que creia que não ficarei atraz de sua confiança nem de nenhum sacrificio, para o bom exito da obra que principiei.

Ia-me esquecendo fallar á V. Excã da pintura indispensavel, para não deixar arruinar o extenso gradil do Campo da Acclamação, trabalho que comecei no dia 19 de Fevereiro ultimo, e que é preciso comprehender sempre em qualquer verba que V. Excã se dignar conceder definitivamen te, por estes primeiros mezes; a favor da conclusão das obras do ajardi namento do Campo.

Afim de dar a V. Excã uma idea exacta das despezas até agora fei tas, como este importante melhoramento da Cidade d Rio de Janeiro, eis os algarismos de cada exercicio, desde o principio da obra. em 17 de

Fevereiro de 1873, a 28 (inclusivo) do mesmo mez de 1878:

Exercicio de 1873 à 1874	R. <sup>s</sup>	233:319\$916
" de 1874 a 1875		108:239\$523
" de 1875 à 1876		139:862\$353
" de 1876 à 1877		175:972\$554
" de 1877 à 1878 (ã 28 de Fevereiro)		127:842\$380
<b>Total da despesa feita</b>	<b>R.<sup>s</sup></b>	<b>785:236\$726</b>

Somma que era necessaria para concluir nêste  
anno todas as obras do Campo da Acclamação R.<sup>s</sup> 160:000\$000

Total da obra completamente acabada R.<sup>s</sup> 945:236\$726

O orçamento approved pelo Governo Imperial  
foi de R.<sup>s</sup> 1,694:409\$800

Economia, depois da melhor execução possível  
de todas as obras do ajardinamento do Campo  
da Acclamação R.<sup>s</sup> 749:173\$080

Por esta verdade, V. Excã vê que a minha administração não é tão indigna da terra, que ha 22 annos me acolheu, e na qual achei, às vezes, instantes de felicidade moral, em compensação de meu duro e dedicado trabalho publico.

Deus Guarde á V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Dr. Carlos Leonçio de Carvalho,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 2 de Março de 1878.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Nº 300.

Claudio Guigon C.<sup>ia</sup>, fornecirão para as obras do aformozeamento da Praça da Acclamação o material precioso para o abastecimento d'agua áquelle Jardim na importancia de 1:218\$000, da qual não forão ainda em bolsados por allegar o administrador das mencionadas obras que a --isso-- o obriga a reduccão feita pelo respectivo Ministerio na subvenção mensal que tinha para o prosequimento das obras.

Sendo, porém, assás prejudicial aos peticionarios a demora d'esse divido pagamento, por quanto são limitados os seus recursos, commerciaes e ainda mais porque tractarão com o administrador das obras fazer a transacção por preço de venda a dinheiro, vem requerer a V.M.I. o seu respeitavel despacho para que pelo competente Ministerio seja o administrador das obras habilitado a satisfazer a referida importancia mencionada na respectiva conta que, ha mezes, lhe fôra apresentada pelos Supp.<sup>es</sup>, que

E.R.M.<sup>ce</sup>

Rio de Janeiro, 29 de Maio de 1878

C. Guigon C<sup>a</sup>

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Eis a copia da conta de Claudio Guigon e C.<sup>ia</sup>, entregue ao escripto  
rio das obras do Campo da Acclamação a de 2 de Fevereiro ultimo ~~passa~~  
do, e que é relativa ao requerimento incluso, devolvido.

Nem com estes Sñrs., nem com quaesquer outros fornecedores de mate  
riaes, tomei a responsabilidade ~~de pagar á vista, mas sim quando puder,~~  
conforme aos interesses das obras a meu cargo.

Com o Aviso Nº 528 de 20 de Fevereiro do anno corrente, que suspen  
deu os trabalhos do Campo, immediatamente forão prevenidos do subito  
caso os credores que alli tinham contos para sêrem pagos, afim de pa  
cientarem-se até novas ordens do Governo Imperial, para continuar e con  
cluir os trabalhos; e, em geral, concordarão-se então com a minha situa  
ção a este respeito.

Deus Guarde á V. Exc<sup>ca</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Manoel Jesuino Ferreira,  
Director da 1<sup>a</sup> Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do  
Imperio.

Rio de Janeiro, em 5 de Junho de 1878.

A. Glaziou.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr.

O jardim do Campo da Acclamação tem quatro grandes portões, estabelecidos imparcialmente na proximidade da população do Rio de Janeiro em geral, e de accôrdo com a architectura que presidiu a composição do jardim. O serviço da vigilancia de cada um d'estes portões; que tem um dia de ficar abertos, desde as 6 horas da manhã até as 10 da noite, ha de custar ao Estado pelo menos, um conto e duzentos mil reis (R.<sup>s</sup> 1:200\$000) por anno. Além da rua da Constituição, que desemboca mui perto do portão da rua do Hospicio, ha mais onze ruas (11), que vão tambem dar ao jardim do Campo, e de cujos negociantes ou proprietarios visinhos hão de pedir igualmente ao Ministerio aberturas de portas para os seus maiores commodos. Ao accrescimento da despeza com o serviço d'estes onze portões, seria preciso ajuntar a quantia, pelo menos, de seis contos de reis (R.<sup>s</sup> 6:000\$000) para estabelecer cada um d'elles, e assim o jardim teria 15 entradas em lugar de quatro, numero largamente sufficiente para a circulação do povo.

A meu ver, as pretensões que incluso, devolvo á V. Exc<sup>ã</sup>, lesarião gravemente, não só os cofres do Estado, mas ainda barbaramente o espirito do bello, concedido ás obras de artes pelos homens que conhecem as suas regras, e que sabem respeitá-las. O parapeito e o gradil d'este jardim publico do Campo da Acclamação constituem já, em seu genero, um monumento unico talvez no mundo hortecolo, e, si hoje elle passa despercebido, eu espero que um dia, pouco remoto, o paiz ha-de apreciar-o como tal!

Augmentar as aberturas d'este proprio nacional, afim de satisfazer algumas fantasias individuaes, seria matar a symetria harmonica em que existe no gradil, entre as ruas do jardim, o movimentos das terras, seus bosques de arvores, lagoinhas, etc., e fazer mingão para os gatos d'um trabalho bem acabado nos objectos do parapeito de cantaria, e dos gradis de ferro fundidos, tudo actualmente concluido, e quasi de hontem, conforme ao plano adoptado. Não, mil vezes não, nunca o Governo Imperial deve adherir a semelhantes ideas de esmagamento e de mesquinhez.

Deus Guarde á V. Exc<sup>ã</sup>

204

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira,  
Director da 1ª Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do  
Imperio.

Rio de Janeiro, em 3 de Agosto de 1878:

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



## Apontamentos sobre as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação.

Este trabalho principiou-a 17 de Fevereiro de 1873; seu orçamento foi de R.<sup>s</sup> 1,694:409\$200.

No exercicio de 1873-1874	gastou-se R. <sup>s</sup>	233:319\$916.
" " " 1874-1875	" "	108:239\$523.
" " " 1875-1876	" "	139:862\$353.
" " " 1876-1877	" "	175:972\$554.
" " " 1877-1878	" "	163:044\$515.
" " " 1877-1878 (até 31 de de Outubro, inclusivo)	gastou-se R. <sup>s</sup>	15:992\$840.
Total		R. <sup>s</sup> 836:431\$701.

Nestes ultimos tempos as plantações ficarão muito adiantadas, e, é de esperar, que fiquem concluidas em dezembro proximo.

O desenvolvimento dos vegetaes é satisfactorio, e o numero dos já plantados ultrapassa de quarenta e seis mil.

A maior lagõa, ou reservatorio d'agua, do lado da rua de São Pedro, está acabada; e, nas pontes que lhe são relativas, falta apenas dar a ultima demão; os movimentos de terra acham-se tambem nêsta parte concludidos, com uma bõa superficie de grama já bem fechada.

Desde o dia primeiro de Setembro ultimo, segundo as ordens do Ministerio do Imperio, as obras, que pararão com o Aviso de 20 de Fevereiro d'este anno, tomarão um certo movimento de progresso, todo immediatamente applicado ao mais urgente, do lado da rua do Conde d'Eu, isto é, as plantações e ao acabamento da segunda bacia para as aguas; deixando, para o ultimo caso, a terminação da gruta, assim como a ultima cozinha, destinada ao alojamento dos empregados do Jardim.

Bem que a consignação actual de oito contos de reis mensaes seja fraca em proporção da grandeza da obra, é de esperar que o Jardim, se não completamente terminado, poderá, ao menos, ser accessivel ao publico, pelos dias ultimos do anno proximo de 1879.

Rio de Janeiro, em 9 de Novembro de 1878.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Dr. Manoel Jesuino Ferreira,  
Director da 1.<sup>a</sup> Directoria da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Francisco Maria Glaziou.

2 Maio 79

Apontamentos sobre a obras do ajardinamento  
do Campo da Acclamação.

Concluiu-se n'estes ultimos mezes a plantação de todos os bosques, ou grandes grupos de vegetaes, que necessitarão além de 60,000 plantas, hoje todas perfeitamente enraizadas, e já acham-se em bom estado de desenvolvimento.

Os ultimos movimentos de terras, isto é, as ondulações da superficie do parque, ou curvas de niveis, estão acabados na parte do Norte, e muito adiantados na parte do Sul, e do mesmo modo o trabalho das alamedas, que brevemente estarão todas em estado conveniente para receber o encanamento do gaz. A construcção do segundo tanque, ou lagôa, adiantou-se rapidamente, em proporção da fraqueza do pessoal, e, por pouco que continua a andar assim, fica tambem terminada, assim como todas as obras de arte rustica, no correr de Setembro proximo. N'este caso mais vivacidade se dará á ultima de mão dos trabalhos propriamente ditos de terra, de modo a tornar o jardim accessivel ao povo no dia dois de Dezembro, se tal fica aos desejos do Estado: depois d'estas epocha pouco ha de faltar para ter tudo concluido, conforme ao que foi ordenado pelo Governo Imperial em 1873.

Estas obras principiaram a 17 de Fevereiro de 1873, e foram orçadas em 1,694:409\$200 reis, dos quaes o Governo gastou, até 30 de Abril proximo passado, as quantias seguintes:

Exercicio de 1873 à 1874	R. <sup>S</sup>	233:319\$916
" de 1874 a 1875	"	108:239\$523
" de 1875 a 1876	"	139:862\$353
" de 1876 a 1877	"	175:972\$554
" de 1877 a 1878	"	163:044\$515
" de 1878 a 1879	"	63:969\$110
(até 30 de Abril)	R. <sup>S</sup>	884:407\$971

Rio de Janeiro, em 2 de Maio de 1879.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Assinado pelo Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Achando-se concluído o preparo das ruas e o nivelamento das terras do Parque da Acclamação, tenho a honra de pedir á V. Exc<sup>a</sup> o favor de requerer do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro da Agricultura o restabelecimento do gaz no Jardim, conforme ao plano que, juncto, tomo a liberdade de submeter á V. Exc<sup>a</sup>; e, igualmente a collocação dos encanamentos d'agua, para o serviço futuro d'este novo passeio publico.

Deus Guarde á V. Exc<sup>a</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 16 de Setembro de 1879.

A. Glaziou

Penso que se pôde remetter ao Ministerio da Agricultura o plano enviado pelo Dr. Glaziou, e solicitar a expedição de ordens para que seja satisfeito o pedido constante deste officio.

Em 18 de Setembro de 1879.

O Campo da Acclamação foi out'ora illuminado a gas, e á requisição do encarregado do seo ajardinamento forão eliminados os lampeões em 1875 por motivo das obras. Agora pede o m.<sup>mo</sup> encarregado o restabelecimento da illumination e a collocação dos encanamentos d'agua p<sup>a</sup> o serviço do (...). Pode se remetter ao M. Agricultura p<sup>a</sup> providencias.

\* Assinatura ilegível.

Em 18 de Setembro de 79.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Assinatura: Conselheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

D.<sup>r</sup> Manoel Jesuino Ferreira.

Vivamente apertado pela urgencia da collocação dos canos indispen<sup>sa</sup>veis para o serviço futuro das aguas necessarias ao jardim publico do Campo da Acclamação, tomo a liberdade de lembrar à V. Exc.<sup>a</sup> o meu requ<sup>si</sup>to de 16 de Setembro ultimo, a respeito do qual nada até agora che<sup>g</sup>ou ao conhecimento do S<sup>ñ</sup>r. Inspector Geral das Obras Publicas, que conhece bem o pequeno trabalho desejado, mas que não pode executar sem ordem do Ministerio da Agricultura.

Por pouco que esta demora continue, terei mais o desgosto de ver as obras, a meu cargo, gravemente prejudicadas; parando de repente com os ultimos embôcos de cimento, que principiei, ha quinze dias, a appli<sup>ca</sup>car à segunda lagoa do jardim. Agora, n'este tempo, não peço nem uma gôta d'agua, a menos que não seja para os trabalhadores bebêrem.

V. Exc.<sup>a</sup>, querendo attender a esta reiteração de interesse publico, muito grato lhe ficaria pessoalmente.

De V. Exc.<sup>a</sup>

tenho a honra de ser respeitoso criado,

A. Glaziou.

Rio de Janeiro, em 14 de Outubro de 1879.

Transcrito por Elcy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Assinado por Augusto Francisco Maria Glaziou.

Tendo chegado ao porto do Rio de Janeiro, pelo vapor francez-Ville de Bahia - dez caixas de objectos de ferro fundido, para as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, venho pedir á V. Excã se digne re<sup>re</sup>querer ao Ministerio da Fazenda as ordens necessarias, para a sahida d'estes objectos, livre de direitos e de expediente da Alfandega da Côrte.

Deus Guarde á V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Francisco Maria Sodré Pereira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 28 de Outubro de 1879.

A. Glaziou.

Certo de que os auctores da proposição que inclusa devolve a V. Exc<sup>ta</sup>, não fizêrão do que qualificação de - châlets - os necessarios exames, antes de formular as suas pretensões, belissimas, sem dúvida, ao primeiro aspecto, para o Estado; mas não sabendo se a realisasão do facto, apressadamente concebido, corresponderia á boa fé que V. Exc<sup>ta</sup> seria auctorisada a esperar d'élle; por isso, tomo a liberdade de pedir á V. Exc<sup>ta</sup> se digne convidar os pretendentes dos projectados Cafés do Par que da Acclamação a melhor estudar os planos, que ainda se acham em minhas mãos, assim como os lugares já traçados e arborisados para este fim.

V. Exc<sup>ta</sup> sabe que o povo chama - châlets - estes Kiosquinhos (talvez objectos do quiproquo), estabelecidos em todos os recantos da cidade do Rio de Janeiro pelo poder da Ill.<sup>ma</sup> Camara Municipal, edificios que têm alguma apparencia com as latrinas, actualmente em via de construcção no Jardim do Campo pela Companhia - City Improvements -, e que, de facto, fôrão approvado pelo Governo Imperial, no mesmo instante que elle adiou, por tempo ulteriôr, a construcção dos dois cafés (não quatro), visto que não erão de urgencia nenhuma para a salubridade publica, nem mesmo para as familias socegadas que lá irião em procura de ar puro, e não para despejar garrafas.

Em todo o caso, conforme ás ordens verbaes de V. Exc<sup>ta</sup>, do dia 18 do corrente mez de Novembro, estou prompto a dar aos proponentes todas as explicações desejaveis a respeito dos desenhos originaes correspondentes á architectura geral que guiou, até agora, as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação.

Deus Guarde a V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 24 de Novembro de 1879.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Assinatura: Francisco Maria Sodré Pereira

O credito do qual preciso, até 30 de Junho proximo, para acabar as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, é de oito contos de reis mensaes (Rs/. 8:000\$00), que respeitosaemente venho pedir à V. Excã. Com estas quantias tenciono pagar exactamente, como até agora, as férias dos operários, já diminuidos, os pequenos materiaes, ainda necessarios para concluir o trabalho, taes são: pedras, cimento, cal, e, sobretudo, areia, para cobrir e consolidar o macadam (hoje quasi completo), depois do estabelecimento da canalização do gaz nas ruas do jardim; com a mesma verba, espero tambem pagar, si vier algumas chuvas seguidas, as contas entregues no escriptorio das obras até 15 deste mez, e cujo total eleva-se a Rs/. 20:203\$000.

Além destas contas, existem outras dividas, segundo os vales que assignei para os Sñrs. Manoel Guilherme da Silva e Gomes Fernandes: ao primeiro os seus ultimos fornecimentos de cimento, e ao segundo as suas entregas de cascalho, para o calçamento das alamédas, formando uma importancia de Rs/. 24:741\$000. Ficaria ainda, para realizar, o pagamento da Companhia - City-Improvements-, pelo material e trabalho, que elle effectua actualmente, na construcção de cinco latrinas duplas, com os seus longos encanamentos, tratado por Rs/. 14:522\$500, aos Sñr Paranhos e Moreira, para a collocação dos quatro portões do jardim, o fornecimento das pilastras de cantaria, e das lages correspondentes aos ditos portões; trabalho que calculo maximamente em Rs/. 14:000\$000.

Ajuntando a estas despezas, que considero feitas, o crédito que peço, para concluir as obras, que forão orçadas em Rs/. 1,694:409\$200, V. Excã pode ver, pelo saldo de cerca de seiscentos contos de reis (Rs/. 600:000\$000), a favôr do Ministerio do Imperio, que a minha administração, depois de uma execução irreprehensivel, senão merecer louvôr, ao menos não requer desculpa. Este sentimento foi o meu allivio moral, em compensação das vicissitudes, sempre anti-economicas, que encontrei no desempenho d'este pesado encargo, do qual, tanto que a V. Excã desejava livrar-me dignamente, afim de não desmerecer a consideração dos Ministros d'Estado, que se succêderam no poder durante estes ultimos sete annos, e que todos me concedêrão alguma confiança. Foi neste sentido que contava, a despeito das exigencias da sôcca, tão prolongada, entregar à V. Excã minha obra para ser offerecida ao publico no dia 2 de Dezembro proximo, senão completa, ao menos n'um estado decente; mas infelizmente, o atrazo da installação do gaz, que V. Excã requereu a tempo, vem adiar esta inauguração.

Concluindo, direi ainda à V. Excã que, na visita promettida às obras, muita satisfacção teria em responder, sobre o terreno a qualquer questão que V. Excã se dignasse fazer-me, a respeito de meus devêres

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr Conselheiro Francisco Maria Sodré Pereira,  
~~Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.~~

Rio de Janeiro, em 27 de Novembro de 1879

---

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Apresso-me em declarar á V. Excã que as obras do ajardinamento do ~~Campo da Acclamação serão exactamente acabadas em Junho proximo, e tal~~ vez em Maio, se o tempo tornar-se chuvôso, como o foi em Janeiro ulti mo; ~~por~~ consequente, a despeza ainda necessaria, á oito contos de reis mensaes, seria, ao maximum, de R.<sup>S</sup> 40:000\$000 e, ao minimum, de R.<sup>S</sup> 32:000\$000 ~~nêsta quantia é tambem comprehendido o pagamento de cerca de~~ dez contos de reis de materiaes, já empregados nas obras.

D'aqui a poucas semanas, o maior trabalho que me ficará por fazer, será a conclusão do mac-adam das ruas; mas para poder fazêl-o com a eco nomia desejada, peço a V. Excã encarecidamente que se digne providen ciar, para que o gaz esteja, quanto antes, estabelecido nas mesmas ru as, como já o requeri, ha cinco mezes.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda e interino das do Imperio.

Rio de Janeiro, em 5 de Fevereiro de 1880.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

No tempo decorrido acabou-se absolutamente os movimentos de terras, as construcções hydraulicas e rusticas, e, n'estes ultimos dias tambem o resto das ondulações dos prados; as plantações de gramma fica de mesmo modo terminada no principio de Maio, e com ella todos os trabalhos novos, propriamente ditos, de jardinagem. Em quanto ás obras de artes, das quaes quasi nada falta, ficam concluidas com o acabamento do segundo prédio para o alojamento dos operários da conservação, e que, pelo fim d'este mez de Abril, sera completo.

Em segmento da installação do gaz, trabalho que já se acha adiantado, acabar-se-ha de endireitar as ruas do jardim; ao mesmo tempo collocar-se-ha o ultimo portão, cujo material esta prompto; os assentos publicos, e pintar-se-ha, com a ultima mão, os gradis. Assim sendo, este importante melhoramento da cidade do Rio de Janeiro será exactamente terminado, conforme o plano geral approved, e ás ordens de 3 de Janeiro de 1873, nos primeiros dias de Junho proximo, ou, o mais tardar, no fim d'este mencionado mez.

Esta obra, principiada a 17 de Fevereiro de 1873, foi orçada, pela Inspectoria Geral das Obras Publicas da Côrte, em mil seiscentos e noventa e quatro contos e quatrocentos e nove mil e duzentos reis (Rs/. 1,694:409\$200), dos quaes o Governo Imperial empregou as quantias seguintes:

Exercicio de 1873 à 1874 -	Rs/. 233:319\$916
" de 1874 à 1875 -	- 108:239\$523
" de 1875 à 1876 -	- 139:862\$353
" de 1876 à 1877 -	- 175:972\$554
" de 1877 à 1878 -	- 163:044\$515
" de 1878 à 1879 -	- 79:909\$760
" de 1879 à 1880 - (até 31 de Março)	- 71:993\$140
<b>T O T A L -</b>	<b>Rs/. 972:341\$761</b>

Rio de Janeiro, em 3 de Abril de 1880

A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Em vespera de concluir as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, e vendo que certos empregados da Inspectoria Geral das Obras Publicas acham sempre desvio para não cumprir as ordens do Governo Imperial, porque elles, supponho eu, pensam que estas ordens são relativas, ao interesse individual, e não ao serviço publico, n'um proprio nacional, venho pedir á V. Excã a reiteração urgente, junto do Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Ministro da Agricultura, afim de ligar os encanamentos para dar as aguas indispensaveis ao serviço do jardim, com os canos das ruas, e que abas tecem a cidade.

O Ministro do Imperio já obtêve a concessão de dois diminutos tubos d'agua para auxiliar as obras do jardim, mas os - Guardas ou Biqueiros -, seja em tempo sêcca ou chuvôso, acham conveniente fechar as torneirãs, como acontece agora, e desde muito tempo, prejudicando gravemente os interesses d'este recreio publico, que, creio eu, não deve ficar assim subordinado, em seu melhor elemento, a qualquer capricho de gente doentia talvez moral e physicamente. A Directoria das Obras Publicas, a meu ver, devia entender-se, de boa fé, com a pessoa que V. Excã julgar habilitada para desempenhar conscienciosamente esta tarefa.

Alem deste assumpto, communico ainda á V. Excã que os dois Kiosques estabelecidos, um de cada lada da porta principal do Jardim da Acclamação, em frente á rua do Hospicio, são motivo de agglomeração de immundicies que tornam este lugar repugnante, tantó para os olhos como para o nariz; esta immoralidade duplica-se ainda pela reunião dos freguezes d'estes Kiosques, que nada poupam em palavras e obscenidades. Em consequencia, e antes da abertura do jardim ao publico, peço encarecidamente á V. Excã que se digne requerer da Ill.<sup>ma</sup> Camara Municipal da Corte a suppressão dos dois ditos Kiosques; e, igualmente, a retirada das madeiras dependentes da construcção do novo Palacio Municipal, que se acham encostadas no parapeito do gradil, e que não me permitem endireitar provisoriamente, como já o fiz, ha seis annos, o passeio exterior, antes da inauguração do jardim.

Deus Guarde a V. Excã

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Barão Homem de Mello,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 9 de Junho de 1880.

A. Glaziou.

Entendo que se pode endereçar novo  
Aviso ao Ministerio dos Negocios  
da Agricultura, Commercio e Obras  
Publicas, reitêrando o pedido para  
serem ligados os tubos aos encana  
mentos d'agua.

Quanto a suppressão dos Kiosques,  
não me parece conveniente o que  
propõe o Sr. Glaziou, mas sim, que  
se exijam providencias policiaes ,  
contra as obscenidades a que se re  
fêre.

---

Franklin Tavora.

De accôrdo

\* (outra assinatura ilegível)

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

V.

2-8-80

Junto, tenho a honra de entregar á V. Excã o resto das contas por pagar, provenientes dos ultimos fornecimentos de materiaes e de trabalhos de artes, relativos ás obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, elevando-se á somma de cento e seis contos e setenta e dois mil e quinhentos reis (R.<sup>s</sup> 106:072\$500).

Ao mêsmo tempo submetto tambem á V. Excã o resumo geral das despesas feitas pelo Governo Imperial com a realisação d'este util melhoramento da cidade do Rio de Janeiro, e cujo orçamento foi de mil seiscentos e noventa e quatro contos quatrocentos e nove (1)\* duzentos reis (R.<sup>s</sup> 1,694:409\$200):

Exercicio de 1873 à 1874	233:319\$916
" de 1874 à 1875	108:239\$523
" de 1875 à 1876	139:862\$353
" de 1876 à 1877	175:972\$554
" de 1877 à 1878	163:044\$515
" de 1878 à 1879	79:909\$760
" de 1879 à 1880	95:991\$580
" de 1880 à 1881 (por pagar)	106:072\$500
	<hr/>
	R. <sup>s</sup> 1,102:412\$701

V. Excã, addicionando à esta quantia 32:080\$000 reis, que tenho recebido do Thezouro Nacional, a titulo de gratificação desde o dia 17 de Fevereiro de 1873, data do principio effectivo das obras, até 31 de Janeiro de 1878, e que não tornei mais a receber, em consequencia do Aviso Nº 528 de 20 de Fevereiro do mesmo anno, bem que depois esta questão foi rectificada: rectificação á qual obedecerei de bom grado, logo que V. Excã tivér ordenado a sua liquidação, como o julgar conveniente.

Ao total ultimo da dita gratificação, V. Excã terá ainda á emendar a despesa do estabelecimento do gaz no jardim, e que é, approximadamente, de trinta e tres à trinta e quatro contos de reis.

Assim todos os documentos reunidos, pedirei humildemente á V. Excã que se digne ver o contrato do Governo Imperial, em data de 2 de Janeiro de 1873, e de effectuar, em consciencia, o que n'elle foi espontaneamente estipulado a favor de meu trabalho, que sempre tive em vista tornar o mais perfeito possivel, sem preoccupar-me do custo, mas procedendo, com ordem, e com integridade absoluta, tanto para o Estado, como para os operarios e os fornecedôres de materiaes. Assim, creio ter desempenhado fielmente o encargo que me foi dado pela alta confiança do Governo Imperial, e, se o tenho podido satisfazer, ahi estará o meu maior

contentamento, certo de que um dia a população do Rio de Janeiro deverá 266  
à minha lembrança alguma coisa da sombra dos grandes vegetaes brasilei  
ros, que não de proteger a seus filhinhos.

Deus Guarde à V. Exc<sup>ã</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Barão Homem de Mello,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 31 de Julho de 1880.

A. Glaziou.

(1)\* = Palavra omitida pelo autor do documento.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Sem solução alguma ao que tive a honra de pedir á V. Exc<sup>ta</sup>, em data de 31 de Julho do anno proximo passado, relativamente á liquidação de contas, conforme ao contrato do Governo Imperial, para a administração das obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, assignem 2 de Janeiro de 1873, tomo a liberdade de reiterar o meu pedido á V. Exc<sup>ta</sup>, que talvez esqueceu-se d'elle, em consequencia de superabundancia de trabalho com os negocios publicos de maior interesse.

Confiado na boa fé de V. Exc<sup>ta</sup>, e firme no sentimento da integridade que sempre guiou o desempenho de meus devêres nesta tarefa, espero que V. Exc<sup>ta</sup> as tomará em consideração, submettendo-me, desde já, a qual quer que seja a Sua decisão, e que me deixe livre desta pesada, mas honrosa tarefa artistica, afim de encetar, antes da velhice, mais alguma cousa de sciencias naturaes, sempre relativas ao paiz amado, e que tão benevolamente me acolheu ha quasi um quarto de seculo.

Deus Guarde á V. Exc<sup>ta</sup>

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Barão Homem de Mello,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 19 de Fevereiro de 1881.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosângela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou

Nº 8 - 82

V.

Avº em 13-3-82

4-3-82

Tinha mais de dezoito mezes, ao concluir as obras do ajardinamento do Campo da Acclamação, tive a honra de entregar ao Ministerio do Imperio todas as contas relativas a este trabalho; e, ao mesmo tempo, de sollicitar o exame d'ellas em vista da liquidação do contracto que o Governo Imperial fez commigo em data de 2 de Janeiro de 1873. Desde aquelle tempo, reiterei em vão o meu justo pedido. Hoje tomo ainda a liberdade de dirigir-me á V. Excª, requerendo-lhe respeitosamente a graça de providenciar á este respeito, afim de evitar demasiadas complicações.

Contando com o resultado do meu trabalho na administração de todas as obras lá executadas conforme aos meus planos approvados, aceitei o honroso convite do fallecido Conselheiro Buarque de Macedo para prôver o pagamento temporario dos empregados na conservação do Jardim do Campo da Acclamação; mas não recebendo o que o Ministerio do Imperio me deve, fiquei obrigado, para não faltar á minha palavra, de pedir emprestado dinheiro á juro para servir ao Estado, caso com o qual não contava e que tornou á comprometter a minha tranquillidade e os meus proprios interesses.

Deus Guarde á V. Excª.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Rodolpho Epiphanyo de Souza Dantas, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, 4 de Março de 1882.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Offícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.



Para nenhuma das obras do Parque da referida Praça abriu-se concorrência. Todas-ellas foram feitas sob a administração do contratante Augusto Francisco Maria Glaziou, como se vê dos documentos juntos de N.ºs. 1 a 10.

O gradil foi encomendado directamente pelo D.<sup>o</sup> Glaziou á casa Barbezat Cia de Paris-documentos de 1 a 7 e 9.

A execução do parapeito e fornecimento de cantaria foi contratado pelo D.<sup>o</sup> Glaziou directamente com Joaquim da Silva Paranhos - documentos N.º 8.

Pelo orçamento junto por cópia, o gradil e portões deviam custar a quantia de 215:000\$000-Gastou-se apenas a quantia de 82:000\$000. O parapeito e cantaria que estavam orçados em 132:000\$000, custaram 95:969\$810.

Com relação ao credito pedido para a verba "Socorros Publicos e melhoramento do estado sanitario" do exercício de 1881-1882.

Pela demonstração junta se vê que dos 400:000\$000 precisos, resta o saldo de 19789\$976, ainda sujeito a liquidação das contas do referido exercício.

3ª Directoria da Secretaria do Imperio

em 21 de outubro de 1882.

Transcrito por José Sérgio Vaz.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Officio do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou

Appoiando-me sobre o honroso voto da Camara dos Deputados, sem duvida motivado pelo sentimento de justiça de V. Excª perante o humilde operario do Estado, venho respeitosa<sup>mente</sup> sollicitar de V. Excª a graça de pôr termo à esta questão. Ha mais de dous annos que acabei o meu pesado trabalho do ajardinamento do Campo da Acclamação, prestando então ao Governo Imperial todas as contas de minha administração, afim de serem processadas em vista da liquidação de meu contracto, e é o que foi integralmente feito debaixo do ministerio do illustrado predecessor de V. Excª ou pelo Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Barão Homem de Mello, mas tudo, arbitrariamente, ficou pendente até agora.

Esta situação perturba gravemente a conclusão de trabalhos scientificos relativos à historia natural do Brasil, principiados desde 1858 e sempre diariamente proseguídos. Faco aos primeiros annos da declinação da vida physica receiando por isso que a morte não me deixa o tempo necessario para acabal-os. Espero, portanto, que V. Excª tomará o presente pedido em consideração e que lhe fará brevemente toda a justica possivel.

Deus Guarde á V. Excª

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Sñr. Conselheiro Pedro Seão Vellozo,  
Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio.

Rio de Janeiro, em 6 de Novembro de 1882.

A. Glaziou.

Transcrito por Rosangela Alves Gabriel de Mello.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.

Incluso tenho a honra de submeter a V. Ex<sup>a</sup> os orçamentos detalha dos para a conservação dos jardins do Campo da Acclamação e do Passeio Publico durante o exercicio de 1887-88; e, igualmente, os apontamentos para o Relatório proximo do Ministerio á cargo de V. Ex<sup>a</sup>.

É preciso repetir ainda este anno que, os orçamentos por mim calculados são redusidos ao restricto necessario para fazer uma conservação decente. Entretanto, as commissões de orçamentos alterão annualmente de seus bancos-a verba que apresento ao Estado, sem nunca estudar os factos ao pé do trabalho.

Tomo mais uma vez a liberdade de ponderar a V. Ex<sup>a</sup> que ha tres annos passados, o Governo Imperial seguio as minhas indicações na reforma administrativa da conservação do Passeio Publico, o que lhe deu immediatamente o beneficio d'um serviço irreprehensivel e uma economia de 6:265\$000 reis anuais, não contando n'esta quantia o meu pequeno e antigo vencimento de administrador, que desde aquelle tempo (Novembro de 1883) não me foi pago; é em consequencia d'este caso que deixo ainda em branco o algarismo relativo ao meo trabalho nos dous jardins, esperando que V. Ex<sup>a</sup> attenderá com justiça a este meu humilde pedido, que, até agora, ficou sem solução alguma.

Além d'esta arbitrariedade, eis outras, que igualmente ficarão sem solução, se bem que já em data de 8 de Fevereiro do anno proximo findo, e a 15 de Janeiro de 1885, tenha requerido do Governo a sua attenção sobre ellas: Por officio Reservado de 24 de Março de 1881 do fallecido Conselheiro Buarque de Macedo fiquei incumbido de prover ao pagamento do pessoal empregado na conservação do jardim do Campo da Acclamação, pedindo dinheiro emprestado (Rs 51:077\$240) a juro de um por cento ao mez e com a maior difficuldade, desde 16 de Setembro de 1880 a 31 de Dezembro de 1881. Adiantei ainda para o mesmo fim, em Junho de 1883, a quantia de 3:042\$590 reis, que tambem não me foi restituida.

Factos são estes que parecem passar desapercibidos no Ministerio da Agricultura, e com os quaes estou ficando prejudicado além de meos diminutos recursos; espero entretanto, na integridade de V. Ex<sup>a</sup> para pôr termo a tão justo requerimento.

Deus Guarde a V. Ex<sup>a</sup>

Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1887.

Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> S<sup>ñr</sup> Conselheiro Antonio da Silva Prado,  
Ministro e Secretario dos Negocios da Agricultura, Commercio e  
Obras Publicas.

(Assignado) A. Glaziou.

Transcrito por Eloy Ferreira de Brito.

Fonte: Arquivo Nacional.

Código: IJJ<sup>2</sup>74 e IJJ<sup>2</sup>80 - Obras - Ministério do Império.

Ofícios do Engenheiro Augusto Francisco Maria Glaziou.